

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Karen Tolentino de Pires

**“CRESPA OU ALISADA”: OS DIFERENTES SIGNIFICADOS DA MANIPULAÇÃO
DO CABELO AFRO ENTRE MULHERES NEGRAS DA CIDADE DE SANTA
MARIA-RS**

Santa Maria

2015

Karen Tolentino de Pires

**“CRESPA OU ALISADA”: OS DIFERENTES SIGNIFICADOS DA MANIPULAÇÃO
DO CABELO AFRO ENTRE MULHERES NEGRAS DA CIDADE DE SANTA
MARIA-RS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, linha de pesquisa Identidades Sociais, Etnicidade e Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a Maria Clara Mocellin

Santa Maria

2015

Tolentino de Pires, Karen

CRESPA OU ALISADA: OS DIFERENTES SIGNIFICADOS DA
MANIPULAÇÃO DO CABELO AFRO ENTRE MULHERES NEGRAS DA
CIDADE DE SANTA MARIA-RS / Karen Tolentino de Pires.-
2015.

175 p.; 30cm

Orientadora: Maria Clara Mocellin
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2015

1. cabelo 2. identidade 3. negritude 4. mulher 5.
etnicidade I. Mocellin, Maria Clara II. Título.

“CRESPA OU ALISADA”:

**OS DIFERENTES SIGNIFICADOS DA MANIPULAÇÃO DO CABELO AFRO
ENTRE MULHERES NEGRAS DA CIDADE DE SANTA MARIA-RS**

elaborada por

Karen Tolentino de Pires

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação de Mestrado como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais

COMISSÃO EXAMINADORA:

Profa. Dr^a Maria Clara Mocellin
(Presidente/Orientador)

Profa. Dr^a Maria Catarina Chitolina Zanini

Profa. Dr^a Heloísa Corrêa Gravina

Santa Maria, 10 de julho de 2015.

AGRADECIMENTOS

Diversas pessoas contribuíram para a realização deste trabalho, em diferentes níveis e em diferentes momentos. A todas elas sou infinitamente grata.

Primeiramente agradeço ao meu esposo Lennon por me incentivar a mudar o rumo da minha vida através do estudo, bem como a me empenhar para ingressar no Mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria.

Aos grandes amigos e professores Marta Messias e Paulo Silveira por me apoiarem na seleção para o ingresso do mestrado, auxiliando a solucionar minhas dúvidas.

Aos meus pais por sempre estarem ao meu lado acreditando nos meus sonhos, apoiando as minhas escolhas, vibrando com minhas vitórias e me consolando nas derrotas. Sobretudo, à minha mãe que releu comigo várias vezes as páginas desta dissertação e auxiliou na execução desta pesquisa ao transmitir o seu conhecimento acerca dos ambientes de sociabilidade negra e do cabelo da mulher negra.

À minha amiga Eveline Pena por debater comigo assuntos diários que contribuíram para decidir estudar esta temática.

Agradeço imensamente à professora Maria Clara Mocellin, minha orientadora, pelos ensinamentos, pelo companheirismo, pela dedicação na orientação do trabalho e por compreender os momentos complexos que passei no decorrer do mestrado, como, a gestação, o casamento e a mudança de cidade.

Aos professores do Departamento de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria e à CAPES pelo financiamento da minha bolsa de pesquisa. Às professoras Maria Catarina Zanini e Heloisa Gravina pelas suas considerações e sugestões.

À cabeleireira Angelita, pela amizade e por sediar o seu salão de beleza para realizar a pesquisa de campo.

Ao Museu Treze de Maio, ambiente que me constituiu como mulher negra e que também me suscitou a estudar o cabelo da mulher negra.

Às mulheres negras pesquisadas neste estudo, que se mostraram gentis e disponíveis, e colaboraram comigo, abrindo espaços nas suas agendas para me relatar suas trajetórias de vida. Sem suas colaborações seria impossível a realização deste trabalho.

Aos meus familiares e amigos, com eles dividi minhas angústias e alegrias e ambos compartilharam comigo, em distintos momentos e muitas vezes de longe, as várias fases do mestrado.

Esta dissertação é dedicada à memória da minha avó Terezinha, seu sonho era ver os netos progredindo através do estudo. Também dedico esta dissertação à minha filha, Luana Dandara. Todo o meu estudo e esforço é em prol da sua felicidade.

RESUMO

O presente estudo aborda o cabelo da mulher negra na cidade de Santa Maria/RS como um sinal diacrítico de negritude. Trata-se de um estudo etnográfico realizado em dois ambientes: o salão da Angelita e o Museu Treze de Maio. No primeiro prevalecem os cabelos alisados e nsegundo os crespos. O trabalho tem como objetivo central analisar os diferentes significados atribuídos às distintas maneiras de manipulação do cabelo afro: alisamento, relaxamento, permanente afro, mega hair, tranças nagô e os crespos naturais. Por meio desta pesquisa percebeu-se que tal escolha está ligada às múltiplas identidades e ambientes de sociabilidade vivenciados por essas mulheres: o Museu Treze de Maio, o Carnaval, as “baladas”, e as festas solenes. No primeiro caso foi verificado que as mulheres passam por um “ritual de africanização” e, sobretudo, no último caso em grande parte há uma atenuação da negritude. São também levadas representações associadas a essa escolha, como por exemplo, a boa aparência para o trabalho e os relacionamentos amorosos. Também se verificou que a geração é uma variável importante para entender a escolha por determinada manipulação capilar, pois as mulheres mais velhas passam por um enfrentamento maior para utilizar o seu cabelo natural e, em contrapartida, para as mais novas há uma maior facilidade em assumi-lo. O fato das mulheres mais novas estarem mais abertas a assumirem seus crespos naturais deve-se ao fato de vivenciarem um momento de valorização da negritude. Tal processo pode ser entendido pela atuação dos movimentos ativistas negros, pelo processo de reafricanização e exaltação das “raízes” africanas, pelas políticas de ações afirmativas, dentre outros elementos.

Palavras-chave: Cabelo. Mulher negra. Negritude.

ABSTRACT

This study covers the hair of black women in the city of Santa Maria / RS as a diacritical mark of blackness. It is an ethnographic study in two environments: the Angelita's beauty saloon and the Treze de Maio Museum, the first prevail straightened hair and the second the curly hair. The work is mainly aimed to analyze the different meanings the different ways of african hair manipulation: smoothing, relaxing, African permanent hair extensions, Nago braids and natural curly. Through this research it is clear that such a choice is linked to the multiple identities and social environments experienced by these women: The Treze de Maio museum, the Carnival, the "ballads", and feasts. In the first case it was found that women undergo a "ritual of afrization" and especially in the latter case, largely, there is a lessening of blackness. Are also taken representations associated with that choice such as good looks for work and loving relationships. It was also found that the generation is an important variable to understand the choice determined by capillary handling, for older women undergo a major face to use your natural hair and, on the other hand, for younger, makes it easier for assumed it. The fact that younger women are more open to take its natural curly is because of experiencing a moment of appreciation of blackness. This process can be understood by the performance of black activist movements, re-africanization process and exaltation of the African "roots", by affirmative action policies, among other elements.

Keywords: Hair. Black women. Blackness.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Taís Araújo com big chop.....	14
Figura 2 - Taís Araújo um ano após realizar o big chop	14
Figura 3 - Foto postada na página do Facebook “As Negas do Ziriguidum”	17
Figura 4 - Foto postada na página do Facebook “As Negas do Ziriguidum”, ilustrando um cabelo liso e um cabelo volumoso	19
Figura 5 - Cabelo com a raíz crespa e as pontas lisas	20
Figura 6 – Organograma das mulheres entrevistadas	28
Figura 7 - Angelita Marques.....	46
Figura 8 - Sheron Menezes em 2014.....	49
Figura 9 – Ananda	51
Figura 10 - Primeira residência e Salão da Angelita que eu conheci	52
Figura 11 - Casa da Angelita na Rua Marechal Deodoro.....	54
Figura 12 - Terceira casa da Angelita que conheci	54
Figura 13 - Apartamento em que a Angelita morou.....	55
Figura 14 - Foto do terreno onde a Angelita mora tirada em 2011, antes da casa ser construída	55
Figura 15 - Foto da casa da Angelita.....	56
Figura 16 - Entrada do Salão da Angelita	56
Figura 17 - Poltrona, espelho.....	57
Figura 18 - Fundos do salão da Angelita.....	57
Figura 19 - Estante de esmaltes	57
Figura 20 - Foto da capa do grupo Angelita Cabeleireira no Facebook.....	59
Figura 21 - Fotos expostas no grupo no Facebook Angelita Cabeleireira	59
Figura 22 - Mari, cliente da Angelita	64
Figura 23 - Mauren, ex-cliente da Angelita e Professora da Companhia do Axé sediada no Museu Treze de Maio	66
Figura 24 - Mariane e Xandi	70
Figura 25 - Mariane e sua mãe Suzete	70
Figura 26 - Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras no Santa Maria em Dança em 2008.....	73
Figura 27 - Aula Inaugural da Cia do Samba	74
Figura 28 - Coletivo Juventude Negra Feminina de Santa Maria-RS homenageando Maria Rita Py Dutra no 1º Sarau de Poesia da JuNF	75
Figura 29 - Aula Inaugural da Companhia do Axé	77
Figura 30 - Jamaica desfilando no carnaval de rua de Santa Maria em 2011 como porta-bandeira da escola de samba Barão do Itararé.....	78
Figura 31 - Daniele de cabelos crespos com mechas loiras	84
Figura 32 - Daniele de escova	84
Figura 33 - Eveline na sua formatura em Publicidade e Propaganda – Unifra em 2009	85
Figura 34 - Eveline com o cabelo relaxado	86
Figura 35 - Eveline com tranças	86
Figura 36 - Eveline de Black Power em 2014.....	86
Figura 37 - Fotos das filhas de Preta	89

Figura 38 - Foto de Preta e Jamaica	89
Figura 39 – Lilian no desfile na Harmonia da Vila Brasil, com filhos e sobrinhos dos seus colegas	90
Figura 40 – Lilian	90
Figura 41 - Geanine Escobar no espetáculo Assuma sua Negritude	92
Figura 42 – Geanine	92
Figura 43 - Giane de black power	95
Figura 44 - Anelise na Escola de Samba Vila Brasil.....	96
Figura 45 - Anelise e sua mãe	96
Figura 46 - Letícia sambando com a Cia do Samba no Camafeu	97
Figura 47 – Letícia	97
Figura 48 - Luana e Letícia	98
Figura 49 - Família da Luana e Letícia no dia em que Luana iria passar a faixa de Bela do Ébano	101
Figura 50 - Paola de tranças	102
Figura 51 - Paola de cabelo liso	102
Figura 52 – Tatiele	103
Figura 53 – Paola.....	116
Figura 54 - Fotos do dread que Preta fez em seu esposo.....	120
Figura 55 - Paola de dradlook	120
Figura 56 - Anelise no Fesman.....	125
Figura 57 - Daniele nas fotos pra formatura.....	127
Figura 58 - Paola de tranças quando fez as fotos para a formatura e de cabelo liso no dia da colação de grau	128
Figura 59 - Geanine na formatura	128
Figura 60 – Mulheres pesquisadas por relacionamento	136
Figura 61 – Parceiros das mulheres pesquisadas.....	137

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	12
REFLEXÕES ACERCA DO TRABALHO DE CAMPO	24
DISCUSSÃO TEÓRICA.....	32
1. ETNOGRAFIA NO SALÃO DA ANGELITA	46
2. ETNOGRAFIA NO MUSEU TREZE DE MAIO.....	72
2.1 OFICINAS REALIZADAS NO MUSEU TREZE DE MAIO	72
2.2 MULHERES DO MUSEU TREZE DE MAIO	77
3. MANIPULAÇÃO DE CABELO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM SANTA MARIA-RS.....	105
3.1 DIFERENTES FORMAS DE MANIPULAÇÃO DO CABELO AFRO	105
3.1.1 Cabelo Natural.....	105
3.1.2 Relaxamento	108
3.1.3 Alisamento.....	110
3.1.4 Permanente Afro.....	113
3.1.5 Tranças Nagô.....	115
3.1.6 Mega Hair.....	118
3.1.7 Dreadlocks.....	120
3.2 CABELO E A BOA APARÊNCIA PARA O TRABALHO/ FESTAS/ MUSEU TREZE DE MAIO/ CARNAVAL.....	122
3.2.1 Alisadas	122
3.2.2 Crespas com manipulações químicas e/ou aplicação de mega hair	124
3.2.3 Crespas “naturais”	126
3.2.4 Trançadas.....	130
3.3 CABELO E BOA APARÊNCIA PARA O TRABALHO	130
3.5 CABELO E PENTEADOS EM DETERMINADOS ESPAÇOS: O MUSEU TREZE DE MAIO, AS ESCOLAS DE SAMBA, AS BALADAS E SOLENIDADES	132
3.6 CABELOS E RELACIONAMENTOS	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS	149
ANEXO A - Roteiro de questionário para entrevistas da pesquisa.....	153
ANEXO B – Descrições Capilares	162

INTRODUÇÃO

CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

É de suma importância descrever como surgiu o interesse para a realização deste estudo e a escolha do objeto, até porque minha história de vida e meu cotidiano estão totalmente imbricados neste contexto.

O projeto de pesquisa inicial para o ingresso no mestrado em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria era acerca dos espaços de sociabilidade do samba em Santa Maria, RS. O tema está totalmente vinculado a minha história de vida, uma vez que moro em Santa Maria desde que nasci; frequentei escolas de samba no município desde os sete anos de idade e durante a minha adolescência. Também, na fase adulta, frequentei muitos lugares onde havia apresentação do samba e seus subgêneros, bem como fui professora de uma companhia de dança que teve sua sede no Museu Treze de Maio¹ chamada Companhia do Samba, fundada em outubro de 2012. Portanto, considero que estes fatores influenciaram a escolha por estudar a temática do samba.

No entanto, a partir de reflexões a respeito do cabelo da mulher negra resolvi trocar o tema. Em um primeiro momento, como possuía um grande interesse por ambas temáticas, pensei em realizar apenas um artigo científico acerca do cabelo da mulher negra e a dissertação a respeito do samba em Santa Maria. Contudo, a cada evento que eu participava, a cada roda de discussão (por mais informais que estas fossem), a cada fato que eu observava e ocasião que presenciava, o cabelo foi despertando maior interesse e, então, inverti o meu objeto de estudo escolhendo a manipulação do cabelo afro como tema.

Em todos ambientes que frequentei, constantemente surgiam diálogos acerca do cabelo. No banheiro da academia onde eu dava aula, na sala de aula do mestrado, nas reuniões com as amigas, no Museu Treze de Maio, entre tantos outros lugares em que eu comparecia, sempre era dito algo a respeito do cabelo. Geralmente as mulheres elogiavam ou faziam algum comentário sobre o cabelo de alguma delas que tinha cortado, pintado ou feito outro tipo de manipulação, ou ainda trocavam ideias e truques a respeito do cabelo. A partir de então, eu pensava a respeito dos significados refletidos nestas conversas, assim como nas escolhas pelas diferentes formas de manipulação capilar pois, como constata Felix (2010),

¹ Museu Treze de Maio: Espaço negro centenário de preservação de bens materiais e imateriais situado na cidade de Santa Maria-RS.

percebe-se que o cabelo tem sido um elemento visível de caráter identitário ao longo dos séculos. Observei também os vários significados que o cabelo pode representar na vida de uma pessoa, principalmente na vida das mulheres. Certa vez vi uma postagem em uma rede social que dizia que “todo ato estético também é um ato político”, pois mesmo involuntariamente assumimos nossos pensamentos e opiniões quando, por exemplo, usamos determinado tipo de cabelo. De acordo com o estilo do cabelo de uma pessoa, há grandes possibilidades de saber as características que a definem, como, por exemplo, se ela é moderna ou tradicional, se é despojada, vaidosa, ou ainda, se defende alguma idealização como são os casos dos emos², hippies³ e rastafaris⁴. No que concerne aos movimentos sociais isso é mais explícito, como o caso de algumas feministas que não pintam o seu cabelo com o propósito de alegar que a mulher não precisa mostrar juventude eterna, o que é contrária à situação dos homens, pois para eles na maioria das vezes o cabelo branco é visto como um charme.

Ressalta-se que essas representações são formas de conhecimento socialmente compartilhadas e elaboradas pelas sociedades (DURKHEIM, 1994), ou seja, nossas ideias estão relacionadas com o meio social em que estamos inseridos. Acentua-se ainda a relação cabelo *versus* profissão, em que muitas vezes, o estilo do cabelo da pessoa pode estar relacionado à profissão que ela exerce. Isso é, não é difícil encontrar diferenças capilares entre atores, advogados, publicitários e professores. Em cada tipo de manipulação de cabelo que utilizei, observei reações diversas e recebi uma diversidade de comentários, assim como também tive diferentes comportamentos diante de cada mudança capilar realizada por alguma amiga ou conhecida; e considero que essas percepções auxiliaram muito na escolha desta temática de estudo. Sempre ocorre um debate sobre o cabelo modificado, se a pessoa fica melhor lisa ou crespa, com tinta ou sem tinta ou ainda, se uma mulher famosa ficou bem com tal mudança.

Personalidades brasileiras que foram muito faladas em função do seu cabelo são a jornalista Fátima Bernardes⁵ e atriz Taís Araújo⁶. Depois de estar na bancada de um jornal televisivo em rede nacional durante anos com o mesmo estilo de cabelo (curto), a jornalista

² Emo: é uma cultura alternativa, um estilo de vida, que se propagou pelo Brasil e pelo mundo. Vem do termo emotional hardcore, um estilo de música dos anos 80 pertencente ao punk rock caracterizado pela musicalidade melódica. Disponível em <<http://www.significados.com.br/emo/>>. Acesso em junho de 2015.

³ Hippie: *Hippie* é um substantivo masculino que descreve um movimento cultural que surgiu na década de 50. Além disso, *hippie* também serve para descrever um indivíduo que segue este movimento. Disponível em <<http://www.significados.com.br/hippie/>> Acesso em junho de 2015.

⁴ Rastafari: Movimento místico, político e cultural dos negros da Jamaica (a música reggae e o cantor Bob Marley são as representações desse movimento) que também é evidenciado por um estilo de cabelo.

⁵ Fátima Bernardes: Jornalista brasileira.

⁶ Taís Araújo: atriz brasileira.

não podia realizar uma modificação capilar que ocorria uma polêmica. Quando a atriz Taís Araújo realizou um big chop⁷ (Figura 1) houve uma grande discussão a respeito de como ela tinha ficado e as pessoas indagavam se era melhor a atriz ter cortado ou não o seu cabelo.

Figura 1 - Taís Araújo com big chop.



Fonte: Google⁸.

Figura 2 - Taís Araújo um ano após realizar o big chop.



Fonte: Google⁹.

A aparência, própria e dos outros, se instaura como um tema constante das conversas (GIACOMINI, 2006). Em um dos dias em que fui ao salão da Angelita¹⁰, estava sendo transmitida uma novela em que a Taís Araújo aparecia, cerca de um ano após a realização do seu big chop (Figura 2), e a Angelita comentou que não tinha gostado do cabelo da atriz. Ressalto que a Angelita sempre elogiava os meus cabelos crespos, ao contrário do que fazia com outras clientes, pois já a observei sugerindo o uso da escova progressiva para algumas. Entendo que a cabeleireira fazia a propaganda das suas manipulações capilares, mas penso que talvez o seu gosto pessoal estivesse revelando-se. Também pressuponho que o ponto de vista da Angelita pode dar-se devido ao meu cabelo já estar em um comprimento bem maior do que o da atriz, ainda mais visto que o cabelo comprido é considerado o sonho de algumas mulheres, sobretudo as negras. Cabe salientar que em sua monografia acerca dos elementos

⁷ Big Chop: significa "Grande Corte". Na prática é quem decide voltar ao seu cabelo natural. Este termo é utilizado para se referir ao corte de toda a parte com química do cabelo. Quem faz o Big Chop geralmente corta o cabelo bem baixinho ou até mesmo raspa toda a cabeça para ter o cabelo totalmente natural novamente.

⁸ Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=ta%C3%ADs+araujo&es_sm=93&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=zI6nU5CLApPjsATH64GYCg&ved=0CAgQ_AUoAQ&biw=1366&bih=659>. Acesso em: junho de 2015.

⁹ Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=ta%C3%ADs+araujo&es_sm=93&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=zI6nU5CLApPjsATH64GYCg&ved=0CAgQ_AUoAQ&biw=1366&bih=659#q=tais+araujo+na+novela+gera%C3%A7ao+brasil&tbm=isch>. Acesso em: junho de 2015.

¹⁰ Angelita é cabeleireira e dona do salão de beleza onde foi realizado o trabalho de campo para esse estudo.

estéticos em mulheres negras do Distrito Federal, Santos (2009) concluiu que o anseio das mulheres negras em ter cabelos longos pode estar vinculado a uma tentativa de embranquecimento, de modo que assim serão mais aceitas na sociedade. Quando Taís Araújo começou sua carreira de atriz, ela era uma das poucas atrizes negras que apareciam na televisão, e era considerada o ícone da beleza negra brasileira. Acredito que Taís Araújo seja a atriz negra brasileira que mais apareceu com estilos de cabelos diferentes, no entanto, essa foi a primeira vez que apareceu com um cabelo totalmente curto. Ainda assim, em alguma das vezes que apareceu com o cabelo na altura dos ombros, ao contrário de hoje, era perceptível que ele tinha passado por manipulações químicas de relaxamento e permanente afro. Muitas mulheres negras afirmam que o seu cabelo não cresce, que estão sonhando com o dia em que ele fique comprido, que o big chop exige coragem e, portanto, entendo que o cabelo muito curto ainda seja uma barreira para muitas mulheres.

No que concerne ao cabelo afro, várias discussões acerca das distintas manipulações despertaram o meu interesse para repensar o cabelo sob um viés antropológico, visto que ele constitui um dos principais ícones da identidade negra, por ser o símbolo decodificador da pertença étnica racial (MONTEIRO, 2008).

A escolha pela utilização de distintas formas de manipulação, como a utilização do Black Power e dos alisamentos está imbricada em significados importantes que me trazem dados para refletir sobre as relações raciais.

As ocasiões que despertaram meu maior interesse estão muito ligadas ao debate que o Movimento Negro gera acerca da escolha de como os negros devem manipular os seus cabelos. A polêmica sobre os crespos *versus* lisos não tem fim, visto que de acordo com Simões (2010), um cabelo considerado natural pode ser interpretado como uma construção resultante de uma marca étnica predominante brasileira (cabelos escuros, crespos e cacheados) em contraposição a uma marca étnica europeia. Para Sartre (1965), devido ao seu estereótipo e principalmente a sua cor, o negro não pode fugir da sua asserção e por isso não há alternativa a não ser declarar-se como tal. A tentativa de embranquecimento do negro é em vão, uma vez que através da sua cor, dos seus traços faciais (principalmente nariz e boca) e do seu cabelo, o negro é facilmente identificado. Por essa razão, o negro precisa dizer: sou negro e tenho orgulho da minha condição (SARTRE, 1965).

Para o Movimento Negro, o indivíduo negro que tem orgulho da sua condição significa que aceita suas origens, sua cultura e seus traços, como nariz, boca, cor e cabelos e por isso deve aceitar as suas características físicas próprias, por exemplo, utilizando o seu cabelo natural. No entanto, as mulheres negras alisadas discordam desta proposição. Falo isso

não só pelo que observo ao meu redor, mas principalmente porque já estive sob o olhar das duas perspectivas, pois quando alisava os meus cabelos já dançava no grupo de dança afro Euwá Dandaras¹¹, que também tem como sede principal o Museu Treze de Maio e, sendo assim, está relacionado ao Movimento Negro. Hoje crespa “naturalmente” (e coloco entre aspas porque meu cabelo passa por colorações), continuo a frequentar o Museu Treze de Maio e a minha visão sobre essas questões mudou, uma vez que a identidade não é fixa, pois modifica-se ao longo de um período de tempo e espaço e é de caráter plural, já que é associada aos diferentes espaços sociais do qual o indivíduo participa e se referencia (HALL, 2011). Portanto, consigo entender o ponto de vista das alisadas, inclusive as pertencentes ao Movimento Negro, assim como a posição do próprio movimento e o ponto de vista das crespas. Vejo uma imposição do Movimento Negro para que os negros assumam seus Black Powers e abandonem os pentes quentes, chapinhas e afins, e lembro que quando era alisada me sentia discriminada, pois sempre gostei de ser negra e, na minha visão, apenas queria ter os cabelos lisos.

Na época em que eu alisava os meus cabelos, acreditava que para mim isso era uma escolha que cada mulher possuía a total liberdade de exercer. Todavia, a partir dos pressupostos de Durkheim (1994), percebo que as escolhas individuais são mediadas pelas representações sociais do grupo social em que o indivíduo está inserido. A posição do Movimento Negro em relação à manipulação do cabelo é de que esta deve ser uma escolha individual e nunca uma imposição da sociedade, seja nas interações familiares e de amizade ou no mundo do trabalho. No entanto, esta conjuntura não funciona simplesmente assim, pois mesmo que em seu discurso o Movimento Negro alegue não diferenciar as mulheres de acordo com suas manipulações de cabelo, elas sentem-se diferenciadas. Afirmo isso pelas minhas observações na Internet, pelo que escuto das minhas amigas e conhecidas alisadas, pelo que já senti enquanto alisada, pela mudança do meu ponto de vista, de lisa para crespa, e principalmente pela minha inserção em campo no salão da Angelita, assim como, no movimento negro santa-mariense (onde verifiquei poucas negras alisadas).

Outro espaço importante para a escolha do objeto de pesquisa foi a Internet. Saliento a página do Facebook¹², As Negas do Ziriguidum¹³ (Figura 3), que exhibe fotos e desenhos de pessoas negras, sendo homens, mulheres, casais, famosos, crianças, além de também

¹¹ Euwá Dandaras: grupo de dança afro ligado ao Museu Treze de Maio de Santa Maria,RS.

¹² Facebook: rede social lançada em 2004.

¹³ As Negas do Ziriguidum: Página de Facebook. Disponível em <<https://www.facebook.com/AsNegasDoZiriguidum>>

apresentar imagens que ressaltam tendências da moda voltadas para o público negro. Dentre uma e outra postagem, acontece uma discussão a respeito das distintas formas de manipulação do cabelo e os administradores da página instigam que isso aconteça, pois as postagens muitas vezes contêm fotos que estimulam os membros da página a manifestarem suas opiniões.

Figura 3- Foto postada na da página do Facebook “As Negas do Ziriguidum”.



Fonte: Facebook¹⁴.

Cabe acentuar também que a partir da procura de cuidados para o meu cabelo afro encontrei no Youtube¹⁵ vários tutoriais acerca do cabelo da mulher negra, como e com que produtos hidratar, como realizar amarrações de turbantes e muitas outras formas de manipulação. Um dos tipos de vídeos mais postados é o de mulheres contando a história do seu cabelo. Observei inclusive, vídeos em que os maridos davam depoimentos falando sobre o cabelo de suas mulheres e isso também me suscitou total interesse sobre essa temática. Essa página e esses tutoriais foram muito importantes para as minhas reflexões e para chegar à decisão de realizar este estudo.

Também escolhi este tema por questões que são importantes de serem compartilhadas, principalmente devido ao fato de eu ser uma mulher negra e ter um cabelo crespo.

Desde criança, ao frequentar a escola, enfrentei muito preconceito com relação ao meu cabelo. Lembro que por volta da pré-escola, certa vez levei uma escova na aula, para caso ficasse escabelada de tanto brincar, e fui zoada pelos meus colegas. Na televisão não tinha ninguém em quem me espelhar, visto que o meu programa preferido e que assistia todos os

¹⁴ Disponível em <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=759235587430743&set=a.489460611074910.107689.480103062010665&type=3&theater>>. Acesso em: junho de 2015.

¹⁵ Youtube: é um site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da Internet.

dias era o Show da Xuxa e as paquitas¹⁶, onde eram todas loiras. Lembro que tinha uma amiga branca de cabelo ondulado e brincávamos de eu ficar penteando ela. Ao contrário disso, no meu caso, eu sofria muito na hora de pentear o cabelo, pois minha avó puxava tanto que chegava a irritar o couro cabeludo. Todas as Barbies¹⁷ tinham cabelos lisos e a vontade de ter um cabelo liso e esvoaçante percorreu toda a minha infância até chegar à adolescência e, mais adiante, na fase adulta.

Desde então, passei por uma série de manipulações distintas no meu cabelo, de forma que até pouco tempo atrás eu não sabia como era a estrutura do meu cabelo fidedignamente. Quando fiz o big chop pela última vez e pretendia não realizar nenhum tipo de manipulação química (já que na primeira vez pretendia fazer permanente afro), não sabia como o meu cabelo ia ficar, porque realmente o desconhecia. Hoje, após mais de três anos sem a utilização de produtos químicos capilares, utilizo o cabelo natural.

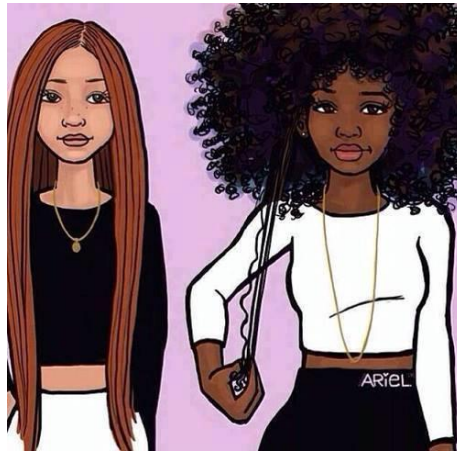
Utilizei relaxantes¹⁸ para a raiz capilar ficar menos volumosa por diversas vezes. Esses produtos possuem um mau cheiro enquanto aplicados, mas propiciam um efeito rápido. Este cheiro é forte e parecido com algo estragado ou esgoto, e quando a pessoa está bem próxima ao produto, às vezes arde o nariz. A raiz do cabelo fica menos volumosa e, diante disso, eu já visualizava passear com o cabelo solto (o que eu não fazia em nenhuma hipótese devido principalmente ao volume), além de apreciá-lo comprido, pois o cabelo crespo conta com o fator encolhimento. Ele cresce da mesma forma que os outros tipos capilares, mas visivelmente ele fica por um bom tempo no mesmo tamanho.

¹⁶ Paquitas: Dançarinas assistentes de palco do extinto Programa da Xuxa, normalmente altas e loiras.

¹⁷ Barbie: boneca criada em 1958, considerada um ícone de padrão de beleza e líder de vendas entre todas as bonecas jamais criadas.

¹⁸ Relaxante: Produto químico que deixa o cabelo menos crespo.

Figura 4 - Foto postada na página do Facebook “As Negas do Ziriguidum”, ilustrando um cabelo liso e um cabelo volumoso.



Fonte: Facebook¹⁹.

O cabelo volumoso hoje é valorizado, mas há alguns anos atrás a maioria das mulheres fugia do volume, inclusive as negras, que sua grande parte possuem o cabelo volumoso (Figura 4).

Apliquei também a utilização do henê, um alisamento de sucesso nos anos 60 (GIACOMINI, 2006), que também tinge. As mulheres que conhecem o cosmético já enxergam de longe quem usa henê, devido ao preto reluzente. Existe também o tipo de henê incolor, mas segundo muitas mulheres, ele não propicia o mesmo efeito liso que o preto proporciona. Diante de tantos novos produtos voltados para o alisamento do cabelo crespo, hoje o henê é considerado antigo, embora ainda muito utilizado. Este produto me possibilitou um cabelo liso e comprido, mas o trabalho era imenso. Quando eu utilizava henê, tinha que colocar jornal em todo banheiro, porque onde caía o produto era muito difícil de limpar. Tinha outro problema, o cheiro do henê: ele não era mal cheiroso e não tinha um odor forte como os outros alisantes²⁰ e relaxantes, pois primeiramente o cheiro era normal, mas no momento que a gente suava, mesmo que tivesse sido dias após a utilização do produto, exalava um cheiro que, embora não fosse tão desagradável, não era um cheiro prazeroso. E havia mais algumas objeções: os bobs²¹, as toucas de grampo, o secador e a chapinha que eram utilizados para auxiliar o alisamento e deixar o cabelo ainda mais liso. O cabelo manipulado com henê era

¹⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/AsNegasDoZiriguidum/photos/a.489460611074910.107689.480103062010665/788871067800528/?type=1&theater>>. Acesso em: junho de 2015.

²⁰ Alisante: Produto químico que deixa o cabelo liso.

²¹ Bobs: Também conhecidos como rolos, é um cilindro de material plástico, leve e oco, usado para enrolar uma madeixa de cabelo.

bonito, mas dava muito trabalho. Como era possível utilizar semanalmente o produto e como também gostei muito do resultado, pois a cada manipulação a raiz ficava mais lisa, passei a manipular semanalmente o cabelo com o produto até que um dia ele começou a quebrar. O aspecto do cabelo tornou-se ralo e não tive outra saída a não ser cortar. Outro fato que me enjoava e que também já observei muitas mulheres reclamando é a cor do henê. Cansava ficar sempre com o cabelo preto e para tirar essa cor só removendo todo produto. Primeiramente, pretendia não cortar, mas o visual de pontas lisas e raiz crespa (Figura 5) me incomodaram tanto que acabei realizando o big chop.

Figura 5 - Cabelo com a raiz crespa e as pontas lisas.



Fonte: Google²².

Dentre a série de modificações que fiz, aderi às tranças, as quais eram a saída para quando os cabelos estavam muito quebradiços e ressecados. Era uma alternativa também para quem havia realizado o big chop e tinha receio de apresentar-se com os cabelos curtos. Como já descrevi, a primeira vez que realizei o big chop foi com o intuito de tirar o henê e a segunda, quase sete anos depois, para remover um relaxante. Dentre os diversos tipos de tranças afro existentes, pode-se aplicar um cabelo sintético popularmente conhecido como canecalon²³, e assim proporcionar o desejo de muitas mulheres de ter cabelos longos. Utilizei tranças afro compridas, médias, curtas, loiras, castanhas, soltas e também nagôs (raiz). A desvantagem era que as tranças iam escabelando facilmente e eu tinha que recorrer à minha amiga trançadeira e realizar um retoque, no máximo quinzenalmente, pois o aspecto das tranças escabeladas não me agradava. Com o tempo aprendi a fazer tranças, porém sem a rapidez que a minha amiga trançadeira realizava. Cabe salientar que há anos atrás fui criticada por pessoas que frequentavam o Museu Treze de Maio por utilizar tranças e não assumir o

²² Disponível em <<https://www.google.com.br/search?q=cabelo+transi%C3%A7%C3%A3o&tbm=isch&ei=ap-nU-8krt6wBN-kgaAC>>. Acesso em: junho de 2015.

meu cabelo natural. Por esse motivo, é de suma importância refletir se a manipulação do cabelo com tranças é uma tentativa para enegrecer ou embranquecer, levando em conta as concepções étnicas do Movimento Negro.

Mediante a minha experiência como participante do movimento e de outros locais de sociabilidade negra em Santa Maria, vejo a importância de contextualizar algumas discussões levantadas pelo Movimento Negro e que podem ajudar a entender como as relações raciais são construídas na cidade.

Um exemplo disso é como o Movimento Negro classifica as diferentes formas de manipulação do cabelo afro, em formas de “enegrecer” ou “embranquecer” os indivíduos negros. Para Santos (2009), a utilização ou não de produtos químicos para alisamento, a coloração dos cabelos e a colocação ou não de apliques nas tranças para tornar os cabelos longos, se assemelham a artifícios branqueadores e feminilizantes de traços fenotípicos negros. No que concerne ao movimento negro santa-mariense, no contexto atual, o cabelo crespo e as tranças são classificados como uma forma de enegrecimento, e o cabelo alisado e mega hair como uma tentativa de embranquecimento. Porém, existem opiniões que discordam dessa perspectiva, as quais discorrerei posteriormente. Devido a estas circunstâncias, considero que é de suma importância analisar essas concepções, assim como a sua repercussão, sobretudo, nos ambientes de sociabilidade negra, para um melhor entendimento da sua significação na vida das pessoas.

Utilizei também o permanente afro, o qual deixava o cabelo crespo, mas sem muito volume. Com este tipo de manipulação eu nunca me preocupava em como estava o meu cabelo, pois lavava, passava o creme finalizador e ele estava pronto sem causar incômodo. No entanto, a falta de cuidado fez que com o cabelo enfraquecesse, uma vez que o cabelo crespo que é manipulado quimicamente necessita do dobro de zelo por estar mais frágil que os outros tipos de cabelo. Então, o maior problema foi quando precisei usar uma tinta para emparelhar a cor e os cachos desapareceram, tornando assim um aspecto de cabelo espigado. Para solucionar o problema voltei às tranças.

Mais tarde utilizei, por cerca de seis anos, mega hair²⁴ de variados estilos, comprimentos e cores, e consegui assim realizar o sonho de ter cabelos longos e lisos. Utilizei louro (um visual muito usado pelas americanas como Beyoncé²⁵), castanho, preto comprido

²³ Canecalon: Cabelo sintético usado para aplicação de tranças.

²⁴ Mega Hair: Aplicação de cabelos naturais ou não, geralmente longos e/ou volumosos, que tem como intuito modificar a estrutura capilar natural da pessoa.

²⁵ Beyoncé: uma das cantoras americanas mais famosas da atualidade.

ondulado e preto curto liso com franja. O mega hair também me deu muito trabalho, pois como eu o utilizava ondulado e liso, que era uma estrutura diferente do meu cabelo natural, precisava utilizar relaxante no meu cabelo para depois colocar o mega hair. Sempre quis um cabelo crespo e comprido, como o que a maioria das passistas negras do Rio de Janeiro utiliza, mas aqui em Santa Maria este cabelo era raro de se encontrar à venda. Conheci um dos melhores salões de beleza especializados em manipulação de mega hair em Santa Maria, que encomendava um cabelo crespo que ficaria bem mais parecido com o meu, mas custava em torno de R\$1200,00, diferente do encontrado no Rio de Janeiro, onde era mais barato.

Com a decisão de utilizar o cabelo com mega hair, fui a outro salão e paguei cerca de R\$700,00 para comprar cabelo e vim com um rabo de cabelo ralo. A propaganda da cabeleireira era de que a quantidade era indiferente pois, caso a cliente pagasse os R\$700,00, teria uma aplicação de mega hair em toda cabeça. Sendo assim, voltei ao salão no centro de Santa Maria e, após alguns pedidos meus, a cabeleireira aplicou mais mega hair em meu cabelo. Voltei mais uma vez, resultando em um total de três, vezes e então a cabeleireira disse que caso eu quisesse mais mechas de cabelo teria que pagá-los. As colas de queratina eram visíveis e o meu cabelo natural era crespo, diferente do ondulado do mega hair. Ainda assim, a cabeleireira apenas aplicou o mega hair e não indicou um relaxamento para deixar a estrutura do meu cabelo mais próxima do mega Hair. Meu sonho tornou-se uma decepção. Foi então que me indicaram o salão da Angelita, pois ela colocava mega hair em mulheres negras e o efeito no meu cabelo ficou satisfatório.

No entanto, após algum tempo, minhas condições financeiras não estavam mais possibilitando a manipulação do mega hair. Por conta disso, comprei uma pinça e eu mesma, após ver como a Angelita realizava a manutenção, comecei a colocar o alongamento em meus cabelos. Contratei também uma amiga que sabia o procedimento, pois era filha de uma cabeleireira e cobrava um preço bem mais barato, já que não era especialista na área como a Angelita. Eu ainda comprava cabelos, pois como utilizava o cabelo liso - e em consequência disso, usava muitas vezes a chapinha - perdia muitos fios de cabelo. Para tirar a queratina, cola que era utilizada na aplicação do mega hair, muitos cabelos quebravam. Mas cabe salientar que na maioria das vezes esse visual chamava muita atenção de homens negros e brancos e também me parecia que o cabelo liso (ou pelo menos ondulado) e comprido era um elemento importante para os homens escolherem suas parceiras, namoradas ou paqueras eventuais.

Foram anos e anos assim, até que eu não aguentei mais. Eu não queria mais ser dependente dessas manipulações. Queria fazer um rabo de cavalo sem ter que ficar cuidando

para que as tranças escabeladas embaixo e as colas do mega hair não ficassem aparecendo. Não tinha mais paciência para fazer chapinha todo dia, ainda mais porque, devido à minha profissão de professora de dança, meu couro cabeludo transpirava muito. Queria depender no máximo do shampoo, condicionador e de um creme finalizador.

Quando parei de utilizar o mega hair, não tive coragem de utilizar o big shop e fiquei uns bons meses de tranças até o cabelo crescer um pouco. Esse é o conhecido período de transição, processo pelo qual as mulheres passam para poder retirar todo e qualquer vestígio de produtos químicos de seus fios, geralmente associado à utilização frequente e ininterrupta de tranças (SANTOS, 2009). Confesso que tinha receio de como meu esposo, na época noivo, iria encarar essa mudança, mas ele andou comigo de cabelo curtinho, e me tranquilizava dizendo que meu cabelo iria crescer logo. Falava ainda que preferia o meu cabelo natural às colas de queratina que às vezes enxergava em meu cabelo. Saliento que meu noivo é negro e adepto da cultura afro-brasileira. Após utilizar o cabelo “natural”, o máximo de manipulação que realizei desde então foi a descoloração de algumas mechas do meu cabelo.

Durante vinte e poucos anos utilizando diferentes estilos capilares, pude vivenciar as vantagens e desvantagens de cada um. Percebo, pela minha experiência de ter utilizado diferentes formas de manipular o cabelo, que elas suscitam discussões que vão além da técnica e trazem a tona uma discussão de ordem étnica-racial associadas às relações raciais tecidas, sobretudo, nos espaços de sociabilidade como a família, a escola, espaços de lazer, clubes sociais, entre outros.

Permanecem as questões acerca de por qual motivo as mulheres escolhem e preferem manipular o cabelo de tal forma, diante de tantas outras manipulações disponíveis. Saliento o meu interesse em estudar o cabelo da mulher negra, devido à todas as alterações que fiz no meu cabelo e nos significados que estão envolvidos neste processo, assim como pelo que percebo ao meu redor nos ambientes de sociabilidade negra. Com o presente estudo pretende-se entender os aspectos importantes que podem ajudar a compreender as escolhas por diferentes modos de manipular o cabelo, tanto relacionado a um estilo de vida e a uma estética negra quanto considerando as variáveis como geração, classe social e trabalho e também levando em conta representações associadas à essas escolhas, como, por exemplo, a boa aparência, o par ideal, assim como, outros fatores que podem determinar essa escolha.

Diante de todas essas questões que foram explanadas, como, os meus dilemas e anseios em relação ao meu cabelo, bem como, a procura por tutoriais de manipulação do cabelo crespo e o meu convívio com outras mulheres negras, preferi que o público do presente estudo fosse apenas gênero feminino, embora que os homens, mesmo que indiretamente

façam parte deste estudo. Além disso, diante de tantas circunstâncias que estão relacionadas ao cabelo, e como o estudo teria a duração de mais ou menos dois anos, achei necessário delimitar o público alvo desta dissertação. No entanto, é importante ressaltar que o cabelo do homem negro também pode ser analisado como um símbolo da negritude e do mesmo modo que as mulheres, muitos homens que utilizam o cabelo crespo naturalmente também são vítimas do preconceito racial. Todavia, existem muitos homens de black power, trançados e rastafáris, mas a maioria dos homens negros usa o cabelo curto, “raspado na máquina”. Ou seja, os cabelos compridos são mais vistos em mulheres e os curtos em homens, o que está associado a ideia de feminilidade e masculinidade. Isto é verificado em muitos ambientes, mas cito como exemplo a profissão militar, em que para o homem é obrigatória a utilização do cabelo curto e em contrapartida, a mulher não tem essa necessidade. Quando os homens negros crespos, trançados, ou com dreadlocks utilizam cabelos compridos e desejam cortá-los, não demonstram grandes incômodos em cortar seus fios capilares, ou seja, não passam por todo esse enfrentamento que a mulher sofre ao ter que usar o cabelo curto. Também por essa “despreocupação” – comparada as mulheres - dos homens em relação ao cabelo, embora saiba que isto não é regra, preocupei-me em neste momento focalizar no cabelo das mulheres negras.

REFLEXÕES ACERCA DO TRABALHO DE CAMPO

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter etnográfico, com observações no Salão da Angelita e no Museu Treze de Maio, além de outros ambientes de sociabilidade negra, como os pagodes e as escolas de samba. A escolha desses diferentes locais se justifica em razão da possibilidade de observar tanto as mulheres que possuem condições econômicas para frequentar salões de beleza, bem como aquelas que não possuem e manipulam seu cabelo em suas próprias casas. Mas, sobretudo, a escolha destes ambientes fundamenta-se pelo fato de serem divididos por distintas formas de manipulação do cabelo, uma vez que no Museu Treze de Maio acentuam-se os cabelos crespos e as tranças afros e no salão da Angelita os cabelos manipulados com alisamentos e Mega Hair. Neste sentido, a estratégia de campo foi percorrer diferentes espaços de sociabilidade em que essas mulheres circulam e assim praticar uma das principais habilidades de um etnógrafo, o estar junto com essas mulheres no seu cotidiano (RECHENBERG, 2012).

Durante o trabalho de campo, procurei rever minhas pré-concepções em relação à aparência, opiniões e atitudes das pessoas que nele estavam inseridas, sempre exercitando a

desconstrução dos estereótipos (FONSECA, 1999). Assim sendo, procurei realizar uma vigilância epistemológica (BOURDIEU; CHAMBERON; PASSERON, 1999), exercendo uma reflexão constante acerca da minha inserção em campo, questionando minhas próprias práticas e buscando romper com as pré-noções e com o senso comum.

Tenho ciência que a familiaridade com o tema pode ocasionar alguns problemas no percurso do estudo, mas esta também em grande parte auxiliou, uma vez que por ter conhecimento sobre as diferentes formas de manipulação do cabelo da mulher negra houve facilidade em descrevê-las e entendê-las. Porém, é importante salientar que tomei cuidado para não deixar de relatar e explicar os detalhes de circunstâncias, mesmo que para mim pudessem parecer banais devido a minha familiaridade com a temática estudada.

O convívio com muitas mulheres negras da cidade colaborou para que eu tomasse conhecimento de diferentes manipulações e produtos ligados ao cabelo afro. O fato de eu ser negra e possuir um cabelo crespo também cria, ainda, uma intimidade com elas, pois sabem que passei pelas mesmas situações que muitas passaram. Digo isto também pois muitas vezes me senti mais à vontade para dialogar sobre o meu cabelo com mulheres negras do que brancas. Até hoje, três anos após ter parado de utilizar produtos químicos, muitas mulheres vêm me relatar que estão em fase de transição e me pedir dicas de como cuidar do cabelo neste período, além de também vir desabafar a respeito de como estão sendo as suas vidas nesta fase.

Saliento também o fato de eu ser conhecida por muitas pessoas na cidade, principalmente na sociedade carnavalesca, devido à minha atuação como passista²⁶ desde a minha infância em escolas de samba da cidade. Esta intimidade acarretou uma linguagem familiar dessas mulheres comigo, mesmo que tenham me visto uma única vez.

Outro fato importante é que durante um período da minha inserção em campo eu estava grávida. A maternidade está intimamente ligada com a maioria das mulheres, pois embora muitas não sejam mães, acredito que a maioria destas pretende ser. Algumas perguntaram, outras deram conselhos e geralmente um dos primeiros assuntos em que fui abordada era com relação à gravidez. Sendo assim, procurei aproveitar o entrosamento que este fator me propiciou com as mulheres estudadas.

Como já descrito, a temática do presente estudo está vinculada à minha vivência, já que sou uma mulher negra que atualmente possui cabelos crespos naturais, mas que já utilizou

²⁶ Passista: Indivíduo que dança o samba.

outras formas de manipulação variadas. Mesmo que essa proximidade tenha sido uma facilitadora para a execução da pesquisa, como citei anteriormente, cabe salientar que procurei realizar o exercício descrito por DaMatta (1978) de transformar o familiar em estranho, efetuando questionamentos acerca da minha própria realidade e buscando encontrar estranheza naquilo que já está fixado em meu cotidiano. Assim sendo, o meu trabalho envolve um processo de estranhar o familiar, e isso é possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações (VELHO, 1987). Neste estudo etnográfico, procurei refletir e entender a perspectiva de cada mulher que eu observava, sempre ressaltando a história de vida e o meio social em que esta estava inserida.

Tratando-se de um estudo etnográfico, saliento ainda a minha reflexão epistemológica para o exercício de três etapas que estão interligadas: o olhar, o ouvir e o escrever (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996). Primeiramente, ao ler os artigos e tutoriais na internet, e a seguir, realizando o trabalho de campo no salão da Angelita e no Museu Treze de Maio realizei a primeira etapa, também descrita pelo autor como a função básica da etnografia: o olhar e o ouvir (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996). Posteriormente, realizei a segunda etapa: o escrever, que consiste no processo de textualização trazendo os fatos observados para o plano do discurso:

Esse ato tende a ser repetido quantas vezes for necessário: portanto, ele é escrito e reescrito repetidamente, não apenas para aperfeiçoar o texto do ponto de vista formal, quanto para melhorar a veracidade das descrições e da narrativa, aprofundar a análise e consolidar argumentos (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996, p. 32).

De acordo com Geertz (2005) o olhar e o ouvir seriam o “estar lá” e o escrever “estando aqui”, instalado no seu gabinete e usufruindo tudo que as instituições universitárias e de pesquisas podem oferecer. Assim sendo, a cada releitura do presente estudo, exercitei o ato de reescrevê-lo, e assim fazendo aprofundei a descrição e análise dos dados observados em campo.

Acentuo que muitas circunstâncias relevantes para o presente estudo já haviam sido observadas no salão da Angelita devido à minha trajetória como cliente deste espaço desde 2008, quando utilizava manipulações de alisamento e Mega Hair nos cabelos. De maneira semelhante, por frequentar o Museu Treze de Maio de 2003 a 2013 como bailarina do Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras, e como coordenadora da Companhia do Samba de 2012 até 2014, conheço a história de vida de muitas mulheres que frequentaram este espaço cultural.

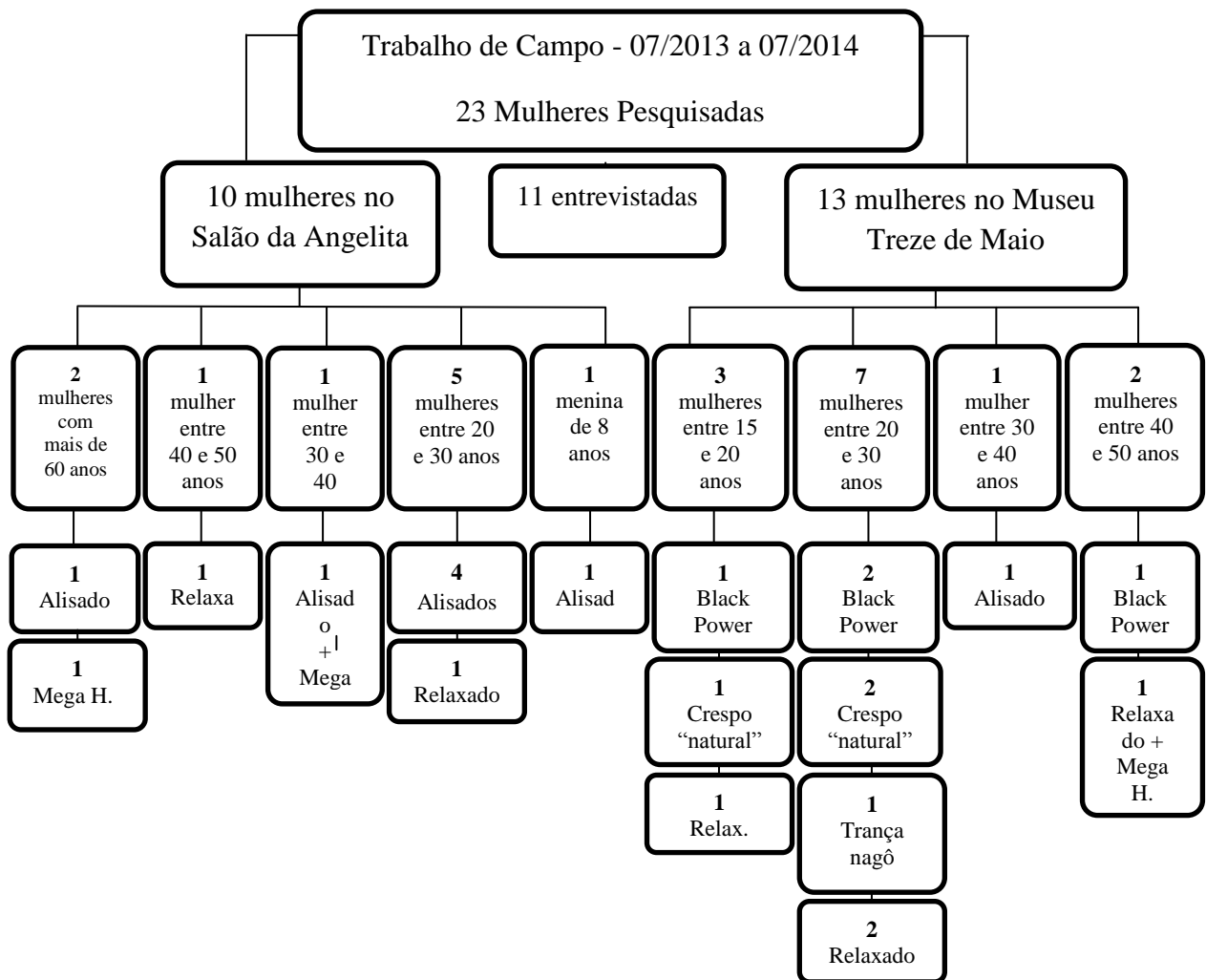
Considero que este conhecimento acerca do campo auxiliou o entendimento do contexto destes ambientes, uma vez que conheço detalhes significantes que não foram observados no campo e nem constatados nas entrevistas. Cabe salientar que a observação participante no Salão de Beleza da Angelita foi relevante e fundamental para uma reaproximação com a cabeleireira, assim como para a familiarização com as clientes deste local. A justificativa para o procedimento de observação está no pressuposto de que há muitos elementos que não podem ser apreendidos por meio da fala ou da escrita, como o ambiente, os comportamentos individuais e grupais, a linguagem não verbal, entre outros fatores.

Comecei a realizar o trabalho de campo em agosto de 2013 utilizando-me das aulas da Companhia do Samba, bem como das reuniões e eventos do Museu Treze de Maio. Friso que eu não estava presente neste espaço cultural apenas para dar aula, mas atentava aos fatos realizando a observação participante. Eu comparecia às aulas da Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras aos sábados e na Companhia do Samba aos domingos e quartas, assim como também presenciava cada evento que acontecia no Museu Treze de Maio, os quais geralmente ocorriam mensalmente.

O discurso proferido pelo movimento negro é o de estabelecer uma regra contrária à regra vigente, e se a regra é alisar o cabelo visando dissimular a sua condição étnica racial, a contrarregra é afirmar os fenótipos, não alisar o cabelo (CUNHA, 1991). Nesse sentido, o uso do cabelo pelos ativistas remete-se à construção de uma identidade negra, constituindo-se em símbolo étnico (BACELAR, 1989).

A seguir, apresento um organograma (Figura 6) para descrever o universo das mulheres que compõem este estudo. Com algumas delas convivi e estabeleci conversas informais, e com outras, além destes procedimentos, também realizei entrevistas semi-estruturadas.

Figura 6 – Organograma das mulheres entrevistadas



Fonte: Elaboração da autora.

No roteiro da entrevista contemplei não só questões técnicas de manipulação capilar, mas também identitárias, relacionadas à negritude, aos relacionamentos amorosos, à boa aparência e aos lugares de sociabilidade que as entrevistadas frequentaram. Saliento que este roteiro²⁷ serviu para nortear os meus objetivos, mas não era totalmente pré-determinado; dessa maneira evitei formalidades e deixei com que as entrevistadas ficassem mais à vontade. Geralmente eu fazia uma pergunta e as entrevistadas relatavam outras questões relevantes

²⁷ Ver anexo A.

para o estudo, bem como respondiam outras perguntas que também estavam inseridas no roteiro e, portanto, a entrevista caracterizou-se como semi-estruturada.

Cabe salientar que e-mails e as redes sociais Facebook e WhatsApp foram auxiliaadoras, durante e após o término do trabalho de campo, pois quando houveram dúvidas mesmo após a entrevista, voltei a falar com a maioria das mulheres entrevistadas através desses meios. Cito ainda algumas mulheres que me deram depoimentos somente através das mesmas. Minha preferência era pelo WhatsApp, pois através das mensagens de voz os relatos ficavam similares ao contato face a face, pois me permitia observar não só o discurso, mas a maneira como essas mulheres falavam, as pausas, bem como as partes em que se embaraçavam. No entanto, quando não era possível o contato através deste, eu utilizei o Facebook e e-mail.

Ressalto que na tese de doutorado de Gomes (2006) realizada em salões de beleza de Belo Horizonte, os mesmos recebiam a denominação de salões afros ou étnicos. Durante a realização do meu trabalho de campo, essas denominações não foram observadas e os espaços são denominados de salões que alisam cabelo, que colocam Mega Hair e que possuem um grande número de clientes negras. Essas denominações, como por exemplo étnico e afro, podem estar relacionadas à determinadas regiões do país. Sabe-se que no nordeste do Brasil, principalmente na Bahia, há o número mais expressivo de negros do país, como constata Sansone (2003). A região Nordeste, mais especificamente o estado da Bahia e a cidade de Salvador, além de contar com a maior população afrodescendente do país (47,1% entre pretos e pardos), é a que desempenhou o papel central na construção de um sentimento de negritude “legitimamente africana” no Brasil. Portanto considero que este fator pode resultar em distintas designações, como nos casos dos salões de beleza e nas formas de denominar o cabelo, pois em alguns lugares observei diferença na pronúncia: cabelo crespo, cabelo afro, cabelo de negro, cabelo ruim, pixaim, duro e outras denominações.

Solicitei às mulheres entrevistadas e descritas autorização para usar o seu nome verdadeiro e, por conseguinte, fotos do seu arquivo pessoal. No entanto, ressalto a importância de ter uma estratégia de campo que preserve os meus entrevistados de situações constrangedoras e por isso tive cuidado com os dados descritos e divulgados. Ao escrever a dissertação, em certos momentos que eu considere embaraçosos, não citei os nomes das mulheres a quem eu me referia. Quando fui entrevistar as mulheres acerca dos relacionamentos - informações inseridas no Capítulo III - disse a elas que nesta parte da dissertação não revelaria seus nomes. Agi dessa maneira por considerar essa questão íntima e

por acreditar que se essas mulheres soubessem que eu iria divulgar os seus nomes, não iriam revelar tudo o que sentiam e/ou achavam.

Como o intuito deste estudo é investigar as diferentes formas de manipulação do cabelo afro das mulheres negras em Santa Maria-RS e seus diferentes significados, optei por realizar o meu trabalho de campo em dois locais: O Salão da Angelita e o Museu Treze de Maio. No salão da Angelita predominam as mulheres alisadas e de mega hair e no Museu Treze de Maio as mulheres cacheadas, crespas, de tranças afros e black power. No entanto, em diversas ocasiões observei que esses ambientes se conectam devido à muitas dessas mulheres possuem uma relação com ambos.

Considero que as imagens reproduzem detalhes do campo que somente a descrição não conseguiria elucidar tão precisamente, ainda mais por tratar de diferentes formas de manipulações do cabelo. Os penteados, a forma como os cabelos estão antes e ficam após as manipulações, as fotos postadas nas redes sociais que suscitam discussões, assim como outras imagens de significância para este estudo, são enriquecedoras para esta dissertação. Algumas imagens foram obtidas por mim, outras pelo Xandi (filho da Angelita), outras pela Internet e algumas fotos da Angelita e de suas clientes. As fotos das mulheres que circulam pelo Museu Treze de Maio foram obtidas pelas redes sociais, sobretudo, na página do Facebook das mesmas, e autorizadas por elas.

Acentuo a colaboração de Vanda, minha mãe, para este estudo, atuando como interlocutora por ser moradora de Santa Maria, no bairro Rosário desde que nasceu, ter frequentado o Clube Treze de Maio e convivido com muitos negros em diferentes espaços de sociabilidade negra santa-mariense.

O bairro Rosário antigamente era frequentado por muitos negros, pois além do Clube Treze de Maio, que hoje é um Museu, encontra-se também a igreja Nossa Senhora do Rosário, local onde existiu um cemitério chamado Santa Cruz, um cemitério de escravos segundo a minha mãe. Assim como o Museu Treze de Maio, a igreja Nossa Senhora do Rosário era frequentada por negros, no entanto, em uma época que nem minha mãe chegou a presenciar, pois embora ela tenha frequentado o Clube Treze de Maio, conheceu o Bairro Rosário já frequentado por pessoas de todas as etnias e classes sociais, e ressalta inclusive que os moradores da segunda quadra (um local que ela se refere como bom) eram pessoas muito bem sucedidas em Santa Maria.

No início da minha atuação como bailarina da Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras, presenciei uma missa afro na Igreja Nossa Senhora do Rosário e lembro que, além do padre ser negro, algumas bailarinas da Companhia, ao som dos atabaques e vestindo

figurinos africanos, percorreram o corredor da igreja dançando, da entrada ao altar, levando pipoca em uma gamela²⁸. Saliento que uma solenidade assim nunca foi vista por mim em outra igreja de Santa Maria. Em 2014, quando fui à igreja do Rosário buscar informações para realizar o batizado da minha filha, o padre atual (branco) disse que nós negros devemos cultivar aquela igreja e idolatrá-la devido ao seu significado para a negritude de Santa Maria, ou seja, a Igreja do Rosário está ligada a negritude santa-mariense. Hoje o Bairro Rosário tem outra estrutura e considero que além do constante crescimento da cidade de Santa Maria, esta modificação também está relacionada à inserção da Unifra²⁹, a maior universidade privada de Santa Maria, que está situada no bairro, em frente à igreja Nossa Senhora do Rosário. Devido ao grande número de universitários provenientes de outras cidades para estudar na Unifra, somado ao fato de o bairro Rosário estar situado praticamente no centro da cidade, a cada dia surgem novos prédios oferecendo vendas e aluguéis para moradia, tornando-o um bairro nobre de Santa Maria. Exemplificando, dentre as componentes da Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras e da Companhia do Samba, a que morava mais próximo ao Museu Treze de Maio era eu. Sendo a maioria dos negros oriundos de classe popular, considero que por esses motivos encontro uma minoria de negros no bairro.

Em diversas vezes onde houve dúvidas a respeito dos ambientes e de algumas pessoas que estão no contexto deste estudo, minha mãe auxiliou-me explicando diversas circunstâncias relevantes. Vanda é negra, casada, tem 56 anos e é a terceira dos quatro filhos do casamento do meu avô Recí, um militar do exército, com a minha avó Terezinha, já falecida. Meus avós frequentaram o Clube Treze de Maio e lá começaram a namorar e, da mesma forma, minha mãe conheceu meu pai, Marçal, no Clube Treze de Maio, onde ele atuou como DJ³⁰ por cinco anos. Vanda também conhecia as escolas de samba, mas foi a partir da minha inserção nos espaços sambistas, quando fui convidada a ser a Rainha de Festas da Escola de Samba Vila Brasil aos sete anos de idade, que ela começou a frequentar mais assiduamente esses ambientes. Da mesma maneira, através da minha inserção no Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras, voltou a frequentar o Treze, que já era o então Museu Comunitário Treze de Maio. Também através de mim conheceu a Angelita. A cada pessoa negra que encontramos nos ambientes de sociabilidade negra e que possuía idade semelhante à dela, minha mãe fazia comentários, dizendo como a pessoa era, com quem tinha vínculo de

²⁸ Gamela: É uma bacia muito utilizada nas religiões de matriz africana que serve para levar alimentos ou oferendas.

²⁹ Unifra: Centro Universitário Franciscano, universidade santa-mariense que possui muitos cursos de graduação e dois *campus*, um no centro da cidade e o outro no bairro Rosário

³⁰ Dj: Pessoa que faz as mixagens de músicas em uma festa.

amizade, com quem namorava, etc. Ela também conta questões sobre o cabelo, como por exemplo, o fato de já ter usado o ferro quente e o black power, mas percebo que atualmente ela tem dificuldade em utilizar esse tipo de manipulação capilar. Cresci observando a minha mãe utilizar o alisamento com henê e, mesmo tentando por diversas vezes usar o seu cabelo natural, ela sempre acaba voltando para o alisamento, dizendo que seu cabelo está “uma pedra”. Percebo que ela não tem a mesma predisposição que eu pra usar o cabelo crespo, pois não hidrata constantemente, não passa os cremes finalizadores adequadamente e não se interessa pelas descobertas que eu conto acerca do cabelo afro. Porém, quando está com o cabelo alisado, parece se acertar mais com as manipulações antigas, principalmente os bobs. Portanto, entendo que devido a tanto tempo alisando o cabelo ela possui dificuldades em se adequar às manipulações necessárias para o cabelo crespo natural.

Considero que as gerações mais novas possuem maior facilidade em assumir o cabelo crespo devido às mudanças que ocorreram no decorrer dos anos relacionadas à estética negra. A luta incessante do Movimento Negro contra o preconceito conquistou muitas causas a favor da igualdade racial. A partir de então, conseqüentemente surgiram muitas políticas públicas em prol da negritude, bem como discursos enfatizando o negro a aceitar o seu estereótipo, como a expressão “negro é lindo”. Estes fatores suscitaram a criação de músicas voltadas ao estereótipo do negro, a mídia a enfatizar os cabelos crespos naturais nos programas de televisão e a criação de produtos voltados para os cabelos afros naturais. Em algumas décadas anteriores a situação era totalmente oposta e o estereótipo do negro era julgado como desprovido de beleza e, portanto, entende-se a dificuldade das mulheres negras de gerações anteriores a aceitarem o seu cabelo natural.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Os lugares que uma pessoa frequenta, a sua maneira de falar, seu modo de vestir, o local onde trabalha, entre outros ambientes, faz com que o indivíduo se envolva e pertença a um grupo. E o que faz com que aconteça esse envolvimento? A identidade. Nas múltiplas identidades construídas a partir dos diversos espaços em que os sujeitos sociais participam na sociedade, reconhecer-se numa delas supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência (GOMES, 2003). O indivíduo tende a executar as atividades que os pais realizam, a gostar das músicas que os colegas apreciam, a se relacionar com pessoas que tem gostos, habilidades e interesses em comum, a ter reflexões criadas a partir do que foi vivenciado na família, na

escola, no trabalho e até nas atividades de lazer, uma vez que a forma dos indivíduos pensarem e agirem é determinada pelo social (DURKHEIM, 1970). Porém, cabe acentuar que no decorrer da vida percorremos distintos espaços de sociabilidade que acabam sendo determinantes nas nossas escolhas. Por exemplo, a minha mudança de manipulação capilar do liso para o crespo é simultânea a minha mudança de bailarina contemporânea na escola de ensino fundamental e médio Cícero Barreto para bailarina afro no Museu Treze de Maio. Assim, a identidade relaciona-se a aspectos educacionais, culturais, sociais, ideológicos e recebe influências do meio onde habita, uma vez que não é fixa, varia de acordo com diferentes situações sociais e está em permanente negociação (BARTH, 2000). A partir de com quem as pessoas se relacionam, do meio social onde estão inseridas, as pessoas estão em constante modificação e, portanto, a identidade também passa por metamorfoses. Através das vivências adquiridas nos ambientes presenciados no decorrer da vida, formam-se múltiplas identificações e de acordo com Simões (2010), podemos assumir diferentes estilos e optar por valores distintos, dependendo dos grupos que estamos inseridos e do momento que estamos vivenciando. Toda identidade é então múltipla, inacabada, instável, sempre experimentada mais como uma busca que como um fato e está sempre se reformulando a partir dos novos contextos em que o sujeito adentra (Agier, 2001). A partir disso, foi percebido que há uma multiplicidade de identidades e que os caminhos percorridos por cada indivíduo é que são determinantes, inclusive na sua estética, pois a escolha por determinado estilo de cabelo pode ser influenciada pelas visões de mundo que prevalecem nos ambientes onde a pessoa frequenta. Considero que após ingressarem no Museu Treze de Maio, muitas mulheres podem ter modificado o seu discurso e a sua prática a respeito das relações raciais e do sentimento de negritude. Neste contexto, cabe observar essas mulheres em diversos ambientes em que vivenciam relações sociais e raciais e que influenciam sua escolha por determinado tipo de manipulação de cabelo.

O cabelo tem um significado importante quando se objetiva apreender e especificar uma cultura. Segundo a dissertação de Coutinho (2010), Vovô, presidente do Ilê Aiyê, defende, em matéria do jornal “A Tarde”, que a consciência cultural começa nos cabelos (A TARDE, 2000), visto que na maioria dos povos o estilo capilar pode ser um identificador cultural. Para Lody (2004), tocar a cabeça, pentear cabelos, organizar esteticamente penteados são atividades tão antigas e tão importantes como as mais notáveis descobertas do homem. As diferentes formas de manipulação do cabelo podem ser consideradas sinais diacríticos, os quais servem para diferenciar determinados grupos sociais. Nota-se que africanos ou descendentes destes espalhados pelo mundo afora buscam constantemente um

reconhecimento identitário, que pode ser visto na forma de usar o cabelo, como é o caso do black power, das tranças rastafaris ou nagô, dos turbantes, etc. Os cabelos e os penteados assumem para o africano e os afrodescendentes a importância de resgatar, pela estética, memórias ancestrais, memórias próximas, familiares e cotidianas (LODY, 2004).

A cultura negra pode ser definida como uma subcultura específica de pessoas de origem africana dentro de um sistema social que enfatiza a cor, ou a ascendência a partir da cor, como um importante critério de diferenciação ou de segregação das pessoas (SANSONE, 2003). As pessoas negras identificam-se umas com as outras devido a sua cor. Nos ambientes de trabalho, nas escolas e universidades, bem como em demais lugares, é fácil constatar que as pessoas negras formam vínculos e grupos. E a cor, assim como os traços negroides, é o que os une, da mesma maneira que os diferencia dos demais grupos e, por conseguinte, cria fronteiras. Barth (2000) lembra deste aspecto quando define que os grupos étnicos são como categorias de atribuição e identificação realizada pelos próprios autores, organizando assim a interação entre as pessoas. Por exemplo, quando um negro chega a uma cidade desconhecida, ele procura ambientes de sociabilidade negra para estar conectado não só com uma determinada cultura, mas também com pessoas que possuem características similares as suas.

A força central específica da cultura negra é o sentimento de ter um passado em comum como escravos (SANSONE, 2003). Pinho (2004) mostra como esse “passado comum” também cria vínculos entre os negros, inclusive entre os norte-americanos *versus* brasileiros, visto que os primeiros são turistas assíduos de Salvador por considerarem que nesta cidade há o que sobrou de mais puro da África. Isso está correlacionado ao fato de que:

O Brasil foi o país que recebeu o maior número de escravos vindos da África. As estimativas vão de três a 15 milhões de africanos deportados para a costa brasileira. O comércio de escravos começou mais cedo e terminou mais tarde que em qualquer outro país do Novo Mundo. [...] isto fez com que o Brasil tivesse em pouco tempo a maior concentração de descendentes de africanos fora da África. (SANSONE, 2002, p. 252)

No entanto, sabe-se que essa África é “imaginada”, uma vez que quando os negros da diáspora do Atlântico Negro chegaram ao Brasil miscigenaram-se com o índio e o branco (GILROY, 2001). Cabe salientar que os sentimentos de perda de identidade são compensados pela procura ou criação de novos contextos e retóricas identitárias (Agier, 2001). A partir disso, considero que esta África imaginada seja uma necessidade de identidade e reconhecimento da população negra:

A África atualmente tem sido a principal fonte de inspiração para as chamadas culturas negras que se criam e se recriam por toda a diáspora. A África citada aqui não é o imenso continente africano, que abriga dezenas de diferentes países e centenas de diferentes povos, mas sim uma África que pode até ser muitas Áfricas, mas que permanece no imaginário como sendo única, homogênea (PINHO, 2004 *apud* PENA, 2014, p. 93).

Todavia, não se deve dizer que essa África não tem importância por ser imaginada, uma vez que “parecer africano” ou “soar como africano” são, na verdade, o que torna as coisas “africanas” (SANSONE, 2003). Esse “imaginado encontro” dos afrodescendentes com seus ancestrais faz com que eles cultuem uma cultura e, conseqüentemente, uma música “negra” que é espontânea e demonstra suas vivências melhor do que o uso do discurso (GILROY, 2001) e que, além disso, possui mais eficiência política em prol dos direitos civis dos negros do que o uso da fala (PINHO, 2005). Tanto que o discurso do *Black is Beautiful* - no Brasil, *Negro é Lindo* - é mais bem observado na música, na dança e estética do que nas exposições orais. Como salienta Gilroy (2001), a política da diáspora negra sempre envolveu a dança, performance e a apresentação do corpo como ferramenta de expressão. Isso aconteceu porque os negros foram deixados de fora da esfera fundada na palavra. Por esse motivo, romperam a barreira com o discurso do corpo (Gilroy, 2001).

Desde o final da década de 1960 e o início de 1970, o movimento Black Power criado nos Estados Unidos trazia questões a serem consideradas, buscava a igualdade racial, o empenho pelos direitos civis e a conscientização da autoestima dos negros, sendo esta a aceitação do seu estereótipo e, por conseguinte, do seu cabelo (COUTINHO, 2009). Porém hoje, quando se fala em Black Power, é mais relacionado ao penteado do que ao próprio movimento ativista; isso porque a música, a dança e o corpo negro, no caso, a estética negra, retratam conjuntamente as características, autoestima, vivências e reivindicações da negritude.

A linguagem do cabelo estabelece uma conexão com os negros dos Estados Unidos e, através dos negros americanos, uma outra e mais fundamental ligação: com os ancestrais. Dessa forma, instaura-se o sentimento de pertencimento a uma comunidade mais ampla: os negros da diáspora (GIACOMINI, 2006). Na mesma época – início dos anos 70 - no Rio de Janeiro surge o movimento *soul*, *black-rio* ou *black-music*, o qual construiu sua identidade com base em símbolos da cultura negra norte-americana, em particular no *soul* (GIACOMINI, 2006). A juventude negra de Salvador, em busca de afirmação cultural e modernidade, entrou em conexão com a onda mundial da música negra norte-americana (PINHO, 2005). A noção de diáspora negra, a opção pelos símbolos da cultura negra americana – músicas, heróis, vestuário e mesmo palavras traduzidas diretamente do inglês – indicam uma direção que

progressivamente iria sendo assumida por todo movimento negro brasileiro (GIACOMINI, 2006). O que pode-se muito aproximadamente chamar de ‘culturas’ funk, reggae e soul tiveram um papel determinante como coparticipantes do processo mais amplo da reafrikanização (PINHO, 2005), e Lívio Sansone explica como isso se processou:

De 1964 a 1983, a junta militar reprimiu os direitos civis e desestimulou a organização dos negros. Ainda assim, os dez anos decorridos entre o começo da década dos anos 70 até o início dos 80, que correspondeu a um afrouxamento do poder militar, foi um período de crescimento e de criatividade para as organizações negras e a cultura negra. [...] Por um lado, através de sua mobilidade social ascendente, uma nova geração de trabalhadores negros se defrontou com barreiras de cor que não havia percebido antes. Por outro lado, estes trabalhadores negros tinham mais dinheiro e tempo para despendar organizando a comunidade e usufruindo atividades de lazer. Novos movimentos negros e associações carnavalescas exclusivamente negras se formaram. A cultura e a religião negras adquiriram maior reconhecimento oficial. Em particular, novas formas de cultura negra baiana foram criadas. (SANSONE, 2003, p. 43)

Quando o autor se refere a um processo de “reafrikanização” pela qual a cultura afro-baiana passou nas três últimas décadas, ele assim o define: “Este inclui uma exibição ostensiva de símbolos associados a “raízes” africanas em certos aspectos da vida social, particularmente no lazer e nos meios de comunicação de massa” (SANSONE, 2003, p. 94).

A partir da formação dos movimentos negros e do processo de reafrikanização, houve o incentivo ao uso do black power:

Chega, portanto, o momento em que o negro ou mestiço, afrodescendente, sente maior convicção em aceitar seus traços próprios e originais. Consequentemente, com tais tendências em vigor, procurou-se uma naturalização dos cortes, trançados e penteados afro, sendo impulsionado então, o movimento americano do "Black-Power" e jamaicano dos "Dread Looks" (FAGUNDES, 2007, p.2)

De acordo com Macedo (2011), as tranças dreadlocks foram tomadas pelo ativismo negro de várias partes do mundo como uma forma de afirmação da identidade negra e de posicionamento político, algo que já havia acontecido com o black power na década anterior. Além desse aspecto político, esses fatos demonstravam que era possível criar um estilo negro próprio (MACEDO, 2011).

A reafrikanização tem como base uma conjuntura, sobretudo de corpo, música, estética e dança. Paul Gilroy (2001) observou que os negros apropriaram-se da música para expressar suas vivências no Atlântico Negro, quando ainda eram escravos e carregados nos navios negreiros. A música era um dos únicos recursos que essa população discriminada encontrava

para expressar seus anseios e denunciar os problemas que envolviam a então autodenominada “raça” (Pereira, 2011). Para Gilroy (2001) a música é uma linguagem espontânea que:

[...] compensava os escravos, não só por seu exílio dos legados ambíguos da razão prática, mas também por sua total exclusão da sociedade política moderna, e tem sido refinada e desenvolvida de sorte que ela propicia um modo melhorado de comunicação para além do insignificante poder das palavras – faladas ou escritas (GILROY, 2001, p. 164).

O processo de reafrikanização na década de 1970 em Salvador também está ligado à música:

[...] a invasão da música soul nos anos imediatamente precedentes ao primeiro desfile do bloco afro Ilê Aiyê mostra a febre da música disco que chegou primeiro à Liberdade e aos bairros periféricos e só depois à Barra e aos bairros de classe média. O impacto foi tal que a própria planta das casas se alterou de modo a permitir maior espaço para evolução dos passos. James Brown era o herói negro do momento, identificado como a trilha sonora para os Black Panthers, o Reverendo Martin Luther King Jr. e a luta por direitos civis para os negros norte-americanos (RISÉRIO, 1981 *apud* PINHO, 2005, p. 133)

No mesmo período – década de 70 -, artistas como Wilson Simonal e Tim Maia difundem o Movimento Black Power no Brasil; no entanto, o movimento perde o vigor e a tendência passa a ser os cabelos lisos de Tina Turner e Aretha Franklin (COUTINHO, 2009). Portanto, percebe-se que assim como os movimentos sociais e a mídia, a música também possui grande influência na escolha pela utilização de determinado tipo de cabelo.

Risério (1981) citou o bloco Ilê Aiyê como uma música negra relevante para o país, uma vez que o Ilê foi o inspirador da africanização do movimento cultural negro desde o final dos anos 70 (Agier, 2001). Corroborando com essa descrição, Patrícia Pinho (2004) enfatiza que o bloco Ilê Aiyê é o pioneiro da reafrikanização no Brasil, sobretudo na Bahia, não apenas por ser o bloco mais antigo, “o mais velho dos velhos”, como a autora cita, mas, por ter em sua tradição um embasamento somente com países africanos, sendo que as letras das músicas vangloriam a África. Nos seus sambas e roupas de carnaval, os membros do Ilê Aiyê (o “coral negro”) impõem o desejo de autenticidade de sua identidade cultural (Agier, 2001). E assim, melhoram a autoestima da negritude brasileira: *negro é lindo!*

Uma das características mais importantes da “reafrikanização” talvez não tenha sido provocar a mudança de atitude no outro, como o fez em grande escala, mas obter este resultado pelo fomento do orgulho da origem negra nos negro-mestiços baianos, sobretudo (ALMEIDA, 2010). Mais preciso, talvez fosse dizer que o Ilê Aiyê faz política pela via da

cultura (ALMEIDA, 2010). Em Santa Maria, isso é visto na Companhia de Dança Euwá Dandaras, pois:

[...] mesmo que não tendo ligação direta com o movimento negro, nem com qualquer outra forma de organização política, desempenham um papel político, pois, através da exaltação e valorização da cultura afrodescendente, trabalham também questões mais amplas, como o preconceito, o racismo e as Políticas de Ações Afirmativas. (PENA, 2014, p. 116)

A partir do processo de reafrikanização, a mídia - finalmente – também começou a admitir que o Brasil tem uma imensa população negra e mestiça (SANSONE, 2003). Até os dias atuais, a música é um dos principais utensílios para o discurso de uma identidade negra. A música “300 Anos” já foi cantada por músicos negros como a cantora Alcione e os grupos de pagode Negritude Junior e Bom Gosto:

Se Zumbi
Guerreiro-guardião
Da Senzala Brasil
Pedisse a coroação
E por direito o cetro do quilombo
Que deixou por aqui
Nossa bandeira era
Ordem, progresso e perdão

É Zumbi
Babá dessa nação
Orixá nacional
Orfeu da Casa Real
Do carnaval do negro
Quilombola da escola daqui
O mestre-sala de Zumbi
Na libertação

Parece que eu sou
Zumbi dos Palmares quando sambo
O príncipe herdeiro
Dos quilombos do Brasil
Sou eu, sou eu, Soweto
Livre, Mandela é Zumbi
Que se revive
Exemplo pro céu
De outros países como o meu
Sou eu orgulho de Zumbi

Que vem de Angola e de Luanda
Salve essa nação de Aruanda
Salve a mesa posta de umbanda
Salve esse Brasil-Zumbi

(Compositores: Paulo César Feital / Altay Veloso)

A relação que cada um tem com seu cabelo é muito particular e o fato de saber ou não lidar com ele determina a forma como é aceito (FAGUNDES, 2007). Nas entrevistas e em minhas observações de campo, escutei relatos de mulheres dizendo que não sabiam lidar com o seu cabelo crespo e que por isso preferiam alisá-lo. Essa situação foi mais constatada nas mulheres de gerações mais velhas, entre 40 e 60 anos. Diante do meu convívio com mulheres desta faixa etária, em geral mulheres da minha rede familiar, e do meu trabalho de campo com essa geração, percebo que elas não possuem interesse em manipular o cabelo de modo que ele permaneça natural; ao contrário, recorrem a manipulações de alisamento consideradas antigas, como por exemplo, os bob's.

Outro fato relevante no que concerne a aceitação do seu próprio cabelo, saliento uma entrevistada que não se imagina com o cabelo natural e que afirma que o cabelo black power não fica bem para o seu rosto pois, segundo ela, com este estilo de cabelo ela parecia uma “bolacha”. Mesmo com grande incentivo das amigas para utilizar o seu cabelo natural, ela opta pela utilização de tranças e discursa que este estilo capilar é uma forma de assumir sua negritude, da mesma maneira como o black power é assim considerado. Corroborando com os dados aqui analisados, Santos (2009) descreveu relatos de mulheres que justificavam sua preferência pela utilização de tranças por se sentirem “mais negonas”, atraírem mais seus parceiros e por dar menos trabalho:

[...] com os cabelos trançados elas adquiriam um status de “mais negôna” do que outras que deixavam seus cabelos alisados à mostra. Também era frequente a fala de que as tranças compridas as deixavam com mais cara de “mulherão”, que os seus parceiros gostavam mais quando eram tranças compridas, que o assédio nas ruas era maior, que dava menos trabalho a manutenção do cabelo trançado, entre outros argumentos. (SANTOS, 2009, p.8)

Quando a mulher utiliza o cabelo de determinado estilo, ela está assumindo pertencimento a um grupo social e, a partir de então, busca-se analisar as múltiplas identidades que as entrevistadas vivenciaram e que as ocasionaram a manipular o cabelo de tal forma, pois o que é considerado belo ou não está estritamente relacionado com a cultura compartilhada em determinada sociedade (QUEIROZ; OTTA, 2000). Muitas mulheres enfatizam que utilizam determinada manipulação capilar devido apenas ao seu gosto pessoal, mas saliento que embora muitas vezes as pessoas acreditem que a escolha seja individual, é importante lembrarmos de Durkheim quando nos ensina que os indivíduos não pensam isoladamente, mas através de categorias engendradas pela vida social (DURKHEIM, 1970), como são as representações sociais. Portanto entende-se que no caso das mulheres negras, que

compõe o universo desse estudo, tanto seus familiares como seus grupos de convívio social exercem algum tipo de controle sobre as opções escolhidas para os seus cabelos (SANTOS, 2009). Observei esse ponto nos distintos lugares do meu trabalho de campo, pois no Salão da Angelita, local onde as alisadas geralmente se encontram, os cabelos lisos são considerados os mais belos, ao contrário do Museu Treze de Maio, em que as mulheres alisadas são minoria e muitas vezes vítimas de um preconceito mascarado pelo movimento negro.

Enfatizo que o conceito de identidade funciona como balizador quando sujeitos diferentes culturalmente passam a conviver em um espaço comum (NOGUEIRA, 2006). Por exemplo, no Museu Treze de Maio, mesmo que as pessoas possam ter vindo de lugares distintos, devido ao convívio elas identificam-se umas com as outras e, portanto, considero que a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade (HALL, 2011).

Nas festividades do Museu Treze de Maio várias pessoas comparecem com esses diferentes estilos capilares e penteados. Chamou-me a atenção durante o trabalho de campo que a manipulação dos cabelos afros pode variar dependendo do local a ser frequentado, como “para ir ao Treze”, “para procurar emprego”, assim como para comparecer a outros lugares. Esse dado também aparece no estudo de Santos (2009) quando enfatiza que essas manipulações capilares são utilizadas especialmente para as identidades de performance:

Vejo em apresentações de grupos culturais que utilizam referenciais africanos como centrais para a construção de suas identidades de performance - como Olodum, Didá e Ilê Ayê - mulheres e homens que usam esses penteados como parte das suas estéticas de performance. No entanto, fora desses espaços, não percebi muita frequência na utilização das pitucas e dos torcidinhos, ficando mais restritos realmente a crianças. (SANTOS, 2009, p. 55)

Um dos elementos que mais incomoda, tanto ao branco quanto ao próprio negro, é a história do cabelo (COUTINHO, 2009), tanto que cabelo ruim é uma denominação usada para aqueles (as) que possuem ancestralidade negra ou africana (SANTOS, 2009). Diversas denominações a respeito do cabelo das pessoas negras são ditas nas manifestações de racismo:

"Cabelo de bombril, esponja, piaçava, pucumã, cabelo ruim", as mulheres de cabelos crespos crescem ouvindo frases como essas repetidas vezes na maioria dos ambientes que frequentam. O cabelo foi, e continua sendo, um símbolo que demarcava a sua origem “racial”. Para as mulheres lidar com o cabelo sempre foi extremamente complicado e existia uma insatisfação desta com seu cabelo independente da forma que ele se apresente. (COUTINHO, 2009, p. 6 - 7)

Na América Latina, os membros com traços negroides mais acentuados costumam ser considerados mais feios (SANSONE, 2003). Como salienta Gomes:

A figura do negro foi socialmente construída como desprovida de beleza; dito de outro modo, até aproximadamente duas décadas atrás, a profunda relação estabelecida entre beleza e branquitude, impedia que os negros pudessem ser concebidos, vistos, pensados, percebidos como portadores de beleza, do mesmo modo que impedia a formulação de uma concepção de beleza negra como algo distinto do padrão branco socialmente difundido, desejado e imitado. (GOMES, 2006, p.4)

E através deste preconceito é observada a tentativa de embranquecimento, principalmente da mulher negra, para ser aceita pela sociedade, pois os pré-requisitos de uma boa aparência são ser jovem, branca e ter o cabelo “liso” (COUTINHO, 2009). Por isso o cabelo vem sendo reprimido, na tentativa de manipulação no enquadramento dos padrões sociais eurocêntricos (FELIX, 2010), já que ao realizar a aplicação de mega hair e alisamento as negras propiciam que seus cabelos fiquem semelhantes aos cabelos das mulheres brancas: longos e lisos. No entanto, estamos em um momento que muito se articula a respeito da utilização do cabelo crespo natural, pois:

[...] o cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. (GOMES, 2006, p.3)

A partir disso, saliento que a aparência física, o porte e os gestos também têm sido o meio pelo qual os negros, como população racializada, reconhecem a si mesmos e, na tentativa de reverter o estigma associado à negritude, tentam adquirir status e recuperar a dignidade (SANSONE, 2003). O cabelo é um desses sinais diacríticos que podem ser utilizados para essa mudança de status, pois é visto como uma marca ou sinal que melhor e mais decididamente que qualquer outro, expressariam – ou negariam – o orgulho negro. Trata-se de um ato de politização do cabelo, a generalização de uma leitura política do penteado: o penteado transformado em manifesto (GIACOMINI, 2006).

Todavia, no início do século XXI, juntamente com a eclosão de políticas afirmativas, o Movimento Negro retoma o debate acerca da estética negra, sendo uma delas enfatizar que o cabelo natural do negro também é belo e que este deve aceitar-se e não buscar enquadrar-se nos padrões eurocêntricos. Desde então, persiste uma polêmica sobre como o cabelo negro é manipulado, pois o Movimento Negro profere que o negro deve aceitar o seu cabelo natural, mas, todavia, muitas mulheres negras continuam a utilizar manipulações químicas no seu cabelo.

Sendo chamados de negros ou afrodescendentes, essas pessoas encontram pela negritude a valorização cultural, a tomada da consciência em si (SARTRE, 1965). Isto é verificado, dentre variadas maneiras, a partir também de estilos musicais como o rap, assim como, músicas principalmente oriundas da Bahia. Saliento a música do bloco Ilê Aiyê:

Que bloco é esse?

Eu quero saber,
É o mundo negro
Que viemos mostra prá você
Somos crioulo doido
Somos bem legal
Temos cabelo duro
Somos black power

Branco, se você soubesse
O valor que o preto tem,
Tu tomava um banho de piche, branco
E ficava preto também
Não te ensino minha malandragem
Nem tão pouco minha filosofia
Por quê?
Quem dá luz ao cego
É bengala branca
E santa luzia
Ai,ai meu Deus!

(Compositor: Paulinho Camafeu)

Nesta música há uma exaltação da negritude, mostrando que o negro é tão quanto, ou melhor, que o branco. A seguir, verifica-se o trecho da música Milionário do Sonho:

Milionário do Sonho

Tendo um cabelo tão bom, cheio de cacho em movimento, cheio de armação, emaranhado, crespura e bom comportamento, grito bem alto, sim! Qual foi o idiota que concluiu que meu cabelo é ruim?
Qual foi o otário equivocado que decidiu estar errado o meu cabelo enrolado? Ruim pra quê? Ruim pra quem?
Infeliz do povo que não sabe de onde vem
Pequeno é o povo que não se ama, o povo que tem na grandeza da mistura o preto, o índio, o branco, a farra das culturas
Pobre do povo que, sem estrutura, acaba crendo na loucura de ter que ser outro para ser alguém
Não vem que não tem, com a palavra eu bato, não apanho
Escuta essa, neném, sou milionário do sonho

(Compositores: Emicida e Elisa Lucinda)

Nesta música há uma valorização do cabelo afro, enfatizando que as pessoas que discriminam este tipo de cabelo não sabem ou não dão importância ao fato do Brasil sempre ter sido um país miscigenado e que, além do branco e do índio, também possui descendência africana.

Após a leitura do artigo de Gomes (2006) observei que há uma diferença das propagandas de 2006 (data em que o seu artigo foi publicado) para as dos dias atuais, pois segundo o autor, os produtos de beleza e higiene voltados para a população negra não ressaltavam os sinais diacríticos dos negros nas propagandas. Além disso, por volta de 2006 era perceptível um receio ao explicitar a palavra “negro”, sempre enfatizando o “moreno”, visto que a morenidade, de acordo com Farias (2002), é uma categoria que está ligada a uma perspectiva positiva da mestiçagem como tipo ideal brasileiro.

É através desses conceitos de beleza, que cabelo “bom” é o cabelo liso; os indivíduos cedem a essa manipulação na tentativa de se emoldurar no perfil ditado pela sociedade como o ideal, utilizando vários meios para essa moldura, como a chapinha, relaxamentos, alisantes, entre outros processos de modificação do fio capilar. (FELIX, 2010, p.7)

Atualmente, percebo outra perspectiva em relação ao cabelo afro. Exemplo disso é a atriz Sheron Menezes, a que usa um black power, embora com cachos definidos, e faz propaganda de uma linha de produtos capilares voltada para a manipulação dos crespos naturais. Gomes (2006) afirma que o presente momento configura todo um “movimento de recriação de padrões estéticos”. Logo adiante, produtos baseados numa certa “busca da autoestima do negro” resultaram na implantação de produção de bonecas, produtos de beleza, desodorantes, shampoos, dentre outros produtos. Segundo Coutinho (2009), no Brasil temos assistido, ao longo dos anos, o crescimento de uma estética negra com uma valorização positiva de aspectos fenótipos “naturais”.

Nogueira (1985) serviu de embasamento para o presente estudo, sobretudo para entender com se dá o preconceito racial no Brasil. Segundo o autor, no Brasil o preconceito é de marca e, neste caso, baseia-se nos traços físicos como cor, cabelo e traços do rosto, como, principalmente, nariz e boca. Corroborando com Oracy Nogueira, Gomes (2006) enfatiza que em nosso país, o cabelo e a cor da pele são largamente usados no nosso critério de classificação racial para apontar quem é negro e quem é branco em nossa sociedade. Já observei situações em que as pessoas, ao enxergarem alguém de pele clara e cabelo crespo, diziam que esta tem “um pé na África”, dando a entender que tem ascendência negra. Além do que, as pessoas negras que não possuem a pele muito escura e que alisam o cabelo, muitas vezes são consideradas morenas ou índias. Portanto, percebo que no Brasil as distinções dos estereótipos são relativas, pois o que é considerado negro para algumas pessoas não é para outras e por isso a definição do que é ser negro no Brasil é um pouco fluída. Ressalto ainda que o conceito do que é ser negro depende do local onde a pessoa está inserida, ou seja, a

mesma pessoa que pode ser considerada branca na Bahia pode ser vista como negra no Rio Grande do Sul. No meu trabalho de campo, observei e entrevistei mulheres de cor clara que provavelmente poderiam não ser consideradas negras por outras pessoas. Porém, saliento que elas disseram se considerar negras e que este foi o motivo preponderante para eu decidir entrevistá-las.

Segundo Gomes (2003), acredita-se que no contexto geral é a partir da escola que os padrões começam a ser impostos na vida da criança e não há efetivamente uma educação democrática, principalmente com relação à cultura afro-brasileira e sua estética; sobretudo no que diz respeito ao cabelo afro das crianças negras que são fortemente alvo de preconceito nas escolas como constata Felix (2010). Embora a Lei nº 10639/2003 seja um marco para a população negra brasileira, uma vez que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira na escola, este não enfatiza o estereótipo dos negros nem seus sinais diacríticos. É através da estética negra que o preconceito racial na maioria das vezes se manifesta e, portanto, considero que esta também deveria ser discutida na escola. Pode-se compreender que ao entrar na sala de aula, a criança afrodescendente, no decorrer da sua escolaridade, passa a ser vista como um ser excluído, depreciado, sendo motivo de gozação e alvo de muitos estereótipos, pois o preconceito nas escolas está muito ligado a apelidos relacionados ao cabelo e, por conta disso, ela passa a aceitar-se com essas características de inferioridade (FELIX, 2010). Por essa razão espera-se que o educador veja o cabelo não como algo que o inferiorize aos alunos, mas uma porta de entrada no desempenho da autoestima da beleza negra do discente e demais indivíduos que o cercam, valorizando suas origens e sua identidade (FELIX, 2010).

Enfatizo que o estudo que mais influenciou a realizar esta etnografia foi o realizado por Ângela Figueiredo. A cientista social realizou sua etnografia acerca de questões identitárias relacionadas ao cabelo em um bairro de Salvador e analisou as diferentes maneiras que as mulheres manipulavam os seus cabelos para irem ao trabalho, bem como às festividades. Considerou também as condições econômicas que possibilitavam algumas manipularem seus cabelos em salões de beleza, e outras, que compravam produtos no mercado e com suas amigas e/ou parentes e manipulavam o cabelo em casa. Embora a etnografia de Figueiredo (1994) e a minha sejam distintas e possuam cenários e contextos diferentes, o roteiro de entrevista da monografia de Ângela possui questionamentos que foram muito importantes para a realização deste estudo, sobretudo quando tratou da manipulação dos cabelos associada à noção de boa aparência. Outro fator de semelhança dos dois estudos é

o fato do grupo pesquisado ter sido dividido em uma parte de militantes do Movimento Negro e outra parte não militante, além da igual proximidade da autora com as entrevistadas.

Um ponto importante e que acentua da monografia de Figueiredo (1994) é, que ao contrário dos dias atuais, na época em que foi realizado o estudo, o cabelo relaxado ou com permanente era considerado natural e só o alisamento era considerado uma manipulação artificial pelo Movimento Negro. Em Santa Maria também observei distintas perspectivas a respeito do cabelo afro no decorrer do tempo. Portanto, entendo que de acordo com o período, muitas questões relacionadas ao cabelo assumem proporções diferentes:

Cabelos alisados nos anos 60, afros nos anos 70, permanente-afro nos anos 80, relaxamentos e alongamentos nos anos 90, o cabelo do negro atrai a nossa atenção. Para o negro e a negra o cabelo crespo carrega significados culturais, políticos e sociais importantes e específicos que os classificam e os localizam dentro de um grupo étnico/racial. (GOMES, 2006, p.7)

Nota-se que o cabelo é uma forma das pessoas negras expressarem sua negritude. Da mesma maneira, através dele podem-se perceber sentidos contrários. Neste estudo, procuro pensar no cabelo como um sinal diacrítico, mostrando os significados que estão envolvidos nas distintas formas de manipulação capilar.

CAPÍTULO I

1. ETNOGRAFIA NO SALÃO DA ANGELITA

Minha intenção neste capítulo é fornecer ao leitor alguns dados socioeconômicos dessas mulheres e, sobretudo, contextualizar as suas origens familiares e as suas escolhas capilares relacionadas aos espaços de trabalho e sociabilidade por elas frequentados.

Angelita (Figura 7) é uma mulher negra, especialista em alisamento e Mega Hair e muito conhecida em Santa Maria em consequência da sua profissão. A maioria das clientes da Angelita é negra e possui cabelos cacheados e crespos. Desde que conheço a cabeleireira, sempre a vi de cabelos lisos, com o comprimento no máximo na altura dos ombros e a modificação mais notória que ela fez nos seus cabelos por mim observada foi a coloração, visto que atualmente ela está com o cabelo louro escuro. Optei por realizar uma das minhas observações de campo no seu salão de cabeleireira devido a sua popularidade e conhecimento acerca da manipulação dos cabelos afros e também ao grande número de clientes negras santa-marienses.

Figura 7 - Angelita Marques.



Fonte: Arquivo pessoal da Angelita.

Minha relação com a Angelita começou em 2008 me quando tornei sua cliente. Alguns anos depois, após ter me afastado por condições financeiras e pela opção por manipular o meu cabelo em casa, voltei ao salão para realizar o trabalho de campo do presente estudo, frequentando-o apenas como observadora. Nos dias em que eu pretendia ir ao salão, sempre ligava para o telefone da Angelita anteriormente perguntando se ela tinha clientes marcadas e se não havia nenhuma eventualidade. Em algumas vezes a Angelita disse que tinha poucas

clientes agendadas e que era melhor eu ir ao sábado, ou ainda, por alguma casualidade eu não podia comparecer em um dia de movimento no salão. Porém, quando fatos como estes aconteciam, eu criava estratégias de campo como, por exemplo, ter dado de presente de aniversário para a minha sogra uma tintura e escova no salão da Angelita.

Angelita tem 43 anos de idade e com o seu trabalho como cabeleireira mantém a sua vida e a do seu filho Alexandre, mais conhecido como Xandi, de 22 anos. Xandi mora com a cabeleireira e é bacharel em direito pela Fames³¹, uma faculdade privada localizada no centro de Santa Maria e próxima ao bairro Nossa Senhora das Dores, onde se localizava o primeiro salão de beleza da Angelita que conheci.

O bairro Nossa Senhora das Dores é um bairro nobre de Santa Maria e situa-se próximo ao centro da cidade. Neste bairro encontra-se a Igreja Nossa Senhora das Dores, uma igreja tradicional e bela da cidade. Localiza-se também a Brigada Militar de Santa Maria e o Clube Recreativo Dores, um dos clubes mais bem estruturados de Santa Maria, o qual é sede de shows nacionais, além de possuir uma variedade de salões recreativos, academias, dentre outros atrativos. Há alguns anos atrás foi criado o shopping Royal, o maior shopping de Santa Maria. Além disso, no bairro Nossa Senhora das Dores existem restaurantes, postos de gasolina, apartamentos e residências. Existe também a Escola de Samba Mocidade das Dores, uma escola de samba de Santa Maria. A sede da quadra desta escola situa-se próxima ao fórum de Santa Maria, no entanto, a grande maioria do público pertencente a esta escola é oriunda de bairros populares próximos ao bairro Dores.

Desde as primeiras vezes que tive contato com a Angelita, ela sempre enfatizou que o seu filho tem muita importância em sua vida e em diversos momentos percebi que o Xandi e a sua mãe possuem uma relação de cumplicidade. Certa vez conversamos sobre relações familiares e a Angelita disse que se um dia o seu filho fosse embora, ela o acompanharia. Notei que eles são muito ligados um ao outro visto que um dia, em meio a assuntos relacionados à gestação e filhos, ele falou que não gostaria que a Angelita engravidasse novamente, devido a sua pressão cardíaca ser elevada. Na fala de Xandi percebi o medo que ele sente de que algo de ruim, principalmente um problema de saúde, aconteça com a sua mãe. Sempre que estive no salão e ele estava em casa, ele cumprimentava as clientes, conversava com elas e até mesmo auxiliava em alguma tarefa que a Angelita precisava, como, por exemplo, separar mechas de um Mega Hair. Percebi também que há uma relação muito

³¹ Fames: Faculdade Metodista de Santa Maria

carinhosa da Angelita com seu filho, um carinho na maneira de falar, perguntando se ele precisava de um *trocado*³² para ir à aula. Em quase todas as vezes que fui ao salão, a Angelita perguntava do meu pai (ele trabalha como vendedor de cds em uma loja do comércio no centro de Santa Maria) e dizia que ele ligava para a casa dela com o intuito de avisar o Xandi quando chegavam cds dos artistas que ele gostava. Angelita ria me contando que dizia para o meu pai: “Tu liga para o Xandi ir pegar os cds, mas tudo sai do meu bolso!” Não senti na Angelita uma raiva ou pesar de desembolsar o seu dinheiro com presentes para o seu filho, mas sim, algo que ela fazia por prazer. O Xandi sempre foi muito gentil comigo e diante das minhas visitas ao salão da Angelita, criamos uma afeição um pelo outro. Em algumas das vezes que fui ao salão conversei mais com o Xandi do que com a própria Angelita. Percebi que ele gostava quando eu comparecia no salão, pois quando ele não tinha algum compromisso, como ir à aula, ficava horas ali conversando sobre diversos assuntos como faculdade, festas, e também sobre cabelo. Xandi é negro, magro, alto, usa óculos de grau e seu cabelo é cacheado. Quando comecei o trabalho de campo no salão da Angelita, observei que o cabelo dele estava menor, então ele me disse que cortou, arrependeu-se e que sente falta dos seus cabelos maiores.

No mesmo dia que estávamos conversando sobre isso, apareceu a atriz Sheron Menezes³³ (Figura 8) na televisão do salão e ambos elogiamos o seu cabelo. Xandi comentou que acha o cabelo crespo o mais bonito, bem como não trocaria seus cachos por nenhum alisamento. Saliento que geralmente em minhas visitas ao salão da Angelita, só o Xandi e eu tínhamos cabelos cacheados. Já o encontrei em outros ambientes, como no centro da cidade, no Museu Treze de Maio, nas escolas de samba e no desfile de carnaval de rua de Santa Maria. Assim como eu, o Xandi também dança samba, mas eventualmente, uma vez que o vi sambar apenas uma vez, com o bloco Tom Maior no Festival Municipal de Artes Negras de Santa Maria (Fesman). Na primeira vez que Angelita manipulou os meus cabelos descobri que circulávamos por espaços de sociabilidade em comum. Ela também conhece a Jamaica³⁴, minha professora de dança afro. O Xandi e a Angelita são vinculados ao carnaval de Santa Maria e frequentam a Escola Mocidade Independente das Dores, mas também já os encontrei na Barão do Itararé, escola da qual participo. Além disso, ambos participam do bloco Tom Maior, formado por sambistas e que surgiu há mais ou menos três anos atrás.

³² Trocado: Um dinheiro para comprar um lanche

³³ Sheron Menezes: atriz negra brasileira

³⁴ Jamaica: Apelido de Marta Íris Camargo Messias, militante do Movimento Negro e coordenadora da Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras

Figura 8- Sheron Menezes em 2014.



Fonte: Google³⁵.

A partir de então percebi que nos relacionávamos com muitas pessoas em comum, pois transitamos pelos mesmos ambientes. Considero também que isso se deve a população negra santa-mariense se conhecer devido a sua ancestralidade. Por exemplo, meus pais conhecem muitos pais de amigos meus, da mesma forma que meus avós também conheciam avós de amigos meus. Antigamente, os negros santa-marienses só podiam frequentar os clubes Treze de Maio e União Familiar por serem clubes voltados para a população negra da cidade, e isto fez com que os negros de Santa Maria se conhecessem facilmente e criassem um vínculo de amizade. Por diversas vezes já escutei do meu pai e da minha mãe a seguinte frase: “Ah, conheço ele do tempo do Treze!”. A diferença desses clubes está relacionada ao Treze de Maio ser considerado mais elitizado que o Familiar (WEBER, 2014) como relata Vanda Tolentino: “No Treze de Maio tinha que ir com terno completo, tudo arrumadinho sabe e no familiar as guria que eram mais moça, que eram um terror sabe, entravam no familiar, mas não entravam no treze, inclusive a (...) que foi expulsa do Treze de Maio começou a ir no familiar” (Vanda Tolentino, 56 anos, dona de casa).

Atualmente o contexto é outro, pois além das mulheres negras terem a intenção de “africanizar” através da estética, visto que usam roupas, maquiagens, acessórios e afins, que salientam os traços negroides e rememoram uma africanidade, elas também utilizam simplesmente por gostar, não vinculando necessariamente tudo a cultura afro-brasileira, como

³⁵ Disponível em <https://www.google.com.br/search?q=sheron+menezes+2014&es_sm=93&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=7DuqU7CKHomDqga9wYK4Dw&ved=0CCAQsAQ&biw=1366&bih=659>. Acesso em: junho de 2015.

relata Paola: “Às vezes que eu uso lenços que acho massa que é uma forma de resgata a cultura afro. Ah eu uso batom vermelho por gostar, nunca pensei no sentido de ser afro” (Paola, 27 anos, orientadora de atividades físicas).

Pouco a pouco, a partir de cada visita ao salão da Angelita, constatei que a maior parte das mulheres que o frequenta são negras e possuem cabelos crespos, embora se dirijam ao salão com o intuito de alisá-los. Um fator que propicia esse número elevado de clientes negras é o fato das mulheres comentarem sobre o trabalho da Angelita com os cabelos afros umas às outras. Por exemplo, a Jamaica indicou a Angelita para mim, eu indiquei para uma amiga, a Ananda, e descobri que ela tinha indicado para a Íris, outra amiga sua.

Filha de policiais federais, a Ananda (Figura 9) hoje é bacharel em direito, formada pela universidade privada Fadisma³⁶ e mora com o esposo, um policial militar em Canoas-RS. Nossos pais têm idades semelhantes e se conhecem do Museu Treze de Maio. Quando morava em Santa Maria, a sua residência ficava na zona leste da cidade, próxima às residências onde a Angelita morou. Era sócia do Clube Recreativo Dores e antes de ingressar na faculdade estudou em escola particular. Ananda participou da Companhia do Samba durante sete meses - até o dia de ir embora da cidade -, comparecia às aulas no Museu geralmente de carro e algumas vezes levou a sua mãe para participar das oficinas.

A vida financeira da Ananda era diferente da maioria que frequenta o Museu Treze de Maio. Grande parte das mulheres da Companhia do Samba, por exemplo, estudavam em escola pública, ainda não tinham ingressado no ensino superior e não possuíam meio próprio de locomoção.

³⁶ Fadisma: Faculdade de Direito de Santa Maria

Figura 9 – Ananda.

Foto: Arquivo pessoal de Ananda

Os ambientes frequentados por Ananda, como a faculdade de direito e o Clube Recreativo Dores, são locais frequentados em sua maioria por pessoas brancas e, por esse motivo, prevalece o ideal de mulher branca. Enfatizo ainda que conheci Ananda através de uma rede social, visto que embora seus pais tenham sido frequentadores do Museu Treze de Maio, ela se inseriu neste ambiente a meu convite para participar da Companhia do Samba. Além disso, nunca vi Ananda em locais de sociabilidade negra, como pagodes e escolas de samba.

Quando as críticas às alisadas vieram à tona nas redes sociais ela postou no seu Facebook que não deixava de ser negra porque alisava os seus cabelos e foi apoiada por várias pessoas, dentre elas, o seu esposo. Em 2015 postei uma foto em que estou com os cabelos crespos e soltos na minha rede social e Ananda escreveu o seguinte comentário: “Cabelo natural é tudo de bom!” Ananda sabe que desde 2012 eu não uso manipulações de alisamento e mega hair e após seu comentário referindo-se ao meu cabelo “natural”, entendi que ela também admira o cabelo que não passa por manipulações químicas. Posteriormente, Ananda me relatou que está na fase de transição – porém, não realizou o big chop, pois preferiu deixar o cabelo crescer sem utilizar manipulações químicas, além de planejar usar tranças nesse período - e que precisou de muita maturidade para querer utilizar o seu cabelo natural:

(...) aiá, sabe nega que me arrependo de ter alisado... hahaha, hoje, mas antes não tinha maturidade para assumir os crespos afros, o pessoal é muito preconceituoso. Não sei se tu segue algumas páginas no face de negras com cabelo natural, comecei

a seguir, nossa fiquei mais apaixonada pelo nosso natural. (Ananda, 26 anos, advogada)

Em sua fala, Ananda afirma não ter utilizado o seu cabelo natural devido ao preconceito que ele enfrenta, assim como de uma maturidade para encarar esse preconceito.

Por intermédio da Ananda conheci a Íris, uma mulher de mais ou menos a idade da Ananda, com a cor semelhante a dela e que não frequentava os espaços de sociabilidade negra. Na festa de formatura da Ananda, a sua amiga Íris leu um texto que retratava a história da amizade entre as duas e num trecho ela dizia: “A solução para os nossos cabelos foi ter encontrado a Angelita!” A cabeleireira estava presente na festa e neste momento agradeceu gestualmente para Íris, sendo então observada por todos. Quando optei por realizar o trabalho de campo no salão da Angelita e no Museu Treze de Maio, não frequentava o salão da Angelita há um bom tempo e estava vinculada ao Museu Treze de Maio devido ao meu trabalho como professora de samba. Portanto, no meu cotidiano, os cabelos crespos, black power e trançados estavam em grande evidência. Em vista deste fato, da ascensão do cabelo crespo exposta na mídia e também da valorização do cabelo afro natural defendida pelo Movimento Negro, acreditei que eram raras as mulheres negras que ainda alisavam o cabelo. No entanto, ao voltar a frequentar o salão da Angelita, constatei que um grande número de mulheres negras continuava utilizando manipulações de alisamento nos cabelos.

Figura 10 - Primeira residência e Salão da Angelita que eu conheci.



Fonte: Site Google Maps³⁷

³⁷ Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-29.686044,-3.796541,3a,75y,263.1h,75.48t/data=!3m4!1e1!3m2!1sGsLMMB-S7z1yaG5DB4m-Aw!2e0>>. Acesso em: junho de 2015.

Na primeira vez que arrumei meus cabelos com a Angelita ela morava e trabalhava no Bairro Nossa Senhora das Dores. Essa casa da Angelita (Figura 10) não ficava nas ruas mais movimentadas do bairro, mas ficava em uma rua atrás do Clube Dores, o que era fácil de adotar como referência. A casa que frequentei da Angelita era simples e era nos fundos de um pátio. Mais adiante em minha inserção em campo descobri que a mãe dela morava na casa da frente. Embora eu tenha chegado com o Mega Hair mal colocado, resultado de uma aplicação em um salão que eu tinha ido anteriormente, neste dia, após escovar o meu cabelo, a Angelita o elogiou, dizendo que os fios estavam brilhosos e bem cuidados. Ela ficou apavorada com a maneira como foi colocado o Mega Hair e após a sua manipulação, o meu cabelo ficou como eu nunca tinha visto. Foi então que constatei que a Angelita era especialista em cabelos afros.

Desde que me tornei cliente da Angelita, já fui a diversas residências em que ela morou. Ela e o filho Xandi contaram-me porque mudaram tantas vezes de moradia.

Quando ainda morava no Bairro Nossa Senhora das Dores, devido a questões familiares, Angelita alugou uma casa na rua Marechal Deodoro (Figura 11). Essa rua é uma das mais conhecidas do Bairro Itararé, um bairro periférico, composto por muitas famílias negras que antigamente trabalhavam na ferrovia, assim como, seus descendentes. No Bairro Itararé situa-se a escola de samba Barão de Itararé a qual existe há trinta anos. Por também pertencerem à zona leste da cidade, a Vila Schirmer, o bairro João Goulart e a Montanha foram algumas vezes confundidos por mim com o Bairro Itararé e considero que isso aconteça com outras pessoas das outras zonas da cidade. Somente conhecendo mais detalhadamente eu soube entender a localização de cada um deles.

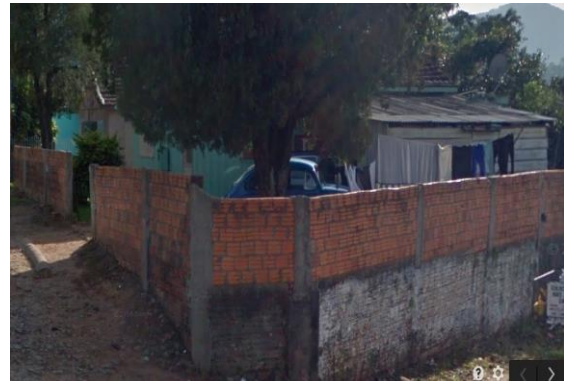
O salão da Marechal Deodoro era um ponto ideal para um salão de beleza, pois era fácil de encontrar a casa da Angelita, que dessa vez era maior e de alvenaria. O salão era na sala da própria casa. Fui apenas uma vez nessa residência e acredito que, por ser domingo, encontrei apenas uma cliente no salão. Nas proximidades deste salão encontra-se a quadra da Escola de Samba Barão de Itararé, da qual fui Rainha da Bateria por quatro anos.

Figura 11 - Casa da Angelita na Rua Marechal Deodoro



Fonte: Site Google Maps³⁸.

Figura 12 - Terceira casa da Angelita que conheci



Fonte: Site Google Maps³⁹.

Quando fui refazer o mega hair a Angelita morava no Bairro João Goulart (Figura 12), que como eu disse é conhecido pelo entorno de Itararé. Eu soube da existência do bairro João Goulart há poucos anos atrás, e ele fica há umas cinco ou seis quadras da Rua Euclides da Cunha, próximo ao clube de subtenentes e sargentos da Brigada Militar. A casa ficava quase no final de uma rua de paralelepípedo, na esquina com uma rua sem saída, era mais simples, de madeira e bem menor. O salão da Angelita também era na sala da casa, mas dessa vez o espaço era inferior e nos dias em que fui nesta residência, tinham muitas clientes presentes. A porta do quarto da Angelita e do Xandi dava acesso à sala. As clientes viam quando alguém entrava ou saía dos quartos, o que dificultava a privacidade do namorado da Angelita, do Xandi e da própria cabeleireira e saliento que o Xandi me relatou que detestava morar nessa casa. A Angelita contou-me que saiu daquele ponto bom que era a casa na Rua Marechal Deodoro a pedido de sua mãe, pois ela queria que a filha morasse na frente da residência em que estava morando. No entanto, a Angelita foi morar em outro lugar, o qual eu não cheguei a conhecer. Segundo ela, a moradia nesse local durou pouco tempo, pois ele foi apenas a solução para um momento de urgência, visto que ela decidiu fazer a sua mudança em apenas um dia.

Eu já não colocava mais mega hair com a Angelita quando a minha mãe foi até a casa dela cortar o cabelo. Então descobri que ela estava morando na rua Manoel Ribas, que é próxima ao centro e ao Bairro Rosário em um apartamento no primeiro andar (Figura 13). Por coincidência, a proprietária deste apartamento em que a Angelita estava morando, é amiga da

³⁸ Disponível em <https://www.google.com.br/maps/@-29.677035,-53.794496,3a,75y,187.82h,79.81t/data=!3m4!1e1!3m2!1sGElvNm05-6g-fz69LI_0ag!2e0>. Acesso em: junho de 2015.

³⁹ Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-29.679986,-53.788961,3a,37.5y,6.65h,83.57t/data=!3m4!1e1!3m2!1sTWyTyNFfEwig1d1EDi2trQ!2e0>>. Acesso em: junho de 2015.

minha mãe, assim como o seu filho é meu amigo e então mesmo não tendo manipulado o cabelo com a Angelita nesta residência, sei que é um ambiente em bom estado, pois já conhecia este apartamento. Após ter conversado com a sua amiga, minha mãe me contou que ela pediu para a Angelita retirar-se do local pois seu filho havia casado e assim, precisava da residência. A cabeleireira gostava do apartamento onde estava morando e não teve problemas com os outros moradores do prédio, tanto que atualmente está morando há duas quadras do local. Porém agora ela tem residência própria e, portanto, acredito que irá fixar moradia nesse local. Procurando no site Google Maps⁴⁰ para ver uma foto da atual casa da Angelita, descobri que em 2011 existia apenas a casa dos fundos (Figura 14), ou seja, a casa atual da Angelita foi recém construída.

Figura 13 - Apartamento em que a Angelita morou.



Fonte: Site Google Maps⁴¹.

Figura 14 - Foto do terreno onde a Angelita mora tirada em 2011, antes da casa ser construída.



Fonte: Site Google Maps⁴².

A meu ver, essa residência possui as melhores condições de todas as que a Angelita já morou. Tem dois andares e um portão grande e eletrônico (Figura 15). Assim como nas outras casas, esta também não tem uma placa, um banner ou algo similar que facilite para que as

⁴⁰ Google Maps: Site que exhibe os mapas do mundo.

⁴¹ Disponível em: < <https://www.google.com.br/maps/@-29.678628,-53.812345,3a,75y,159.71h,90.26t/data=!3m4!1e1!3m2!1sUmJQ8WoKRNPmNkoCxq82Q!2e0> >. Acesso em: junho de 2015.

⁴² Disponível em: < <https://www.google.com.br/maps/@-29.678628,-53.812345,3a,75y,159.71h,90.26t/data=!3m4!1e1!3m2!1sUmJQ8WoKRNPmNkoCxq82Q!2e0> >. Acesso em: junho de 2015.

clientes encontrem a entrada do salão (Figura 16), pois a primeira vez que fui nesta casa perguntei para uma senhora que estava na rua onde a Angelita morava e ela que me auxiliou. No início achei que ela morava apenas no andar de baixo, mas no dia que pedi pra ir ao banheiro, ela disse que eu podia tanto ir no de baixo como no de cima, e foi apenas essa vez que entrei na casa atual da Angelita. Saliento que pela primeira vez o salão é separado da casa e possui televisão e ar condicionado, o que é outra novidade em um salão da Angelita. Mas, mas comparando com a maioria dos outros salões de beleza existentes em Santa Maria, o espaço é relativamente menor.

Figura 15 - Foto da casa da Angelita.



Fonte: Arquivo pessoal,

Figura 16 - Entrada do Salão da Angelita



Fonte: Arquivo pessoal.

Onde a Angelita realiza as manutenções capilares, há uma poltrona de cabeleireiro e um espelho grande na frente (Figura 17). Ao lado direito, há uma estante que contem muitos objetos, dentre eles, algumas mechas de mega hair. Acima dessa estante fica a televisão e ao lado há uma cadeira apropriada para fazer a lavagem do cabelo. No fundo da sala (Figura 18) tem outra estante, com produtos que a Angelita precisa, como tinturas, alisamentos, finalizadores, entre outros. Visualiza-se também uma janela que possibilita enxergar a sala da Angelita, tendo em vista que o salão é anexo a casa e abaixo desta, um sofá de três lugares.

Figura 17 - Poltrona, espelho.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 18- Fundos do salão da Angelita.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Figura 19 -: Estante de esmaltes.

Fonte: Arquivo pessoal;

Também se encontra uma estante com muitos esmaltes (Figura 19) com cores tradicionais, como o vermelho, branco e o rosa. Não constatei cores de esmaltes extravagantes, nem adesivos, pinceis ou pingentes, utilizados para a realização de unhas decoradas. A primeira e única vez que vi a Angelita fazer serviço de manicure⁴³ e pedicure⁴⁴, ela aplicou um esmalte bem discreto na cliente e não utilizou nenhuma dessas tendências da moda. Considero esta cliente que observei uma exceção, pois era uma senhora de mais ou

⁴³ Manicure: Profissional que trata das mãos, aparando, polindo e esmaltando as unhas.

⁴⁴ Pedicure: Profissional que trata dos pés, aparando, polindo e esmaltando as unhas.

menos 65 anos, branca e tinha ido ao salão da Angelita somente para fazer as unhas, ao contrário das demais clientes que geralmente cogitavam em fazer as unhas com a Angelita após uma manipulação capilar. Digo isto pois já observei a Angelita oferecer o serviço de manicure e pedicure enquanto manipulava o cabelo das clientes e percebi que, embora ela diga ser especialista em fazer mãos e pés, a maioria das mulheres vai ao seu salão com o intuito de manipular o cabelo. Acredito que a maior procura por serviços de manicure e pedicure no salão da Angelita seja de clientes brancas, pois é perceptível que a especialidade capilar da cabeleireira é a manipulação do cabelo afro, principalmente os alisamentos. Também penso que devido ao sucesso das unhas decoradas, que a Angelita não faz, o trabalho de manicure e pedicure não seja tão evidente no seu salão. No entanto, saliento que em todo tempo que frequentei o salão da Angelita, visto que há alguns anos atrás as unhas decoradas ainda não estavam em evidência, nunca vi alguém solicitando o serviço de manicure e pedicure.

Diante das várias mudanças residenciais da Angelita e independente do local onde ela esteja morando, constatei que a maioria das suas clientes continua frequentando o salão. Portanto, entendo que a clientela da Angelita não é determinada pelos bairros onde essas mulheres estão inseridas e sim pela eficiência do trabalho da cabeleireira, principalmente com o cabelo afro. Por algumas vezes, mulheres de lugares opostos à zona leste, onde em grande parte do tempo a Angelita esteve inserida, me perguntaram o seu número de telefone e aparentavam não se importar com a distância de onde moravam até o salão de beleza. Porém, ressalto que na maioria das vezes a Angelita instalou o seu salão em bairros compostos por uma significativa população negra e, diante dessas várias mudanças, o que auxiliou a cabeleireira a não perder o contato com as clientes foi o seu número de telefone. Em todo esse tempo, ela mudou apenas uma vez o número do seu telefone e, no momento dessa única alteração, fez um grupo no Facebook chamado Angelita Cabeleireira com quase 400 membros postando o novo número. Verifiquei que neste grupo participam muitas mulheres negras que circulam pelos mesmos ambientes de sociabilidade que os meus, principalmente as escolas de samba, os pagodes e o Museu Treze de Maio. Também notei que várias mulheres brancas participam do grupo, mas eu nunca as encontrei no salão da Angelita. A foto de capa deste grupo é uma mulher branca com cabelos lisos (Figura 20) o que faz as pessoas presumirem que a maior especialidade da Angelita é alisar os cabelos. No grupo, Angelita postou algumas fotos fazendo propaganda das áreas de manipulação capilar em que é especializada (Figura 21).

Figura 20 - Foto da capa do grupo Angelita Cabeleireira no Facebook.



Fonte: Grupo do Facebook Angelita Cabeleireira⁴⁵.

Figura 21- Fotos expostas no grupo no Facebook Angelita Cabeleireira.



Fonte: Grupo do Facebook Angelita Cabeleireira.

Analisando as fotos acima, das cinco mulheres expostas, três são brancas e os tipos capilares mostrados são longos, lisos ou no máximo ondulados. Porém, friso que na nossa

⁴⁵ - Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/660362980685222/?fref=ts>>. Acesso em: junho de 2015

sociedade o cabelo ondulado é considerado liso. A partir das fotos expostas e também dos tipos de manipulação que a Angelita realiza como Mega Hair, alisamentos e relaxamentos, verifica-se que no Salão da Angelita atenuam-se os traços físicos da mulher negra. Devido ao fator encolhimento do cabelo afro, que na grande maioria não é liso, o real comprimento dos fios dificilmente é perceptível. Portanto, ao contrário do Museu Treze de Maio, entende-se que no Salão da Angelita predomina-se o ideal ou padrão de mulher branca.

Tratando-se de manipulação do cabelo afro, nas fotos de divulgação acima percebe-se que Angelita não trabalha com o permanente afro e nem com tranças afros. Nunca verifiquei uma mulher sair do salão da Angelita com o cabelo cacheado, crespo, de tranças, ou de black power. Uma vez ela pediu o contato da minha amiga trançadeira, pois muitas vezes este tipo de manipulação capilar, que ela não realiza, é reivindicada no salão. Ou seja, os estilos de cabelos considerados principalmente pelo Movimento Negro como os que retratam uma identidade e conscientização negra, como o cabelo crespo, o black power e as tranças, a Angelita não manipula.

Em dias de grande movimento geralmente a Angelita conta com uma ajudante, mas já observei que as auxiliares da cabeleireira mudaram de acordo com a residência que a Angelita estava inserida. A última ajudante que conheci é branca e acredito que deva morar nos fundos da casa da Angelita, pois assim como estava presente no salão, ausentou-se por algumas vezes e logo apareceu com um chimarrão.

Percebi que a Angelita geralmente está disponível para as clientes e somente não aceita algum serviço quando realmente não há um mínimo de tempo para fazê-lo; caso contrário, ela arranja uma maneira de receber o maior número de clientes possíveis. Observei que a Angelita atende várias clientes ao mesmo tempo, por exemplo, lavando o cabelo de uma cliente enquanto o produto está agindo no cabelo de outra, e assim por diante. Em quase todas as vezes que fui ao salão da Angelita ela não me atendeu na hora marcada e, da mesma forma, verifiquei que geralmente as mulheres esperam para serem atendidas. A partir de então percebi que muitas vezes no seu salão o que realmente vale é a “hora da chegada”. Frequentadoras do salão da Angelita comentaram que o salão sempre funcionou desta maneira e constatei que mesmo diante disto, as clientes não deixam de frequentá-lo.

Notei que a Angelita é muito dinâmica, pois em todas as vezes que estive no salão, ela sempre atendeu as ligações telefônicas e nunca recusou receber uma cliente, sendo que quando não havia outra opção, ela marcava as manipulações para o domingo. Angelita já exerceu diversas profissões, como faxineira e doceira. Várias pessoas dizem para ela voltar a fazer e vender bombons, uma das atividades que exercia quando mais nova, porém a Angelita

alega que trabalhar simultaneamente com bombons e cabelos não é apropriado, pois mesmo conservando o ambiente limpo, sempre se encontram vestígios capilares. “Sempre tem fio de cabelo na escada”, completou Xandi. Conclui-se que a Angelita faz por si, e principalmente pelo filho, o trabalho que for preciso para sustentá-los.

No salão da Angelita sempre aparece alguém pra vender um produto, como um doce ou ainda uma roupa. Em uma das minhas últimas visitas ao salão, uma vendedora de roupas apareceu e a Angelita comprou uma camisa. Quando as vendedoras aparecem todas as clientes ficam em volta, observando o que está à venda. A Angelita inclusive para de fazer a sua ocupação para ver as ofertas e nenhuma cliente fica chateada com a situação. Noto uma simplicidade e descontração no salão da Angelita, pois ela está sempre de chinelos e camiseta, os horários não são seguidos à risca, as clientes conversam umas com as outras e às vezes tomam chimarrão. Em alguns salões de beleza os profissionais utilizam uniforme, maquiagem e cabelos que chamam a atenção dos clientes, assim como há geralmente uma recepção que faz a mediação dos profissionais com os clientes, atribuindo uma formalidade ao ambiente. De maneira oposta, no salão da Angelita, nunca a vi maquiada, ela geralmente trabalha de cabelo preso e bem à vontade e as relações pessoais predominam nas interações entre a Angelita e as clientes, visto que há apenas dois ajudantes, uma vizinha e seu filho e, portanto, não existe muita mediação e prevalecem as relações familiares e de vizinhança. Quando as clientes pagam a cabeleireira, ela discretamente coloca o dinheiro no sutiã e não conta a quantia que lhe foi dada, assim como não fica ao lado delas esperando o pagamento, demonstrando assim uma relação de confiança. As próprias clientes pegam o dinheiro na bolsa e dão para Angelita interrompendo-a, pois muitas vezes ela já está manipulando o cabelo de outra pessoa.

No contexto geral, as mulheres comparecem ao salão da Angelita bem despojadas, visto que nunca vi uma mulher chegar ao salão de salto alto ou com maquiagem extravagante. A linguagem que utilizam é informal e espontânea e a partir das conversas que ocorriam no salão observei que o contexto de onde estas mulheres são oriundas e estão inseridas é simples. Corroborando a isso, também observei a ausência de carros em frente aos salões em que a Angelita trabalhou, ao contrário do que acontece na grande parte de outros salões de beleza, que possuem até mesmo estacionamento. Diante disto, penso que a maioria das clientes da Angelita vai a pé até o salão e talvez não possua meio de locomoção próprio.

No salão da Angelita, conversávamos dos mais variados assuntos. O carnaval de rua geralmente é um dos tópicos mais falados, visto que a maioria das mulheres que frequentam o salão, mesmo que não desfilem no carnaval de rua, estão ligadas às escolas de samba, muitas

vezes apenas na torcida. Em meio às conversas, eu procurava refletir antes de fazer algum comentário pois considero complicado falar sobre alguém ou algo no salão da Angelita, já que as pessoas geralmente se conhecem e estão ligadas aos mesmos ambientes de sociabilidade; por isso, a meu ver, qualquer discurso poderia correr o risco de ser mal interpretado. Quando levei a minha sogra ao salão, lá dialogamos sobre a situação amorosa de uma amiga dela, que descobrimos também ser cliente da Angelita. A Angelita estava escutando o assunto e perguntou por algumas vezes de quem era a pessoa que estávamos falando e a minha sogra disse apenas que era uma amiga. Como eu já sabia do sucesso da Angelita com a manipulação do cabelo afro em Santa Maria, cogitei a possibilidade da mulher de quem estávamos falando ser cliente da cabeleireira. Percebendo que não iríamos falar o nome da amiga da minha sogra, a Angelita perguntou se era a tal fulana e afirmamos que sim. Ou seja, tratando-se de mulheres negras santa-marienses a Angelita conhece muitas por terem sido ou serem suas clientes, ou ainda amiga destas.

Em relação a festas, Angelita comentou que em Santa Maria não existe um local de pagode onde as pessoas da sua idade possam ir, além do fato de que a cidade não está em um clima propício devido a tragédia da boate Kiss⁴⁶. Mesmo assim, dialogando sobre festividades, o Xandi contou no salão que já “viu a mãe dele dançando funk⁴⁷ no maior agito em uma festa” e enquanto ele imitava a Angelita narrando o que tinha acontecido, ela e todos que estavam presentes no salão deram muitas risadas.

Geralmente também conversamos sobre relacionamentos amorosos. Eu frequentava o salão da Angelita antes de conhecer o meu esposo e ela dizia que eu tinha o “dedo podre”⁴⁸, pois eu sempre reclamava de questões amorosas. A Angelita também comentava sobre o seu relacionamento e sempre mostrou ser uma mulher emocionalmente independente e sem ciúmes, afirmando que não adianta as mulheres enlouquecerem atrás dos homens. No salão também havia muita fofoca, pois as mulheres sempre contavam sobre a sua vida pessoal e sobre as pessoas com quem conviviam. A Angelita, assim como as clientes que estavam presentes no salão, ficavam a par de muitos boatos, principalmente no que se refere à sociabilidade negra de Santa Maria.

Procurei verificar se a Angelita utiliza uma técnica diferenciada para realizar as manipulações capilares. Ao observar a cabeleireira fazendo escova e chapinha, não parece

⁴⁶ Tragédia da boate Kiss: Tragédia ocasionada por um incêndio em uma boate situada no centro de Santa Maria, onde morreram 242 jovens.

⁴⁷ Funk: Ritmo musical elaborado por djs que possui suas principais vertentes no Rio de Janeiro.

⁴⁸ Dedo podre: expressão utilizada para designar o azar em conseguir um parceiro ideal.

haver diferença do modo que manipulamos o cabelo em casa. No entanto, fazendo uma comparação das vezes em que ela colocou o Mega Hair e as vezes em que eu coloquei, é perceptível que existe uma diferença. Por isso, presumo que além do seu conhecimento técnico há uma habilidade desenvolvida por ela resultante desse longo tempo manipulando cabelos afros. Caso contrário não teria esse grande número de clientes no salão, ainda mais diante da gama de produtos disponíveis no mercado para serem utilizados em casa, além dos tutoriais capilares disponíveis na Internet. Entretanto, suponho também que talvez a cabeleireira tenha produtos diferenciados que potencializam a ação esperada nos cabelos, como a chapinha e o secador de uso profissional, pois percebi que os cabelos alisados e escovados ficam com um aspecto melhor após a utilização da chapinha.

A Angelita manipula os cabelos de várias mulheres que eu conheço, sendo que para algumas delas eu mesma indiquei o trabalho da cabeleireira. Porém, a partir do trabalho de campo descobri que outras mulheres que eu conhecia também frequentavam o salão da Angelita. Um exemplo disto é a Mari (Figura 22) que foi minha colega de trabalho no Avenida Tênis Clube durante um ano. No dia que fui ao salão e vi a Mari, assim como já aconteceu com outras clientes, fiquei surpresa simplesmente por não cogitar a conexão de tantas mulheres com o salão da Angelita. Após este encontro, ela me disse que todo sábado vai ao salão. Negra, formada em Educação Física pela Faculdade Metodista de Santa Maria, Mari possui uma moto, mora sozinha e tem 25 anos. Já participou do Grupo de Dança Euwá Dandaras, porém sua duração no grupo foi de pouco tempo e ela não frequenta mais o Museu Treze de Maio desde então. Também já foi Rainha da Escola de Samba Mocidade das Dores e acredito que neste ambiente ela possa ter conhecido a Angelita, pois ambas frequentam a mesma escola de samba. Mari foi princesa do carnaval de Santa Maria e nos últimos anos afastou-se do carnaval santa-mariense, porém em 2015 concorreu à Musa do Carnaval do Jornal Diário de Santa Maria. De vez em quando ela ia assistir as minhas aulas de samba no clube e sambava com os alunos por alguns minutos. Quando convidada para participar do desfile do carnaval de rua de 2014, ela disse que o tempo dela já tinha passado; mas após assistir o carnaval, falou que poderia voltar este ano. Eu considerava que Mari não frequentasse mais os principais ambientes de sociabilidade negra de Santa Maria, visto que não a via nos ensaios de escola de samba, nas pagodeiras e nem no Museu Treze de Maio. Pelo que observei, suas melhores amigas são suas colegas de trabalho e de faculdade, que são brancas, e as festas onde ela comparecia não são muito frequentadas pela maioria dos negros da cidade. Portanto, a partir deste concurso para Musa do Carnaval do Diário de Santa Maria, percebo que ainda há um vínculo, mesmo que não tão próximo (pois os ensaios para o

carnaval de rua duram em média apenas dois meses), da Mari com os ambientes de sociabilidade negra da cidade.

Figura 22 - Mari, cliente da Angelita.



Fonte: Arquivo pessoal de Mari.

O cabelo da Mari já tinha me chamado a atenção devido à raiz estar sempre lisa e por nunca vê-la com uma onda capilar, mesmo sendo professora de ginástica e instrutora de musculação, já que o couro cabeludo transpira com a atividade física. Em um dos dias que presenciei a Angelita manipular o cabelo da Mari, observei que em poucos minutos ela lavou, secou, fez chapinha e o aspecto do cabelo dela não teve uma “transformação” como o de outras clientes, até porque já estava bem tratado e alisado. Suponho que isso deve acontecer porque a Mari realiza as manipulações e cuidados adequados com os seus cabelos.

Enquanto estávamos conversando sobre um show que havia acontecido no clube um dia antes, Xandi apareceu com uma foto antiga dele junto a Mari e mais alguns amigos de ambos na escola de samba Mocidade Independente das Dores. Ao visualizar a foto observei que há muitos anos atrás a Mari já alisava o cabelo. Observo uma trajetória escolar e profissional ascendente no caso de Mari, e isso parece contribuir para afastá-la de espaços de sociabilidade negra que costumava frequentar. Embora já alisasse o cabelo quando frequentava o Museu Treze de Maio e a Escola de Samba Mocidade Independente das Dores, acredito que assim continuará fazendo, pois diante do seu cotidiano e das pessoas com quem mais convive, o padrão de beleza em que Mari se espelha são mulheres que circulam nos ambientes que

frequenta, como as colegas da faculdade, as alunas e colegas da academia onde trabalha; ou seja, está mais envolvida em espaços que possuem o ideal de uma mulher branca.

Outra mulher que eu conhecia e descobri que também já frequentou o salão da Angelita foi a Mauren (Figura 23), que ainda, foi uma das minhas entrevistadas referente ao meu trabalho de campo no Museu Treze de Maio. Quando fui entrevistá-la perguntando questões imbricadas ao cabelo, descobri que ela já tinha sido cliente da Angelita. A partir da análise de mulheres como a Mauren, percebi que o Salão da Angelita e o Museu Treze de Maio estão mais próximos do que eu imaginava, pois várias mulheres possuem ligações com os dois ambientes. Quando pensei em realizar o meu trabalho de campo no salão da Angelita acreditava que ia encontrar muitas mulheres desconhecidas e vindas de contextos diferentes mas, ao contrário do que eu pensava, conheço muitas clientes da Angelita. A Mauren não manipula mais o cabelo com a Angelita, mas elogiou o trabalho da cabeleireira. O pai dela também frequentava o clube Treze de Maio, conhece o meu pai desde a adolescência e até hoje são amigos. Na dissertação de Weber (2014), que expõe dados sobre o Museu Treze de Maio, constatei que a mãe da Mauren já foi Rainha do Treze de Maio. Escolhi a Mauren para ser umas das minhas entrevistadas do Museu pela sua atuação como professora da Companhia do Axé no local, mesmo que por pouco tempo, devido a interdição do Museu logo que iniciaram as atividades do grupo. Mauren é negra, tem 24 anos, é formada em educação física pela Universidade Federal de Santa Maria e possui ligação com a dança. Já participou da Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras durante alguns meses, mas afastou-se e reapareceu após três anos com a proposta de montar a Companhia do Axé. Foi também Rainha do Carnaval do Clube Recreativo Dores e Musa da Escola de Samba Barão do Itararé. Considero que Mauren seja de grande relevância para o presente estudo, visto que ela foi professora em uma oficina sediada no Museu Treze de Maio, onde perduram os cabelos black power, crespos e trançados, ao contrário dela que utiliza cabelos alisados. Percebi que o maior intuito de Mauren no Museu Treze de Maio era dançar, pois procurava não se envolver em debates políticos a respeito da negritude.

Figura 23 - Mauren, ex-cliente da Angelita e Professora da Companhia do Axé sediada no Museu Treze de Maio.



Fonte: Arquivo pessoal de Mauren.

Ao iniciar o meu trabalho de campo no salão da Angelita, a primeira cliente que encontrei era uma mulher negra e idosa. Após a escova, Angelita modelou todo o cabelo com a chapinha como se tivessem sido usados bobs, prendeu e auxiliou na maquiagem, que não estava no pacote. Algo que antigamente era realizado durante horas com a utilização dos bobs, a Angelita modela em poucos minutos com a chapinha. Quando citei o nome do meu pai no salão percebi que a senhora o conhecia e logo disse que o seu ex-genro é meu tio, irmão do meu pai. Já maquiadas e prontas para que a Angelita manipulasse os seus cabelos, logo mais chegaram as filhas desta senhora, pois todas iriam a um casamento. Angelita fez uma escova rápida e uma trança para o lado no cabelo de uma delas, que é longo e resultante de uma manipulação com produtos químicos. Identifiquei que essa mulher, que eu não via há muitos anos, tinha sido esposa do meu tio, mas fiquei receosa em falar algo. Em meio às conversas, ela me reconheceu e dialogamos sobre a família e os primos que eu provavelmente não reconheceria, pois há muitos anos não os vejo. Na outra cliente, Angelita aplicou algumas mechas de mega hair e fez um coque valorizando o comprimento destas, com o intuito do cabelo parecer estar mais longo. Essa moça, que eu acreditava nunca ter visto, disse o meu nome e me perguntou com familiaridade sobre as aulas do Museu, dando a entender que já me conhecia. A partir do meu encontro com essas mulheres, corroborei a afirmação de que muitas clientes da Angelita estão ligadas mesmo que indiretamente ao Museu Treze de Maio e me conhecem devido a minha atuação no carnaval de rua da cidade. Algumas das clientes que eu desconhecia elogiaram a minha atuação como Rainha de Bateria na escola de samba Barão do

Itararé e conversavam comigo a respeito do carnaval de rua de Santa Maria, dialogando sobre o resultado do desfile e também acerca da atuação das pessoas no meio carnavalesco.

“Vim pra ti dar um trato na minha raiz!” Essa foi a frase que uma cliente chegou dizendo para a Angelita, com um intuito de que a cabeleireira alisasse ou relaxasse o seu cabelo. Angelita passou um relaxante com um odor ruim, mas que depois de aplicado expirou-se quase que totalmente. Não demorou muito, Angelita já enxaguou e passou outro produto na cliente, o neutralizante, utilizado para finalizar a manipulação química.

Ainda no que concerne ao cheiro, após a manipulação da chapinha muitas vezes o cabelo fica com um odor peculiar, similar ao cabelo queimado, porém mais fraco. Quando eu manipulava o meu cabelo com secador ou chapinha, ou o cabelo da minha cunhada, exalava um cheiro que não era forte, mas sim marcante, como um cheiro de queimado. Em algumas das vezes que passei a chapinha no meu cabelo, meu pai vinha até o quarto perguntar se havia algo queimando.

Quando ainda utilizava tranças nagô, perguntei para um amigo (branco) o que ele achava e ele disse que considerava bonito, mas que não gostava muito do cheiro das tranças, pois tinha ficado com uma mulher que as utilizava e a experiência não tinha sido muito agradável. Lembro que quando uma colega do Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras que usava henê suave, exalava um cheiro que se tornava o comentário das colegas. A questão do mau cheiro capilar remete às interações sociais, pois na nossa sociedade um cabelo cheiroso é considerado um sinal de higiene e, portanto, quem não possui um cabelo perfumado é julgado sujo. A aplicação do Mega Hair com cola de queratina também exala um cheiro de queimado, uma vez que a pinça é tão aquecida que derrete a cola em segundos; sendo assim, da mesma forma que na manipulação com a chapinha, o cheiro desta é similar ao queimado, porém peculiar. Portanto, pelo cheiro muitas vezes é possível saber qual o tipo de manipulação capilar a pessoa está realizando.

Ninguém no salão comentou a respeito do meu cabelo a não ser o Xandi e a Angelita, que logo no primeiro dia de trabalho de campo notou que eu tinha descolorido algumas mechas em casa e disse: “Porque não veio aqui para eu fazer essas mechas?” Eu disse que descolori o cabelo por impulso após ver alguns fios brancos e que devido à gravidez, naquele momento eu não poderia utilizar nenhuma química no cabelo, mas que após a gestação voltaria ao salão para ela realizar essa manipulação. Quanto ao meu cabelo ser cacheado/crespo, Angelita disse que ele estava bom assim e lembro que, ao vê-la aplicando Mega Hair em uma cliente certo dia, falei que às vezes sentia saudade do alongamento; ainda assim ela afirmou que o meu cabelo estava ótimo dessa maneira.

No entanto, cabe salientar que o meu cabelo não é conceituado como um dos mais crespos. Existe uma classificação proposta por André Walker - exposta na Internet e anexa a este trabalho (ver Anexo B) - baseada nos padrões de ondas capilares. A partir dela pode-se perceber que há uma grande variedade de tipos de cabelos, inclusive mais crespos que o meu, ou seja, cachos mais finos e menos visíveis. Penso que se o meu cabelo fosse mais crespo, como um black power, talvez eu não recebesse os elogios da Angelita e também houvesse um choque por parte das clientes, pois percebo que grande parte das pessoas, principalmente as que não estão vinculadas ao Movimento Negro, consideram que o cabelo crespo bonito é o que possui cachos definidos. Ressalto que segundo a reflexão de Tanimara Santos (2009) citando Santos (2000), o cuidado com os cabelos crespos naturais se remete a uma tentativa de deixá-los com os aspectos estéticos do cabelo liso; brilho e maciez são essenciais para se verificar a saúde dos fios crespos, e essas características são retiradas do que se enxerga nos fios lisos. Portanto, entendo que mesmo diante desta atual valorização dos cabelos crespos, as pessoas ainda seguem o padrão do cabelo europeu, pois os cabelos afros não são tidos como referência, visto que a definição dos cachos poderia ser mais uma forma encontrada de escamotear a ascendência negra e/ou africana (SANTOS, 2009).

Algumas pessoas conhecidas minhas que utilizam manipulações de alisamento já relataram que se o cabelo delas fosse semelhante ao meu elas usariam natural. Para que eu deixe o meu cabelo volumoso semelhante a um black Power, preciso esperar ele secar e só após levantá-lo com um garfo, caso contrário ele fica sem volume. Uma vez, uma aluna da Companhia do Samba, ao ver a minha apreensão quando notei que o cabelo ainda estava molhado e eu não conseguiria deixá-lo volumoso a tempo de ir a um evento no Museu Treze de Maio disse: “Ah se o meu cabelo fosse assim!”. Em outra ocasião, eu estava assistindo o desfile do carnaval de Santa Maria com a Paola, minha amiga trançadeira, e quando passou uma mulher com um cabelo crespo e volumoso, a Paola disse: “Se o meu cabelo fosse que nem o de vocês eu usaria assim”. Da mesma forma, quando parei de manipular o meu cabelo com alisamento e comecei a utilizá-lo natural, muitas pessoas me diziam: “Ah, mas o teu cabelo é bom” ou ainda “tu nem precisava estar fazendo alisamento”. Portanto, entendo que se o meu cabelo fosse mais crespo eu não escutaria tantos elogios relacionados à ele e sim à minha atitude e personalidade por utilizar um cabelo crespo e volumoso. No geral, embora o black power seja considerado um símbolo diacrítico da negritude, ele não é considerado bonito em grande parte das localidades, tanto que as pessoas que o utilizam são consideradas corajosas. No entanto, o fato de ele ser considerado ruim, feio, bom, bonito, entre outras

denominações, pode mudar de acordo com o local em que as mulheres estão inseridas, como irei discutir mais detalhadamente no Capítulo II.

Cabe relatar uma senhora, uma senhora de mais ou menos 70 anos que era conhecida da minha família e usava mega hair para amenizar a calvície. Viúva, técnica administrativa aposentada da Universidade Federal de Santa Maria, dona Ilza foi uma das primeiras rainhas do Museu Treze de Maio, frequenta a escola de samba Mocidade das Dores e acredito que também conheça a Angelita deste ambiente. Fiquei curiosa em saber como a Angelita faz a aplicação do mega hair em uma pessoa que deve ser cerca de 70% calva. Lembro que ao desembaraçar o Mega Hair da dona Ilza, a Angelita disse que esses cabelos de boneca eram difíceis de desenredar, o que dava a entender que o cabelo que ela estava aplicando não era 100% natural.

Outra mulher de grande relevância para o estudo por frequentar o salão da Angelita e o Museu Treze de Maio é a Mariane (Figura 24). O cabelo da Mariane já tinha me chamado atenção, pois lembro que uma vez estávamos no mesmo ônibus indo para a universidade e observei o brilho intenso que ele possuía. No dia que encontrei a Mariane no salão da Angelita, a cabeleireira manipulou o cabelo da cliente com secador e chapinha mecha por mecha, e o processo foi bem demorado. Constatei que a Angelita realiza a escova progressiva no cabelo de Mariane, pois observei ambas conversarem a respeito da progressiva que não tinha sido retocada desde o carnaval. Conheci a Mariane através das escolas de samba, dos pagodes e do Museu Treze de Maio. Mariane é negra, tem 28 anos e ingressou no mestrado na Universidade Federal de Santa Maria no mesmo período que eu, porém no curso de enfermagem e atualmente é doutoranda em enfermagem na UFRGS⁴⁹. Ela chegou a comparecer algumas vezes às reuniões do grupo Juventude Negra de Santa Maria, vinculado ao Movimento Negro, mas logo se afastou. A mãe de Mariane, Suzete (Figura 25), é negra e está inserida nestes mesmos espaços de sociabilidade, sendo que já atuou na direção das escolas de samba Unidos do Itaimbé⁵⁰ e Mocidade Independente das Dores.

⁴⁹ UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁵⁰ Unidos do Itaimbé: Uma das escolas de samba mais antigas de Samba de Santa Maria, também chamada de verde e rosa.

Figura 24 - Mariane e Xandi

Fonte: Arquivo pessoal de Mariane.

Figura 25 - Mariane e sua mãe Suzete

Fonte: Arquivo pessoal de Mariane.

Da mesma forma que a sua filha, Suzete também utiliza o cabelo liso, mas não a encontrei no salão da Angelita. A Mariane foi a primeira mulher pertencente ao meu trabalho de campo no salão da Angelita que esteve conectada ao Movimento Negro de Santa Maria, mesmo que por pouco tempo; as outras mulheres, por sua vez, embora já tivessem frequentado o Museu Treze de Maio não pertenciam a este movimento político e ativista. Algo que me chamou a atenção foi quando Angelita, conversando com outra cliente, se referiu à Mariane dizendo: “O cabelo dela era bem afro!” Esse discurso me fez entender que a Angelita queria enfatizar que mesmo o cabelo da Mariane, que era muito crespo, conseguia ter a obtenção de um efeito totalmente liso diante de um alisamento adequado. Além disso, pode haver outro sentido mais pejorativo com o cabelo muito crespo, dando a entender que este tipo de cabelo é rebelde e difícil de ser manipulado, já que nesse espaço prevalece um ideal de beleza ou da boa aparência relacionado aos cabelos lisos encontrados na grande maioria em mulheres brancas.

Chamou-me a atenção uma cliente de apenas oito anos. Chegando um dia no salão, observei que a Angelita estava fazendo escova e chapinha em uma criança de cabelos longos. No momento da escova, percebi que a menina fazia feições de que a manipulação estava doendo. Quem acompanhava essa menina era a sua avó, que não dizia nada a respeito da manipulação capilar da neta. Então eu disse à Angelita que o cabelo da menina estava muito bonito e a cabeleireira me falou que ela fazia manipulação química com o intuito de alisar os cabelos. A menina saiu do salão sorrindo com os cabelos lisos. Cabe salientar que o fato de o

cabelo liso ser um padrão de beleza imposto – mesmo que disfarçadamente - na sociedade, ele influencia na decisão dos pais quanto à utilização de manipulações químicas para as crianças.

A clientela da Angelita é muito diversificada. A idade das mulheres varia de oito a setenta e poucos anos e algumas possuem o ensino superior. Não constatei nenhum diálogo acerca das religiões de matriz africana no salão da Angelita, embora eu saiba que existam clientes que estão vinculadas a estas religiões. A maioria das clientes conhece o Museu Treze de Maio, sendo que várias já possuíram uma ligação com este espaço cultural. No entanto, são raras as mulheres que frequentam o salão da Angelita e estão ligadas ao Movimento Negro, mas ressalto que a maioria está conectada às escolas de samba de Santa Maria, mesmo que seja apenas na torcida. Constatei uma trajetória ascendente da Angelita possibilitada pela sua especialização em manipular cabelos afros, pois conseguiu adquirir sua casa própria, ampliar o seu salão e pagar a faculdade do filho, que atualmente é bacharel em direito. A partir da leitura de Lody (2004) considerei a trajetória da Angelita similar de Negra Jhô, uma das trançadeiras mais famosas do Brasil: "com vinte e poucos anos, já na década de 1980, Jhô resolve ir a Salvador em busca de oportunidades de emprego. Faz de tudo um pouco. Trabalha como auxiliar de escritório, faz faxinas, prepara congelados. Mas não esquece o gosto e talento em trabalhar cabelos de afro descendentes" (LODY, 2004, p.119).

Percebi que Angelita não rompeu com os valores de sua origem social, pois mesmo mudando de status, para um salão mais sofisticado, equipado com ar condicionado e outras melhorias, ela mantém o *habitus* das classes populares. Angelita atende a todos, mesmo que isso implique horas a mais de trabalho, sua agenda e horários são flexíveis, trata suas clientes de maneira informal deixando-as mais à vontade, e mantém preços acessíveis, o que pode ter resultado na sua clientela fixa mesmo com a mudança de status para um salão mais sofisticado.

CAPÍTULO II

2. ETNOGRAFIA NO MUSEU TREZE DE MAIO

Neste capítulo, descrevo a realização do trabalho de campo no Museu Treze de Maio, onde sobressaem os cabelos crespos, trançados e black power. Esse local é um contraponto às manipulações capilares do salão da Angelita pois como foi descrito anteriormente, no salão da cabeleireira são realizadas manipulações de alisamento, relaxamento e mega hair. Também neste capítulo, tenho a intenção de fornecer ao leitor alguns dados socioeconômicos destas mulheres, e, sobretudo contextualizar as suas origens familiares e as suas escolhas capilares relacionadas aos espaços de trabalho e sociabilidade negra por elas frequentados.

Os membros e atuações da diretoria são de extrema importância para o Museu Treze de Maio, mas o que move e impulsiona este espaço são as oficinas, pois elas atraem as pessoas a frequentar o local e fazem com que ele seja mais dinâmico. Por este motivo, primeiramente contextualizarei algumas oficinas que foram realizadas no Museu Treze de Maio nos dez anos em que o frequentei e posteriormente abordarei algumas mulheres que circulavam por este ambiente, mesmo que algumas destas não tenham participado das oficinas.

2.1 OFICINAS REALIZADAS NO MUSEU TREZE DE MAIO

Ingressei no Museu Treze de Maio em 2003 quando comecei a participar do Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras, e através dele conheci muitas pessoas que fizeram e fazem parte do Museu. A partir de então, encontrava os integrantes da capoeira, os dinamizadores que estavam sempre a par das questões políticas e estruturais do Museu e ainda os simpatizantes e familiares das pessoas que lá estavam inseridas. Assim sendo, criei um vínculo de afeição por muitas pessoas que frequentavam o Museu, mesmo que estas não fossem minhas colegas de dança. Saliento também que no decorrer dos anos muitas pessoas deixaram de ir ao Museu assim como novas pessoas começaram a frequentá-lo.

O Grupo Euwá Dandaras (Figura 26), coordenado por Jamaica, já passou por distintas fases de integrantes e por diversos motivos as bailarinas deixavam de pertencer ao grupo, principalmente pela constituição de uma nova família (PENA, 2014). Saliento que em determinada época, logo que entrei no grupo, grande parte das bailarinas possuíam vínculos familiares com a Jamaica e várias mulheres negras santa-marienses que eu conheço hoje já

participaram deste grupo, sendo que algumas se tornaram minhas amigas. Com o passar do tempo a técnica da maioria dos bailarinos do Grupo Euwá Dandaras qualificou-se de maneira que os movimentos exercidos por eles tornaram-se consideradamente difíceis pelos integrantes novos e, em consequência disso, muitas vezes acabaram desistindo. Ressalto ainda o vínculo de pertencimento dos integrantes que já dançavam por muitos anos no grupo, o qual serviu como construção identitária e étnica, como constata Pena (2014). Considero que, sobretudo devido a estes fatos, o número dos bailarinos solidificou-se por um bom tempo.

Figura 26 - Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras no Santa Maria em Dança em 2008.



Fonte: Arquivo pessoal.

A maioria dos bailarinos do Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras sempre foram mulheres negras e, no que concerne ao estilo capilar destas, embora exista no grupo uma heterogeneidade, percebi no contexto geral uma transição do cabelo liso para o crespo, uma vez que este constitui o primeiro signo da identidade negra, por parte de sujeitos negros, seguido pelo corpo e demais sinais diacríticos (MONTEIRO, 2008). Somente verifiquei o uso do black power na Eveline Pena, uma integrante que posteriormente irei descrever neste estudo, mas que já tinha se afastado do grupo quando começou a utilizar este estilo de cabelo.

No entanto, a partir da fundação da Companhia do Samba, conheci outras pessoas negras que estavam ligadas ao Museu Treze de Maio e que não tinham conexão com a Cia de Dança Afro Euwá Dandaras, a qual era o meu vínculo principal com o espaço. Mesmo que a aula inaugural (Figura 27) tenha sido muito divulgada com o auxílio da diretoria do museu, me surpreendi com o grande número de pessoas que lá estavam. Muitas delas eu conhecia das

escolas de samba, dos pagodes e da Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras, mas várias pessoas que presenciaram a primeira aula da Companhia do Samba eram desconhecidas por mim.

Figura 27 - Aula Inaugural da Cia do Samba.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Da mesma maneira que na Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras, com o decorrer do tempo muitas pessoas deixaram de participar das aulas da Cia do Samba. Ao contrário da Cia Euwá Dandaras, na Cia do Samba percebi uma diversidade de etnias, pois embora a maioria dos integrantes fossem negros, encontravam-se integrantes brancos engajados no grupo. Porém, na Cia do Samba constatei a utilização de um cabelo crespo mais volumoso, assim como a utilização do black power, mas saliento que antes de ingressarem no grupo algumas das bailarinas da Cia do Samba já possuíam uma ligação com o Movimento Negro e com o Coletivo de Resistência Artística Periférica (Co-rap)⁵¹.

⁵¹ Co-rap: Significa Coletivo de Resistência Artística Periférica e foi fundado em 2010 na Zona Oeste de Santa Maria, no intuito de difundir a cultura Hip Hop do interior do estado e através dela promover um grande debate sobre a participação popular e direitos humanos. Iniciou-se apenas com alguns MCs e hoje reúne além de grupos de RAP, grafiteiros, b.boys, estudantes, jornalistas, divulgadores, colaboradores e demais interessados em fortalecer a identidade periférica. O Coletivo de Resistência Artística Periférica é aliado de diversas causas sociais como a política de ações afirmativas, anti hiv-aids, luta antimanicomial, pela pluralidade religiosa, anti machista, livre orientação sexual, entre outras. Temos com princípios fundamentais a inclusão, a identidade periférica e a participação popular. Fonte: Página do Facebook do Co-rap Disponível em <<https://www.facebook.com/corapsm/info>>. Acesso em: junho de 2015.

Figura 28- Coletivo Juventude Negra Feminina de Santa Maria-RS homenageando Maria Rita Py Dutra no 1º Sarau de Poesia da JuNF.



Fonte: Arquivo exposto no Grupo do Facebook Juventude Negra de Santa Maria⁵².

O grupo Juventude Negra Feminina de Santa Maria (JuNF – Figura 28) foi criado em 2013 e tem como principal intuito discutir e refletir acerca de questões da negritude e do preconceito racial, bem como organizar eventos sobre a temática negra. A JuNF é coordenada por Geanine Escobar, militante do Movimento Negro de Santa Maria. Neste grupo não constatei uma mulher que utilize o cabelo alisado ou mega hair e percebi a proeminência dos cabelos crespos, black powers e turbantes. Certa vez, aceitei o convite da Geanine para declamar um poema com outras meninas da JuNF. Ao chegar ao Museu Treze de Maio, local onde iríamos declamar os poemas, algumas meninas já estavam na sala da diretoria, ensaiando, maquiando e arrumando seus turbantes. O poema se chama *Mulata Exportação* e foi escrito por Elisa Lucinda, uma atriz e poeta negra brasileira:

Mulata Exportação

Mas que nega linda
 E de olho verde ainda
 Olho de veneno e açúcar!
 Vem nega, vem ser minha desculpa
 Vem que aqui dentro ainda te cabe
 Vem ser meu álibi, minha bela conduta
 Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!
 (Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?)
 Minha tonteira minha história contundida
 Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu gelol?
 Rebola bem meu bem-querer, sou seu improvisado, seu karaôquê;
 Vem nega, sem eu ter que fazer nada. Vem sem ter que me mexer
 Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer.
 Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega, me ama, me colore

⁵² Disponível em: < https://www.facebook.com/JuventudeNegraFemininaDeSantaMariaRs/photos_stream>. Acesso em: junho de 2015.

Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê.
 Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar.”
 Imaginem: Ouvi tudo isso sem calma e sem dor.
 Já preso esse ex-feitor, eu disse: “Seu delegado...”
 E o delegado piscou.
 Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena
 com cela especial por ser esse branco intelectual...
 Eu disse: “Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade, Genocídio
 nada disso se cura trepando com uma escura!”
 Ó minha máxima lei, deixai de asneira
 Não vai ser um branco mal resolvido
 que vai libertar uma negra:
 Esse branco ardido está fadado
 porque não é com lábia de pseudo-oprimido
 que vai aliviar seu passado.
 Olha aqui meu senhor:
 Eu me lembro da senzala
 e tu te lembrás da Casa-Grande
 e vamos juntos escrever sinceramente outra história
 Digo, repito e não minto:
 Vamos passar essa verdade a limpo
 porque não é dançando samba
 que eu te redimo ou te acredito:
 Vê se te afasta, não invista, não insista!
 Meu nojo!
 Meu engodo cultural!
 Minha lavagem de lata!
 Porque deixar de ser racista, meu amor,
 não é comer uma mulata!

(Elisa Lucinda⁵³)

Quando, no grupo da JuNF no Facebook, foi discutido quem iria declamar este poema, Geanine sugeriu que fosse eu e, após a declamação, algumas pessoas disseram que este poema era “a minha cara”. Entendo que as pessoas consideram que o poema *Mulata Exportação* possua uma relação comigo devido principalmente a minha atuação como passista. Saliento que geralmente as passistas usam roupas curtas e extravagantes e por isso são consideradas um objeto sexual. O Movimento Negro possui dois pontos de vista em relação a esta questão, pois alguns ativistas discursam que para amenizar essa visão que a sociedade tem da mulher negra, ela deveria usar roupas que não evidenciassem o corpo como, por exemplo, usam as mulheres do bloco Ilê Aiyê. Porém, outros militantes consideram que a mulher negra passista e vestida a caráter (de fantasia) também é um símbolo da identidade negra brasileira e isso não deve ser modificado, ao contrário deste o olhar libidinoso que a sociedade tem para com a mesma, visto que o corpo se impõe como um dos lugares privilegiados da inscrição da identidade (GIACOMINI, 2006).

⁵³ Elisa Lucinda: Atriz e poetisa negra que declama poemas acerca da negritude e do preconceito racial.

Uma das últimas oficinas sediadas no Museu Treze de Maio, a Companhia do Axé (Figura 29) coordenada por Mauren Ramos surgiu em abril de 2014. Eu já era amiga da Mauren, trabalhávamos juntas, frequentávamos os pagodes e dançávamos na Cia de Dança Afro Euwá Dandaras. Certo dia ela veio falar comigo a respeito da sua vontade de montar um projeto similar ao meu com a Companhia do Samba e eu apresentei-a a diretoria do Museu Treze de Maio.

Figura 29 - Aula Inaugural da Companhia do Axé



Fonte: Arquivo pessoal de Mauren

2.2 MULHERES DO MUSEU TREZE DE MAIO

Considero a Marta Messias, mais conhecida como Jamaica (Figura 30), uma das mulheres que possuem um papel relevante para o Museu Treze de Maio devido à sua coordenação no Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras unida ao seu trabalho no Movimento Negro de Santa Maria. Formada em educação física pela UFSM, mestre em educação pela mesma universidade, doutora em educação pela UFBA⁵⁴, Jamaica tem 43 anos, atualmente é professora universitária da Unipampa⁵⁵. Sua linha de estudo é voltada principalmente para a inserção da cultura afro-brasileira na escola, sobretudo a dança. Nascida em Santa Maria, Jamaica tem uma história de superação, pois é oriunda de uma família de baixa renda e através do estudo adquiriu uma ascensão social. Hoje, com uma situação financeira mais elevada auxilia a sua família, sendo que já levou sobrinhas, uma por vez, para ficar um tempo

⁵⁴ Ufba: Universidade Federal da Bahia

⁵⁵ Unipampa: Universidade Federal do Pampa

na sua casa, incentivando o estudo, a participação na Euwá Dandaras e a ser Rainha da Barão de Itararé⁵⁶. Devido a fatores pessoais, principalmente a constituição de uma nova família, suas sobrinhas foram saindo de sua casa. Porém, ela sempre substituiu uma por outra, embora não demonstre anseio em ter filhos. Em consequência do seu trabalho na cidade de Uruguaiana, há cinco anos Jamaica não mora mais em Santa Maria; no entanto, continua atuando como colaboradora do Museu Treze de Maio e sempre que pode vai a cidade dar aula na Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras. A Jamaica também atua na Escola de Samba Barão de Itararé como porta bandeira e como membro da direção, uma vez que em suas férias ela vem à cidade para supervisionar e organizar toda escola.

Figura 30 - Jamaica desfilando no carnaval de rua de Santa Maria em 2011 como porta-bandeira da escola de samba Barão do Itararé.



Fonte: Página do Facebook da Barão de Itararé⁵⁷.

Quando a conheci, Jamaica estava no curso de mestrado, mas ainda trabalhava como trançadeira, visto que em uma das minhas visitas a sua casa, ela estava trançando uma menina, que pagou pelo trabalho. Lembro que Jamaica utilizava tranças no próprio cabelo e, na primeira coreografia que participei da Cia de Dança Afro Euwá Dandaras, ela fez tranças

⁵⁶ Barão de Itararé: Escola de Samba de Santa Maria de 29 anos e situada no Bairro Itararé.

⁵⁷ Disponível em: < <https://www.facebook.com/sambabarao?fref=ts> >. Acesso em junho de 2015.

nagôs em cada bailarina, com adereços costurados que propiciavam um visual afro. Quando ela realizou este penteado em mim, doeu bastante e vendo a minha fisionomia de dor, ela disse: “na guerra é pior!”.

Quando a Jamaica foi embora para Salvador para cursar o seu doutorado, voltou a Santa Maria com um produto químico capilar considerado inovador pelas suas conhecidas santamarienses, que propiciava que os cabelos crespos ficassem definidos e com balanço. Muitas familiares da Jamaica e algumas colegas do grupo passaram a utilizar o produto que parecia ser diferente dos permanentes afros vendidos em Santa Maria. Lembro que nas viagens do grupo, o Mestre Zinho, irmão da Jamaica e percussionista do grupo, cantava uma paródia: “OOO Irene, Oooo Irene... Vai passar lá na Jamaica pra arrumar o seu cabelo!”.

Até hoje não sei o nome do produto, até porque este era um segredo da Jamaica. O valor cobrado por ela era acessível, e na época parei de utilizar o alisamento e fiquei um período sem manipular o cabelo com produtos químicos com o intuito de que a Jamaica pudesse passar o produto no meu cabelo posteriormente. Quase um ano depois, os meus cabelos naturais já tinham crescido e voltei a casa dela em uma noite para que manipulasse o meu cabelo com o tal produto. Lembro que primeiramente foi utilizado um relaxante para que a raiz ficasse menos crespa e logo após foi aplicado um permanente afro para que o cabelo ficasse bem cacheado.

Em meio às minhas entrevistas durante o trabalho de campo, a Tatiele, ex-aluna da Jamaica, disse que o permanente afro é o produto químico que mais danifica o cabelo. Ela considera isto devido à utilização de dois produtos químicos (um para relaxar a raiz e o outro para cachear o fio capilar) e salientou que na época em que tinha utilizado os produtos “da Jamaica” ela ia lavar o cabelo “com o coração na mão” pois caíam muitos fios no banho.

Depois de já estar morando em Uruguaiana, a Jamaica surgiu com um Mega Hair crespo - nunca a vi de cabelo liso - e até hoje utiliza o cabelo dessa forma. Um fato interessante é que a Jamaica trazia debates para o grupo acerca da aceitação do cabelo crespo, mesmo que até hoje ela não use o seu cabelo natural. Concluo que embora a Jamaica seja uma grande articuladora do Movimento Negro, ela não se fundamenta em um absolutismo negro, portanto, não sendo radical em suas opiniões e discursos como são alguns integrantes deste movimento ativista, além de ser casada com um homem branco. Após alguns anos várias alunas da Jamaica começaram a utilizar o cabelo natural, porém a Jamaica que foi a mentora das alunas do Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras continua utilizando Mega Hair crespo decorrente de manipulações químicas.

Diante de toda sua trajetória como militante do Movimento Negro em Santa Maria, considero que Jamaica seja uma intelectual orgânica do movimento santa-mariense. Gramsci (1982) conceitua o que é intelectual orgânico:

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo e de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura (GRAMSCI, 1982, p. 3 - 4).

Ou seja, Jamaica tornou-se uma intelectual do Movimento Negro a partir de sua prática durante um longo período de tempo, e inclusive até o presente momento, atuando como colaboradora do Museu Treze de Maio. Por ser uma intelectual orgânica deste movimento ativista e também por ser considerada por mim uma exceção no Movimento Negro de Santa Maria - por utilizar manipulações químicas capilares e Mega Hair, já que outros ativistas que possuem uma trajetória como a sua são a favor dos “cabelos naturais” - , considere relevante expor aqui o seu depoimento acerca da utilização de manipulações químicas e Mega Hair *versus* aceitação da negritude:

Tem várias interpretações hoje, que foi por volta das décadas 50, 60, e início da década de trinta onde destaca-se a luta na África do Sul contra o apartheid e a luta contra o segregacionismo nos EUA e a favor dos direitos civis dos negros. Neste período surge um movimento mundial identitário negro e negação dos valores dos colonizadores porque esta foi a maneira que as lideranças mundiais entenderam que a luta se fortaleceria no mundo... Bem, então mais uma vez temos que entender a história porque não pode ser uma simples pergunta: Você acha que quem alisa cabelo e usa mega quer se parecer branco? Porque na sua simplicidade esta pergunta reforça o que os dominantes nos dizem como verdade e eles mesmos respondem: sim, quando fazem isso os negros querem se parecer branco. E, quando usamos nosso cabelo natural somos acusados de ter cabelo ruim, ou seja, nada serve.[...] Sendo assim, não entendo estas alternativas de alisar cabelo, usar mega hair, descolorir, raspar, como vontade de ser branco, e digo isso porque entendo que o Movimento Negro já venceu esta "corrente" moderna de continuarem dizendo como querem que nós negros tomemos nossas atitudes e façamos nossas escolhas, sempre sobre sua chancela e "permissão". Digo que a nossa consciência negra e nossa identidade independe da cor ou comprimento de nossos cabelos, e sim da forma como nos posicionamos a uma sociedade machista, racista, homofóbica, xenofóbica e, portanto intolerante e ainda, digo: conheço muitos negros com cabelos naturais que em nenhum momento de suas vidas lutaram ou reconheceram a luta dos negros por igualdade e dignidade. Por outro lado conheço muitas pessoas que utilizam do seu direito de definir como querem estar esteticamente lutarem organicamente contra todas as formas de discriminação e preconceito. Para encerrar pondero: nossa consciência negra esta muito para além de como esteticamente nos apresentamos porque a estética é muito pouco para nos definir como mais ou menos lutadores desta causa, ou mais ou menos negros; do contrário poderíamos pensar que um sujeito oriundo de uma relação inter-racial (fruto da relação de um negro e uma negra ou vice versa), e que nasce com as características não negroides (cabelos

crespos, nariz alargados, lábios grossos, cor da pele etc.), nunca teria a oportunidade de assumir-se negro porque suas características adquiridas pela mistura dos genes dos pais limitaria a sua tomada de consciência negra por se parecer mais branco do que negro? O que seria lamentável. Nossa consciência independe assim da aparência ela esta na essência. Espero ter colaborado... Esta questão requer ler na história vários condicionantes, o que para mim é difícil responder em poucas palavras. (Marta Messias – Jamaica, 43 anos, professora universitária)

Situações como esta exemplificam o fato de o Movimento Negro não ter uma posição homogênea quanto à manipulação capilar. Ao contrário do que Jamaica explicita ao dizer que o movimento já ultrapassou a fase de impor determinadas escolhas aos negros, percebo que a maioria dos integrantes do Movimento Negro santa-mariense, sobretudo, de uma geração mais jovem, é totalmente contra as manipulações químicas. Portanto, há posições distintas em relação aos crespos, pois para alguns somente os crespos naturais são aceitos como símbolo de negritude, enquanto que outros, como no caso de Jamaica, aceitam a manipulação com química dos crespos “para definir melhor os cachos”, mesmo que sejam julgados pelos ativistas mais radicais como não autênticos. Pinho (2004) relata a perspectiva de grande parte do movimento negro quando afirma que o africano e o afrodescendente são entendidos como pessoas que devem ser necessariamente negras e detentoras de uma africanidade absoluta, o que implica que sua cultura seja automática e puramente “negra” e “africana”. Na conjuntura atual, para grande parte do Movimento Negro, sobretudo o santa-mariense, “manter a negritude a todo custo”, como ressaltar os traços negroides e não obter relacionamentos amorosos com pessoas brancas, auxilia no combate ao racismo. No entanto, Eveline, sobrinha e ex-aluna da Jamaica, integrante das Dandaras e conseqüentemente do Movimento Negro de Santa Maria, afirmou que o fato de sua professora utilizar um cabelo longo e consideravelmente mais solto do que um bem crespo não significa que ela não se considere negra, e que acredita que as pessoas independentes da sua cor possuem liberdade de escolha. Esta opinião fundamenta a assertiva de que o posicionamento do movimento em relação à manipulação de cabelo é heterogênea.

Tatiéle, outra ex-aluna de Jamaica, além de acreditar que a utilização do black power não necessariamente signifique uma afirmação negra, discursa em favor dessa liberdade de escolha:

[...] do meu ponto de vista amiga, não adianta andar com os cabelos black pra "afirmar" que sou negra e ter atitudes que nada ajudam, coisas simples... como não ter educação... (risos) são coisas pequenas, mas encontramos pessoas ostentando black. Tem que ser um conjunto a meu ver, e não necessariamente um cabelo natural sem química. A força da negritude não está apenas em assumir os cabelos afros. Meu cabelo tem que ser para me sentir bem. Tem as que preferem os cabelos alisados, as que preferem relaxados, e assim vai indo. A negritude não é só cabelo, é

um conjunto, e acho que cada mulher tem que usar seu cabelo como se sentir bem até porque cada cabelo é um cabelo né amiga (Tatiele, 29 anos, estudante de economia)

As mulheres crespas que não utilizam o cabelo natural sempre ressaltam que as pessoas devem ter liberdade para utilizar o cabelo da maneira que quiserem, seja ele crespo, black power, trançado, escovado, alisado, etc. Durante esse estudo eu percebi que o cabelo da mulher negra não é livre, pois a mesma é recriminada ao alisar e sofre preconceito ao utilizar o cabelo natural. Do mesmo modo, há um questionamento a respeito das mulheres negras usarem mega hair e pintarem o cabelo de loiro. Ou seja, quase toda manipulação capilar que a mulher negra utiliza é debatida, e essa discussão até certo ponto é válida, mas também ignora um ponto essencial: a liberdade de escolha. Entendo a perspectiva do movimento negro ao incentivar que a mulher utilize o seu cabelo natural, e assim, não atenuar seus traços negroides. Entendo também que vivemos em uma sociedade onde perdura o eurocentrismo e os negros podem realizar certas coisas procurando assemelhar-se ao branco, mesmo que involuntariamente. Todavia, considero que a categoria liberdade de expressão poderia ganhar mais espaço nesse âmbito e debate das diferentes formas de manipulação do cabelo da mulher negra. Para Tatiele e Jamaica ser negro não depende somente do indivíduo ter nascido com a pele escura e/ou traços negroides, mas ter atitudes que condizem e lutam em prol da negritude. Até pouco tempo era comum ouvir a expressão “nego bom não se mistura”, a qual significa que o negro de boa condição não deve frequentar lugares de grande número de pessoas negras e/ou não deve possuir muitos amigos negros. Ainda há a expressão “nego branco” que é o negro que não frequenta ambientes de sociabilidade negra e também não aprecia a cultura negra dando preferência a outros tipos de música, por exemplo. Entendo essa ideia do que é sentir-se negro, mas volto a categoria liberdade de expressão e por isso considero que não seja obrigatório um negro gostar de pagode, saber sambar e usar o cabelo black power.

Neste estudo percebi que a variável geracional é um dos fatores que pode explicar melhor a escolha por manipular os cabelos com química, pois para as mulheres mais velhas do Movimento Negro, como Giane e Jamaica, que tiveram influências advindas de um mesmo período histórico, a utilização de um cabelo natural é mais dificultosa. O que corrobora com isso é o fato da Giane frequentar por mais de dez anos o Museu Treze de Maio, um ambiente de sociabilidade negra, para só então assumir os seus cabelos naturais; além da Jamaica que, não só é colaboradora deste mesmo espaço, mas desde a sua infância está inserida na cultura

afro-brasileira, sobretudo na prática da capoeira, não deixar de manipular os seus cabelos com produtos químicos.

Cabe salientar a discussão acerca dos termos, visto que já passei por uma vigilância por parte de integrantes do movimento negro ao mencionar a palavra denegrir, atribuindo para tal um sentido negativo. Do mesmo modo acontece nas reuniões no Treze e em postagens em redes sociais, onde os membros do Movimento Negro exercem uma vigilância na utilização de termos, como, clarear e clarificar com sentido positivo e enegrecer com um sentido negativo, além de incentivarem a utilização dos últimos para substituir os primeiros. No entanto, mesmo que eu tenha sido integrante do movimento durante dez anos, concordo com o entendimento de Pinho (2004) ao dizer que para um afrodescendente é impossível manter esta africanidade absoluta, pois desde o momento em que seus ancestrais mudaram geograficamente, eles adquiriram traços de outras culturas.

Daniele Pompeu também pertence à Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras, é negra, tem 28 anos e mora na zona norte⁵⁸ de Santa Maria. Foi Rainha do Carnaval de Santa Maria e Segunda Princesa do concurso Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul⁵⁹. Chegou a cursar educação física na FAMES, mas deixou de estudar nessa faculdade e ingressou no curso de licenciatura em educação física da Universidade Federal de Santa Maria pelo sistema de cotas para afro-brasileiros alguns anos depois. Quando a Jamaica estava cursando o doutorado em Salvador e eu estava substituindo-a na coordenação da Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras, convidei Daniele para comparecer aos ensaios do grupo. Conheci a Daniele e nos tornamos amigas desde a nossa pré-adolescência quando frequentávamos a Escola de Samba Vila Brasil⁶⁰, entidade onde ela foi rainha aos 15 anos de idade. Filha de uma umbandista, embora compareça ao centro da mãe como simpatizante, até então não aderiu à religião, argumentando que é em razão do compromisso que a umbanda exige. Quando ingressou no Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras, Daniele já era formada em balé clássico e dava aulas em uma escola de dança da cidade. Na sua fase inicial nas Dandaras, passou por um processo difícil em relação à execução dos movimentos do balé afro, que em geral são antagônicos aos do balé clássico. Nessa época, Daniele possuía cabelos longos e lisos, resultado da

⁵⁸ Zona Norte: Região da cidade considerada periférica e de grande número de pessoas da classe popular. Nesta zona situa-se o Ginásio Guarani e a Escola de Samba Império da Zona Norte.

⁵⁹ Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul: concurso realizado em Santa Cruz do Sul no parque da Oktoberfest onde era eleita a mulher negra mais bonita do estado. Muitas mulheres concorriam ao título e para ganhá-lo era necessário desfilar, participar de uma entrevista e realizar uma apresentação artística ressaltando a cultura afro-brasileira.

⁶⁰ Vila Brasil: Escola de Samba mais antiga de Santa Maria e vencedora do carnaval de rua 2014.

manipulação de alisamento com henê. Após quatro anos de Euwá Dandaras e um pouco afastada do balé clássico, ela decidiu usar o seu cabelo crespo natural e realizou o big chop. Cabe salientar que no Brasil, apenas por volta de 2012 o big chop tornou-se evidente, mas algumas mulheres pertencentes ao grupo pesquisado também já tinham realizado o grande corte antes dele tornar-se tão manifestado, como exemplo de Daniele.

A pouco tempo da formatura, atualmente Daniele está utilizando mechas loiras (Figura 31) e de vez em quando faz escova no cabelo (Figura 32). Quando ela realiza essa manipulação capilar, nota-se que o seu cabelo está mais comprido do que quando ela alisava. Em algumas fotos tiradas quando fez escova, ela exibe bem o comprimento do seu cabelo visto que ele torna-se mais notório.

Figura 31 - Daniele de cabelos crespos com mechas loiras.



Fonte: Arquivo pessoal de Daniele.

Figura 32 - Daniele de escova.



Fonte: Arquivo pessoal de Daniele.

Eveline Pena é outra mulher pertencente ao Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras. Quando a conheci, ela fazia cursinho pré-vestibular e, alguns anos depois, a partir de uma bolsa estudantil cursou a faculdade de publicidade e propaganda na Unifra e formou-se em 2009 (Figura 33). Eveline é negra, tem 29 anos e concluiu o mestrado em Ciências Sociais em março de 2014 com uma dissertação voltada para a construção identitária das mulheres negras através do Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras. Seus pais participam da Cia de Dança Afro Euwá Dandaras, sendo que seu pai é irmão (de religião) da Jamaica, e possui ligação com a escola de samba Barão de Itararé. Além das Dandaras, Eveline participou por muitos anos da comissão de frente da escola, mas ao contrário de todas as outras sobrinhas da Jamaica, nunca

foi rainha do carnaval e de maneira oposta a várias colegas do grupo, não concorreu a Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul, mesmo tendo atributos para tal.

Figura 33 - Eveline na sua formatura em Publicidade e Propaganda – Unifra em 2009.



Fonte: Arquivo Pessoal da Eveline.

Outro fato relevante a respeito da Eveline é a sua opção por cursar a faculdade de publicidade e propaganda em detrimento do curso de educação física, uma vez que a Jamaica sempre influenciou as suas alunas a seguirem uma trajetória profissional similar a sua. Esse incentivo da Jamaica ocorria principalmente devido ao seu receio em relação ao fim do Grupo Euwá Dandaras, pois ela sabia que no decorrer do tempo iria ausentar-se e considerava que seria importante para o grupo que o (a) coordenador (a) tivesse uma titulação acadêmica. Prova disso, foi quando ela foi cursar o doutorado em Salvador e eu, na época a única acadêmica em educação física, fiquei atuando como professora do grupo. Naquele momento ainda não existia o curso de graduação em dança da Universidade Federal de Santa Maria, portanto, para seguir o trabalho com a dança, o mais propício seria cursar a graduação em educação física, o curso que possuía a titulação mais próxima para trabalhar nesse âmbito. Mesmo após ter aberto a graduação em dança na UFSM, a maioria das bailarinas da Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras formou-se ou cursa a faculdade de educação física. Porém, ressalto que quando a Eveline foi aprovada para o curso de mestrado em Ciências Sociais com um projeto voltado para a Cia Euwá Dandaras, Jamaica mostrou-se emocionada e chorou agradecendo a sobrinha em razão do seu projeto de vida, como ela menciona, tornar-se um estudo científico.

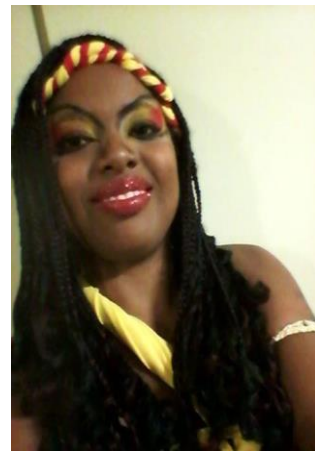
Eveline, já alisou, relaxou (Figura 34), utilizou o produto que a Jamaica trazia de Salvador, assim como tranças nagô (Figura 35) e agora utiliza o black Power. Pelo que notei, Eveline influenciou a sua mãe a utilizar o cabelo natural, pois não achei que fosse coincidência as duas aparecerem de black power no mesmo período. Porém, ela relatou que a sua mãe já lhe dizia há algum tempo que estava pensando em parar de utilizar produtos químicos em seu cabelo.

Figura 34 - Eveline com o cabelo relaxado.



Fonte: Arquivo pessoal da Eveline.

Figura 35 - Eveline com tranças.



Fonte: Arquivo pessoal da Eveline.

Ao final do curso de mestrado, Eveline foi a Salvador cursar uma disciplina como aluna especial no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos. Lá parou de trançar o cabelo e começou a utilizar o black Power (Figura 36). Embora tenha dito que o principal motivo que a fez parar de utilizar manipulações químicas no seu cabelo foi a economia, considero que o fato de ela ter ido morar em Salvador, cidade que possui a maior população negra brasileira, e que passa por um processo de reafrikanização (PINHO, 2004), explique a sua mudança na forma de manipular o seu cabelo.

Figura 36 - Eveline de Black Power em 2014.



Fonte: Arquivo pessoal da Eveline.

Em Salvador, Eveline encontrou as condições necessárias para uma construção identitária capilar. Mesmo que o Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras tenha a auxiliado a reconhecer sua importância na sociedade como mulher negra, foi na Bahia que Eveline pensou e decidiu usar o seu cabelo natural. Enquanto atuava como bailarina no Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras, Eveline utilizou variados estilos de cabelo: tranças, liso e crespo com manipulações químicas. Porém, em Salvador, estado brasileiro chamado de “Roma Negra” (PINHO, 2004), sentiu-se confortável para assumir os traços marcantes da negritude, no caso, o seu cabelo. Na aula de dança que participava, sua professora e seus colegas eram negros, da mesma maneira que em quase todos os outros lugares que frequentava. Devido ao convívio com muitas pessoas da sua etnia, além de observar a cultura afro-brasileira ser exaltada, Eveline sentiu-se tão aconchegada em Salvador que planeja futuramente retornar à cidade, a passeio ou para residir.

Segundo Pinho (2004), os militantes negros de outros estados do Brasil visitam a Bahia com o objetivo de encontrar as suas raízes africanas, e assim, sentem a alegria de reconectar-se com uma cultura que ousou sobreviver, resistindo à opressão e mantendo o vínculo cultural com a África. Saliento o exemplo do produto capilar que Jamaica trouxe de Salvador, incentivando suas alunas a usarem-no para acentuarem os crespos; bem como quando trouxe os movimentos de balé afro para o Grupo de Dança Euwá Dandaras. Pena (2014) ressalta que uma forte referência para Marta Messias (Jamaica) é a Escola de Dança da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb). Pelo menos uma vez por ano, Marta ia a Salvador fazer cursos de dança afro e ter contato com todo esse universo afro-brasileiro tão presente na cidade. Na dissertação de Pena (2014) consta um depoimento da Jamaica acerca da sua inspiração para criar as coreografias da Companhia de Dança Euwá Dandaras, onde afirma que a África é a sua grande inspiração.

Ao trazer esses elementos da cultura afro-baiana, Jamaica estava, de certa forma, ligando os negros de Santa Maria aos negros da Bahia. Eveline também faz essa coligação de Salvador com Santa Maria, mas de outra maneira, pois quando ousou usar um black power após ter vindo da Bahia transpôs alguns elementos da estética negra baiana para Santa Maria e isso pode influenciar os santa-marienses negros na manipulação dos seus cabelos. Do mesmo modo que a Bahia busca na África o que existe de mais legítimo da negritude (PINHO, 2004), muitas localidades buscam a mesma autenticidade negra na Bahia e, portanto, o processo de reafricanização (PINHO, 2004; PINHO, 2005; SANSONE, 2003) cada vez mais se expande. A partir de conjunturas como esta a Bahia recebeu o título de “Meca da Negritude”:

Trata-se de um termo mais recente e que tem sido promovido principalmente por militantes negros e produtores culturais de outros estados do Brasil a principal fonte de cultura africana do país. Pais e mães de santo de São Paulo e do Rio de Janeiro frequentemente vinculam a ancestralidade de seus terreiros, bem como a sua 'feitura' religiosa a terreiros e ialorixás baianos. O mesmo acontece com grande número de academias de capoeira cujos mestres associam o seu aprendizado aos velhos capoeiristas baianos como forma de conferir legitimidade ao seu jogo. Da mesma maneira, os fundadores dos primeiros blocos afro têm emprestado seus conhecimentos de cultura afro-baiana através de serviços de consultoria a grupos culturais negros situados em outros estados do Brasil. (PINHO, 2004, pg 45)

Cabe salientar que em Santa Maria Eveline não tinha um amigo que utilizava o black power, sendo a primeira pessoa do Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras que utiliza o black power, mesmo já tendo se ausentado do grupo.

Devido ao seu doutorado, hoje Eveline está morando em Florianópolis e já se queixou da ausência de estudos relacionados à negritude na cidade. Percebo que a admiração de Eveline com Salvador é devido principalmente a sua identificação com a reafricanização, lá exaltada, além do grande número de negros na cidade.

Eveline conversou comigo diversas vezes a respeito do cabelo afro e disse que essa temática despertava o seu interesse. Entendo que isso se sucede devido à manipulação do cabelo de diferentes formas, como o meu caso, e também pelas polêmicas acerca do cabelo afro e dos significados que envolvem a escolha das mulheres negras por utilizar uma manipulação capilar. Em seu Facebook, observei postagens enfatizando que a mulher negra que alisa o cabelo não deixa de ter orgulho da sua cor; no entanto, após utilizar o black power, postou o orgulho que possui em utilizar esse estilo de cabelo, como também, uma tomada de consciência negra.

Percebo que a fala das mulheres negras que utilizam produtos químicos é similar, pois todas dizem que o fato de manipularem o seu cabelo quimicamente não significa que as mesmas não gostem da sua cor. No entanto, a partir do momento que começam a utilizar o seu cabelo natural, mudam o seu discurso, evidenciando esse cabelo como um símbolo diacrítico, de aceitação e de orgulho da negritude:

Os símbolos diacríticos ou étnicos, termos usados como sinônimos estão relacionados diretamente à produção de uma "cultura da diferença", isto é, só existem quando em tais contextos em que a afirmação da diferença étnica é encarada e assumida como necessária, meta a ser atingida, sendo, portanto viável e realizável somente quando assumida conscientemente enquanto projeto pelo grupo envolvido. (GIACOMINI, 2006, p.233)

Ou seja, as mesmas mulheres negras que foram vítimas de um preconceito por utilizarem o cabelo alisado mudam de discurso ao vivenciar essa nova experiência. Por esse

motivo, percebe-se como é difícil esse processo de transição do cabelo quimicamente tratado para o natural, pois é perceptível que muitas alisadas possuem, mesmo que intrinsecamente, a vontade de utilizar o seu cabelo natural.

Preta é uma das sobrinhas de Jamaica. Vinte e seis anos, nascida em Santa Maria, mãe de cinco filhos (Figura 37), Preta (Ariane Paz) sempre utilizou os cabelos crespos. Já foi Rainha da Barão de Itararé e Primeira Princesa do Concurso Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul. No início da minha trajetória nas Dandaras, Preta morava com a sua tia Jamaica (Figura 38) e acredito que aprendeu a fazer tranças com ela da mesma forma que Negra Jhô, que aprendeu a pentear e trançar os cabelos com parentes (SANTOS, 2009). Quando a sua tia trouxe o produto de manipulação capilar da Bahia, Preta foi uma das primeiras a utilizá-lo. Nos ensaios do Euwá Dandaras ela dançava com o cabelo solto e balançava-o muito, o que despertava a admiração das suas colegas em ter o cabelo parecido com o seu. Após alguns anos, Preta casou-se e foi embora da residência da Jamaica e há pouco tempo realizou o big chop. Hoje atua na escola de samba Barão de Itararé como organizadora de alas e seu marido é o mestre de bateria da escola. Além disso, Preta trabalha com a manipulação de cabelo afro - tranças, dreads, permanentes e relaxamentos - e as realiza em casa ou a domicílio e utiliza as redes sociais para mostrar o seu trabalho.

Figura 37 - Fotos das filhas de Preta.



Fonte: Arquivo pessoal de Preta.

Figura 38: Foto de Preta e Jamaica.



Fonte: Arquivo pessoal de Preta.

Uma mulher que se destaca no carnaval de Santa Maria é a Lilian, pois é uma das poucas mulheres compositoras de samba-enredo, se não, a única da cidade. Lilian tem 33 anos, é técnica em enfermagem, trabalha em um hospital militar e é mãe de dois filhos. Embora sua mãe tenha frequentado o Clube Treze de Maio desde a sua adolescência, Lílían frequentou os espaços de sociabilidade negra por influência da sua irmã mais velha e de seu ex-cunhado. A partir de então participou do carnaval santa-mariense e já atuou como

coreógrafa da comissão de frente das escolas de samba Vila Brasil (Figura 39), Unidos do Itaimbé e Barão do Itararé, mas há alguns anos tem se envolvido somente como compositora, sendo a única mulher da harmonia da escola de samba Vila Brasil. Ela participava do Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras quando este ainda era supervisionado por Ivonete Carvalho - antes de Jamaica ocupar o cargo de coordenadora - e as atividades ligadas ao Movimento Negro que participou foram através deste grupo. Em 2004, por meu convite e incentivo da Jamaica, a LÍlian voltou a participar do Grupo Euwá Dandaras, mas acabou tendo que afastar-se devido a sua gestação e conseqüentemente a constituição da sua nova família.

Figura 39 – LÍlian no desfile na Harmonia da Vila Brasil com filhos e sobrinhos dos seus colegas.



Fonte: Arquivo Pessoal de LÍlian.

Figura 40 – LÍlian.



Fonte: Arquivo pessoal de LÍlian.

No entanto, continuou atuando no carnaval da cidade, uma vez que os trabalhos que envolvem o carnaval santa-mariense geralmente exigem dedicação em apenas uma época do ano, ao contrário das Dandaras, que exigiam um empenho de maior prazo. LÍlian também participou da Companhia do Samba e levou várias vezes os seus filhos para participar das aulas. Seu intuito era realizar uma atividade física e se divertir, não se comprometendo a ida às apresentações que a Companhia realizava. Filha de um funcionário público da Corsan⁶¹ e de uma agente administrativa da UFSM, LÍlian possui duas irmãs e há alguns anos aderiu à

⁶¹ Corsan: Companhia Riograndense de Saneamento.

umbanda, não atuando constantemente, mas cumprindo as obrigações que lhe são exigidas. Ela possui uma das peles mais claras de todas as minhas entrevistadas, mas se considera negra (Figura 40).

Na sua família Lilian é considerada a legítima sarará, pois tem a pele clara e os cabelos crespos e volumosos. Em 1997 Lilian fez um big chop e começou a utilizar os cabelos crespos naturais. Porém, após eles terem crescido um pouco, ela começou a utilizar manipulações de relaxamento e nunca saiu com o seu cabelo todo solto, sempre prendendo em cima e deixando solto apenas embaixo, o que diminuía consideravelmente o volume. Atualmente Lilian alisa os cabelos, mas diz sentir saudade de quando usava o cabelo crespo, assim como elogia mulheres que usam o cabelo crespo volumoso. Na época em que Lilian utilizava o cabelo crespo, ela fazia escova quando tinha algum evento importante e todas as pessoas da nossa família elogiavam o seu cabelo, dizendo que ele estava comprido. A irmã de Lilian dizia: “nunca vi um cabelo de nego crescer tanto assim!”

Faz seis anos que Lilian alisou o seu cabelo e já teve tentativas frustradas em deixar o cabelo crespo novamente, por não conseguir passar novamente por um processo de transição. Por exemplo, em 2014, Lilian ficou seis meses sem alisar o cabelo e cortando as pontas, porém voltou a fazer manipulações de alisamento. Desta vez, ela não fez um big chop, como há vinte anos.

Lilian corrobora a percepção de que assim como o big chop, a fase de transição é difícil para as mulheres, pois mesmo já tendo passado por esta fase, não consegue repeti-la. Isso porque, uma vez que neste período delicado, há duas alternativas: ou cortar o cabelo muito curto, quase na raiz, e esperá-lo crescer - contando ainda com o fator encolhimento do cabelo crespo -, ou somente parar de utilizar produtos químicos, esperando ele crescer visualizando a raiz de um jeito (natural) e as pontas de outro (com produtos químicos). O processo de transição é doloroso para a maioria das mulheres, visto que no que concerne ao grupo pesquisado, o cabelo é uma marca que possui maior relevância para as mesmas, pois remete culturalmente à feminilidade. Ainda, para quem prefere não cortar as madeixas, o cabelo resulta em dois estilos diferentes (crespo na raiz e liso nas pontas), o que no geral, em nossa sociedade, não é conceituado como um cabelo bonito.

Além do que, mesmo que Lilian tenha sentido vontade de usar novamente o cabelo crespo, quando o utilizava não o deixava natural e fugia do volume, tanto que recorria a manipulações químicas e aos rabicós. Ainda há o fato de a Lilian persistir no cabelo liso mesmo frequentando escolas de samba, que são ambientes de sociabilidade negra em que os crespos têm preponderância. Portanto, percebo que para a mesma o conceito de um cabelo

apropriado seja longo, liso ou crespo, mas se por acaso for o último citado, sem volume. Porém, a característica marcante do cabelo afro é o volume, e, sendo assim, concluo que o cabelo afro não seja o ideal que a mesma considere utilizar.

Geanine tem 24 anos, há pelo menos nove anos milita no Movimento Negro e é relevante para este estudo principalmente por ser a primeira mulher negra que evidenciou o black power em Santa Maria no século XXI. Ingressou no Museu Treze de Maio por influência da sua mãe Giane que foi diretora deste espaço durante 13 anos. Ela também participou do Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras e comparecia às aulas sempre com o cabelo preso e puxado. Em pouco tempo saiu do grupo e seguiu dançando afro em carreira solo e declamando poesias, principalmente as do autor Oliveira Silveira⁶², com um projeto intitulado Assuma sua Negritude (Figura 41).

Figura 41 - Geanine Escobar no espetáculo Assuma sua Negritude



Fonte: Arquivo pessoal de Geanine.

Figura 42 – Geanine.



Fonte: Arquivo pessoal de Geanine

Em 2005, aos 15 anos de idade, quando concorreu a Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul demonstrou atitude ao começar a utilizar o black power, o que não era considerado comum na época. Geanine ganhou o segundo lugar no concurso e lembro que muitas pessoas acreditavam que ela não prosseguiria utilizando o black power, pois acreditavam que ela estava utilizando este estilo de cabelo apenas para concorrer ao Mais Bela Negra do Rio Grande do Sul. Saliento que os desfiles para a escolha dos mais belos negros e negras dentro das comunidades negras do país assumiram as denominações de cabelo afro e black como as

⁶² Oliveira Silveira: Poeta negro e gaúcho que atuava no movimento negro de Porto Alegre.

definições representantes de uma estética verdadeiramente afro (SANTOS, 2009). No entanto, Geanine permanece até hoje com este estilo capilar (Figura 42). Por ter ganhado o segundo lugar utilizando um black power, é possível que este fato pode ter propiciado mais autoestima ao utilizar este estilo de cabelo. Ao contrário das outras mulheres negras que utilizam o black power e os turbantes somente em ocasiões especiais de celebração e festejo da população negra, como, por exemplo, nos eventos no Museu Treze de Maio, desde o Mais Bela Negra Geanine sempre utilizou esses penteados e adereços em qualquer ocasião. Aos 18 anos foi embora para Pelotas onde cursou a graduação em Conservação e Restauo de Bens Culturais Moveis e o Mestrado em Memória Social e Patrimônio cultura na UFPEL⁶³. Nem na ocasião da formatura, quando o cabelo volumoso é um empecilho para o capelo ficar bem assentado, a Geanine não fez escova como a maioria das mulheres.

Quando a Barão de Itararé realizou uma homenagem ao Ile Ayie, ela foi convidada pela Jamaica a desfilar na avenida representando uma deusa do ébano. Aos 23 anos, após voltar a Santa Maria, ela foi a idealizadora do Coletivo Juventude Negra Feminina de Santa Maria (JuNF), grupo militante do Movimento Negro já citado neste estudo. Geanine faz parte de uma geração que também está aberta a misturar novas formas de identidade, como as de gênero, visto que também defende causas que combatam a gordofobia e a lesbofobia e tem como um dos seus ícones a cantora Elen Oléria, por seu talento e pela sua superação em relação ao preconceito que enfrentou por ser negra, gorda e lésbica. Admiradora dos poemas, Geanine postou em uma rede social, um poema para a sua mãe, no dia do seu aniversário:

Não vou mais lavar os pratos

Nem vou limpar a poeira dos móveis
 Sinto muito. Comecei a ler
 Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi
 Não levo mais o lixo para a lixeira
 Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal
 Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos
 a estética dos traços, a ética
 A estática
 Olho minhas mãos quando mudam a página dos livros
 mãos bem mais macias que antes
 e sinto que posso começar a ser a todo instante
 Sinto
 Qualquer coisa
 Não vou mais lavar
 Nem levar.
 Seus tapetes para lavar a seco

⁶³ Ufpel: Universidade Federal de Pelotas.

Tenho os olhos rasos d'água
 Sinto muito
 Agora que comecei a ler, quero entender
 O porquê, por quê? E o porquê
 Existem coisas
 Eu li, e li, e li
 Eu até sorri
 E deixei o feijão queimar...
 Olha que o feijão sempre demora a ficar pronto
 Considere que os tempos agora são outros...
 Ah,
 Esqueci de dizer. Não vou mais
 Resolvi ficar um tempo comigo
 Resolvi ler sobre o que se passa conosco
 Você nem me espere. Você nem me chame. Não vou
 De tudo o que jamais li, de tudo o que jamais entendi
 você foi o que passou
 Passou do limite, passou da medida, passou do alfabeto
 Desalfabetizou
 Não vou mais lavar as coisas e encobrir a verdadeira sujeira
 Nem limpar a poeira e espalhar o pó daqui para lá e de lá para cá
 Desinfetarei as minhas mãos e não tocarei suas partes móveis
 Não tocarei no álcool
 Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler
 Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar
 Meu tênis do seu sapato
 Minha gaveta das suas gravatas
 Meu perfume do seu cheiro
 Minha tela da sua moldura
 Sendo assim, não lavo mais nada
 e olho a sujeira no fundo do copo
 Sempre chega o momento
 De sacudir, de investir, de traduzir
 Não lavo mais pratos
 Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiúsculo
 Em letras tamanho 18, espaço duplo
 Aboli
 Não lavo mais os pratos
 Quero travessas de prata, cozinhas de luxo
 E jóias de ouro
 Legítimas
 Está decretada a lei áurea.

(Autora: Cristiane Sobral)

No decorrer de sua carreira no Movimento Negro, Geanine tornou-se uma militante marcando suas posições acerca da negritude. Assim como seus estudos, a sua estética é talvez a principal maneira de exteriorizar sua obstinação na luta pelos direitos dos negros e pelo combate racial.

Giane utilizava o cabelo crespo desde a sua inserção no Museu Treze de Maio, porém com manutenção química, o que propiciava cachos bem definidos. No entanto, a partir de 2014, Giane passou a usar black power (Figura 43). É importante ressaltar que diante toda sua trajetória no Movimento Negro, somente treze anos após a sua inserção como diretora do

Museu Treze de Maio, ela decidiu aderir ao black power, mesmo que sua filha Geanine já utilizasse este estilo capilar há muitos anos. Saliento ainda que Giane me auxiliou na criação da Companhia do Samba e participou das primeiras aulas, mas logo precisou ausentar-se do Museu Treze de Maio em função do seu doutorado.

Figura 43 - Giane de black power.



Fonte: Arquivo pessoal de Giane.

É perceptível que a decisão pela utilização do cabelo natural seja mais complexo para mulheres mais velhas, como o caso de Vanda, Jamaica e Giane, uma vez que provavelmente tenham vivenciado um racismo menos mascarado, assim como um preconceito maior em relação ao cabelo afro. Além disso, o processo de reafricanização é mais recente, e, portanto, como descreverei posteriormente, influencia mais as novas gerações, bem como o costume em utilizar determinado estilo de cabelo durante muito tempo pode causar um receio de mudança.

Anelise pertenceu à Companhia do Samba, possui 29 anos, é formada em educação especial e mestre em educação pela Universidade Federal de Santa Maria. Foi uma das diretoras da Companhia do Samba no Camafeu⁶⁴ e além de bailarina, auxiliava nas questões burocráticas do grupo. Atualmente Anelise é porta-bandeira da escola de samba Arco-íris, e foi segunda porta-bandeira da escola de samba Vila Brasil (Figura 44), por influência da sua

⁶⁴ Camafeu: Espetáculo realizado no mês da consciência negra no Teatro Treze de Maio, onde as oficinas do Museu Treze de Maio são apresentadas.

mãe (Figura 45), uma antiga porta-bandeira da escola de samba, que inclusive foi uma das personalidades homenageadas da Exposição Fotográfica Olhares Negros.

Figura 44 - Anelise na Escola de Samba Vila Brasil.



Fonte: Arquivo pessoal da Anelise.

Figura 45 - Anelise e sua mãe.



Fonte: Arquivo pessoal de Anelise

Anelise pertence à religião espírita e esteve mais ligada ao Movimento Negro após ingressar na Companhia do Samba, tanto que foi uma das apresentadoras do último Fesman.

Anelise já me perguntou se eu havia aplicado um relaxante; e faz manipulações de relaxamento, segundo ela, para “soltar” os cachos, assim como muitas vezes também faz escova no seu cabelo.

Moradora do Bairro Camobi, Letícia tem 16 anos, também pertenceu a Companhia do Samba (Figura 46), foi Rainha da Bateria da Escola de Samba Império da Zona Norte⁶⁵ e Musa do Diário de Santa Maria em 2015.

Camobi é um dos maiores bairros de Santa Maria e é onde se encontra a Universidade Federal de Santa Maria e a Base Aérea de Santa Maria. Neste bairro há uma diversidade de classes sociais, sendo que em algumas localidades a população é mais pobre e em outras mais rica.

⁶⁵ Império da Zona Norte: Escola de samba mais nova de Santa Maria, situada na região norte da cidade.

Letícia já tinha sido Rainha Infantil da Bateria da Império da Zona Norte e, além disso, possui ligação com religião de matriz africana por influencia da sua mãe. Estudante do ensino médio em escola pública, ela pretende cursar a faculdade de dança, acredito que devido à sua atuação e identidade com o samba.

Figura 46 - Letícia sambando com a Cia do Samba no Camafeu.



Fonte: Foto exposta na página do Museu Treze de Maio no Facebook⁶⁶.

Figura 47 – Letícia.



Fonte: Arquivo pessoal de Letícia

O cabelo da sua mãe é alisado, e ela começou a usar o seu cabelo natural por ele ter danificado muito após a utilização de produtos químicos. Letícia disse que chorou quando fez o big chop, mas que ao entrar na Companhia do Samba logo acostumou com o black power. A maioria das pessoas que compareciam as aulas da Companhia do Samba elogiavam o talento da Letícia como passista e seu estilo, sobretudo o seu black power (Figura 47). Este fato gerou mais autoestima na mesma e assim, segurança para utilizar estilo capilar.

Embora Letícia seja de religião de matriz africana, tenha frequentado o Museu Treze de Maio atuando como bailarina na Companhia do Samba, e também tenha comparecido em uma reunião da JuNF a convite da Geanine e, sobretudo, use o black power, ela não atua como militante do Movimento Negro. Digo isto pela sua indiferença em relação aos assuntos

⁶⁶ Disponível em: < https://www.facebook.com/museutrece.demaio/photos_stream?tab=photos_albums>. Acesso em: junho de 2015

temáticos da negritude, pois nunca observei um interesse da mesma acerca das discussões do Movimento Negro. Portanto penso que para a Letícia Ignácio, o cabelo afro possa significar mais um estilo, ligado a estética negra, do que uma relação com a militância negra.

O fato de sua mãe alisar os cabelos reforça como a opção capilar está ligada a questão geracional, pois neste caso, ambas pertencem a gerações diferentes. Letícia está inserida em uma geração mais nova, que como descrevi anteriormente, está mais aberta a essas novas manipulações. Embora também passem por um enfrentamento, as mulheres mais novas possuem mais facilidade em assimilar o big chop, assim como a fase de transição e o black power. Este fato ocorre devido ao cabelo afro atualmente estar ganhando espaço na mídia, nas novelas, assim como o destaque nas redes sociais, principalmente através do Movimento Negro. A reafirmação impulsionou a mídia ao conceito de que *Negro é Lindo*. Da mesma maneira, os direitos humanos, e as leis e diretrizes acerca da negritude auxiliaram neste processo.

Outras mulheres que participaram da Cia do Samba são a Letícia e a Luana, de 18 e 19 anos, respectivamente (Figura 48). Naturais de Santa Maria e do Bairro Santa Marta, Letícia é estudante do ensino médio em escola pública e Luana já o concluiu.

O bairro Santa Marta é um bairro grande e periférico de Santa Maria e a continuação deste é denominada Nova Santa Marta, considerada perigosa, principalmente nos últimos anos devido ao número elevado de homicídios, sendo que a maioria destes estava ligada ao tráfico de drogas.

Figura 48 - Luana e Letícia



Fonte: Arquivo pessoal de Letícia

Minha mãe é amiga da mãe da Letícia e da Luana e por isso já as conhecia, porém nas aulas da Cia do Samba nosso contato tornou-se mais íntimo. No dia da primeira aula, elas auxiliaram a limpeza do Museu por supervisão da Giane e do Nei, um ativista do movimento negro e do movimento LGBT⁶⁷, que foi considerado o padrinho da Cia do Samba. Nei e seu companheiro formaram o primeiro casal gay a casar-se no registro civil em Santa Maria. O companheiro do Nei tem uma ligação com as meninas, devido à umbanda, pois é pai de santo da Letícia. Quando entraram no grupo, as meninas já participavam do Co-rap e devido a sua participação em um movimento cultural que trata as causas minoritárias da classe popular, as meninas já tinham um embasamento e posicionamento a respeito de muitos assuntos que são discutidos no Museu Treze de Maio.

Letícia e Luana possuem a utilização de muitas gírias nas suas falas e um estilo capilar peculiar, pois desde o início da Cia do Samba elas já utilizavam o cabelo bem volumoso e até hoje abusam das (des)colorações, além de serem as únicas alunas que compareciam às aulas de turbantes. Cabe salientar que ambas fazem parte de uma geração (mais nova) que está mais aberta a outros tipos de experimentação de manipulações de cabelos ligadas à essa estética negra, e, portanto, a experimentação de novas formas de identificação e identidades afro.

As duas fazem suas manipulações capilares, visto que quando Luana apareceu na Cia do Samba com o cabelo descolorido, disse que fez a manipulação em casa, e postou em sua rede social uma foto com um cabelo pintado de uma cor distinta a anterior, com a legenda: “agora acabei com o meu cabelo”. Letícia afirma ter deixado vários “profissionais” manipularem o seu cabelo e o resultado, além de ter sido insatisfatório, danificou consideravelmente os seus fios capilares. Segundo o depoimento de Giane, uma das mulheres pesquisadas já descrita, assumir o cabelo crespo está relacionado a um profissional que saiba manipular este tipo de cabelo:

Sabe o que toda mulher negra precisa para se empoderar por meio do seu cabelo crespo e assumir de fato o que é? Uma coisa simples, mas ao mesmo tempo que muitas mulheres negras talvez não se detém em procurar, pois falta consciência negra... um bom cabeleireiro negro ou negra e que entenda de cabelo afro. Que faça de tudo, pois esse profissional tem uma responsabilidade tamanha no nosso processo de empoderamento! Encontrei depois de muito pesquisar.... São poucos! Aliás só encontrei um, que foi indicado pelos salões brancos como profissional gabaritado a trabalhar com cabelo de negro! Foi mais ou menos assim que me indicaram o Júlio. O Júlio é negro, excelente cabeleireiro e vai agora para os Estados unidos se aperfeiçoar. [...] Ele tem uma boa clientela de brancos pelo que vi, mas se coloca e tem um discurso muito interessante sobre cabelos afro. Para mim um empreendedor, com uma visão muito boa de identidade negra e de valorização do cabelo afro das

⁶⁷LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

mulheres negras. Mas ele faz de tudo e também alisa as que querem ser alisadas! (Giane, 47 anos, doutoranda em comunicação na UFSM)

No entanto, são raros os profissionais capacitados para manipular o cabelo crespo em Santa Maria e, além disso, há a questão financeira, que impede muitas mulheres de contratarem profissionais para manipularem o seu cabelo.

Atualmente Letícia prefere manipular os seus cabelos em casa, dizendo que apenas aplica um relaxamento para dar uma “abrida nos cachos”, como me relatou no Facebook.

[...] não uso químicas! Só a hidratação mesmo e ele tá crescendo rápido agora. Em novembro ou dezembro fui num salão, o guri que fez recém tava começando, aí ele detonou meu cabelo, ai nunca mais tinha feito ! Hoje vou fazer pra dar uma abrida nos cachos (Letícia Prates, 19 anos, estudante).

No caso de Luana, ela utilizou apenas um produto químico no seu cabelo, e nunca mais realizou manipulações químicas, pois afirma que este produto detonou o seu cabelo.

Mesmo inserida no Co-rap e no Museu Treze de Maio, assim como ligada à religião de matriz africana, e, ainda, utilizando adereços africanos, como, os turbantes, Letícia continua a manipular os seus cabelos quimicamente. Através disso percebo que embora no momento atual esteja acontecendo uma ressignificação do cabelo afro, é difícil a aceitação e o entendimento de que este é um cabelo bonito e bem apropriado, que não tem a necessidade do uso de manipulações químicas.

Mulheres como Jamaica, Anelise, Letícia Prates e Tatiéle (está última que a qual irei descrever posteriormente), embora admirem o cabelo crespo, o consideram mais apropriado com cachos soltos e por isso recorrem aos produtos químicos. As frases “dar uma abrida nos cachos”, “soltar os cachos”, entre outras enfatizam a sua aspiração em possuir um cabelo menos volumoso e mais solto, característica dos cabelos cacheados. Para estas mulheres, usar a química, abrir ou soltar os cachos, pode também significar aceitar a sua negritude.

Eu quando comecei a utilizar a química eu pensava mais pela questão estética, eu achava o cabelo liso mais bonito. Talvez isso fosse pela influência realmente de não pensar que o crespo fosse uma opção a utilizar né, como o cabelo talvez esteja implícito numa forma de negar ou sei lá, não aceitar a questão da negritude. Mas com o tempo, com a convivência com outras pessoas que valorizavam o cabelo crespo, eu comecei a aprender a gostar muito mais e a me sentir mais valorizada enquanto pessoa negra e assim, achar a estética do cabelo afro bonita. Mas mesmo assim, busco o uso da química pra tentar dar forma ao meu cabelo, porque o meu cabelo é um cabelo que não tem forma, os cachos não tem forma e ele não é liso, então eu busco a química mais no sentido de começar a tentar assumir essa negritude, mas eu penso também que ser negro vai um pouco além de ter o cabelo crespo ou liso, essa é a minha visão, eu me vejo hoje como uma negra, com o meu cabelo liso e com ele crespo (Anelise, 29 anos, assistente social).

No entanto, para grande parte do Movimento Negro, as expressões “dar uma abrida nos cachos” e “soltar os cachos” são atenuações dos traços da negritude, visto que nas páginas acerca da negritude das redes sociais já observei, por exemplo, a seguinte postagem: “eu não preciso dar um susto na raiz!”. Explicando, a expressão refere-se à aplicação de um relaxamento realizado em tão pouco tempo que o cabelo fica mais solto, sem consideráveis alterações na sua estrutura.

Saliento que ambas também frequentam os ambientes sambistas, pois já participaram da escola de samba Barão de Itararé e agora Letícia participa da Unidos do Itaimbé; e Luana, da Trevo de Ouro. A partir do convívio com o Nei que é um militante negro e umbandista, do Co-rap e da sua presença no Museu Treze de Maio através principalmente da Cia do Samba, estão vinculadas ao Movimento Negro santa-mariense. Em um determinado evento ativista, carregavam a placa “futuras cotistas” apoiando o emprego das cotas na UFSM. Em 2011, Luana foi a vencedora do concurso A Mais Bela do Ébano realizado no Museu Treze de Maio e em 2012 Letícia foi uma das candidatas. Este é um concurso organizado pela diretoria do Museu posto que, além da beleza afro santa-mariense, cada candidata poderia também realizar uma apresentação artística. Nos dias em que esses concursos aconteceram, a família foi prestigiar as meninas (Figura 49).

Figura 49 - Família da Luana e Letícia no dia em que Luana iria passar a faixa de Bela do Ébano.



Fonte: Arquivo pessoal de Luana.

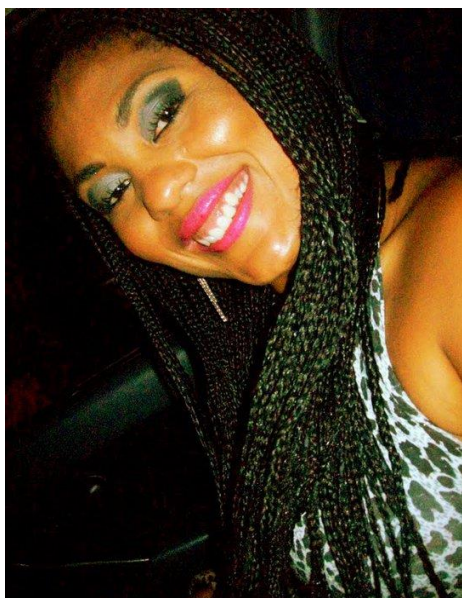
Paola tem 27 anos e é uma trançadeira. Graduada em educação física pela FAMES, faculdade em que ganhou uma bolsa de estudos pelo Neab (Núcleo de Estudos Afro-

brasileiros), atualmente trabalha em uma academia e usa tranças longas com a aplicação de cabelos sintéticos (Figura 50).

Paola também foi integrante do Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras durante alguns anos, mas devido ao seu compromisso com a faculdade precisou se afastar do grupo. Já trabalhou em institutos de beleza como auxiliar de cabeleireiro, assim como também atua como trançadeira e como maquiadora, porém como serviço extra. Paola alega não utilizar o seu cabelo natural por ele ser muito crespo e, conseqüentemente, não ficar adequado para o seu rosto.

Ela já utilizou o cabelo liso (Figura 51), mas acabou voltando para as tranças, justificando que este estilo de cabelo demandava cuidados diários que requisitavam muito tempo. O fato de Paola trabalhar como trançadeira, ou seja, com manipulações capilares conexas a uma conscientização negra, não a influenciou no uso do seu cabelo natural, visto que quando deixou de utilizar tranças argumentando que estava enjoada de estar um longo período com o mesmo visual e que, além disso, queria estar com uma aparência diferente em sua formatura, optou por alisar o cabelo. A mesma relatou o seu anseio em utilizar um mega hair crespo, mas que devido ao custo alto desse tipo de cabelo, não seria possível utilizá-lo.

Figura 50 - Paola de tranças.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 51 - Paola de cabelo liso.



Fonte: Arquivo pessoal de Paola.

Paola considera o cabelo cacheado bonito, ao contrário do muito crespo, que ela diz ser o seu tipo capilar. Sua aspiração em ter cabelos compridos reflete no conceito de feminilidade baseado em cabelos longos, como o das mulheres brancas. Percebo uma semelhança entre

Paola e Jamaica, pois ambas tem em comum o trabalho como trançadeira, sua inserção em ambientes de sociabilidade negra, a escolaridade em ensino superior, e seu desejo em ter um cabelo longo. Além disso, embora que as duas gostem do cabelo cacheado, optam por recorrer a manipulações químicas, atenuando traços negroides - no caso, o cabelo crespo. Esse conceito do que para ambas é considerado belo ou não está relacionado com suas múltiplas vivências e identidades.

Paola ressaltou ainda, que um paquera disse para ela voltar a usar tranças, pois ficava mais bonita e também que a sua profissão - educadora física -, era um contratempo para o cabelo liso e por esses motivos voltou a utilizá-las. Além disso, ela e Tatiéle afirmam considerar as tranças um símbolo da negritude.

O discurso de que o próprio cabelo não combina com o rosto é a maneira que Paola se enxerga; mas além deste olhar, podem estar imbuídos alguns enfrentamentos em relação à utilização do seu cabelo natural. Como visto anteriormente, os diversos argumentos que as mulheres que manipulam o cabelo quimicamente utilizam podem ser uma defesa destas em relação ao seu confronto com o próprio cabelo.

Tatiéle (Figura 52) também pertenceu ao Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras, mas por tornar-se evangélica, afastou-se totalmente não só do grupo, mas de tudo que concerne à matriz africana. É acadêmica em economia pela UFSM e trabalha em uma empresa automobilística.

Figura 52 - Tatiéle.



Fonte: Arquivo pessoal de Tatiéle.

Já utilizou o cabelo alisado, o produto que a Jamaica trazia de Salvador, tranças nagô - muitas vezes feitas por Paola - e tentou uma vez usar o cabelo natural.

Quando Tatiele tentou usar o cabelo natural houve vários comentários de que esse estilo de cabelo não tinha ficado bem para ela. Essas críticas eram oriundas de pessoas do Movimento Negro e da comunidade carnavalesca que não utilizavam o cabelo afro natural. A partir também disso, entendo que existem diferentes posições do movimento em relação à escolha por diferentes manipulações capilares, visto que há integrantes que ainda possuem dificuldade de aceitarem o crespo natural, já que o que eles entendem por boa aparência e por um cabelo bonito é o crespo com cachos abertos ou definidos, por isso o uso constante das permanentes afros e manipulações com químicas.

CAPÍTULO III

3. MANIPULAÇÃO DE CABELO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM SANTA MARIA-RS

Neste capítulo, abordo as diferentes formas de manipulação do cabelo afro do grupo pesquisado de forma a propiciar ao leitor uma compreensão de como as manipulações são realizadas e quais os significados que assumem nos diferentes grupos pesquisados.

Em um segundo momento, explano como as mulheres descritas neste estudo manipulam os seus cabelos para ir ao Museu Treze de Maio, às escolas de samba, baladas⁶⁸, bem como, festividades mais formais, e analiso como se dá o processo da escolha de determinada manipulação do cabelo *versus* os lugares que essas mulheres frequentam, bem como, a boa aparência.

Finalizo o capítulo discorrendo acerca da influência dos relacionamentos amorosos na escolha por determinado estilo de cabelo, analisando o contexto em que as mulheres pesquisadas estão inseridas.

3.1 DIFERENTES FORMAS DE MANIPULAÇÃO DO CABELO AFRO

Para um melhor entendimento do presente estudo, cabe explicar sucintamente cada tipo de manipulação do cabelo afro. Procurei não me deter apenas nas definições técnicas, mas em questões identitárias que estão sobrepostas nessas distintas manipulações do cabelo afro.

3.1.1 Cabelo Natural

Por considerar a relevância do cabelo natural no debate sobre as diferentes formas de manipulações do cabelo das mulheres negras, uma vez que a sua utilização é cotidianamente polemizada, considero que este possua questões significativas a serem discutidas nesse trabalho.

Há um consenso, no âmbito da negritude, de que o cabelo natural é o que não passa por manipulações que utilizam produtos químicos, com exceção da aplicação de tinta capilar, que

⁶⁸ Balada: festa à noite e, no caso do presente estudo, sobretudo lugares onde tem pagode.

não é considerada uma manutenção química, ao contrário dos relaxantes e alisantes. Nos ambientes de sociabilidade negra, principalmente nas Escolas de Samba e no Museu Treze de Maio, muitas mulheres que não alisam ou relaxam, mas tonalizam o seu cabelo, referem-se a ele como um cabelo natural. De maneira oposta, percebo que para as mulheres brancas o cabelo natural é o que não passou por nenhum processo químico, sem exceção. Portanto, entendo que a expressão “cabelo natural” possui significados diversos e define-se de acordo com o ambiente e o grupo em que está sendo referido. Outra questão que remete à noçãoêmica de cabelo natural é a trança nagô. Como foi descrito no primeiro capítulo, a maioria das mulheres negras considera a trança nagô como natural e o Mega Hair como artificial. Para as mulheres negras pesquisadas, como o caso de Paola e Tatiele, o “cabelo natural” está correlacionado a uma conscientização negra visto que, assim como o black power, as tranças são consideradas um símbolo da negritude.

Cabe ressaltar que shampoos, cremes, pentes e escovas também podem alterar a estrutura do cabelo, mas após a lavagem eles voltam a sua estrutura natural e, portanto, neste estudo são considerados utensílios de manipulação diária do cabelo. Em contrapartida, esses utensílios me fazem perceber que levar a expressão “cabelo natural” ao pé da letra me remete a noção de que hoje não se pode falar em cabelo natural. Por isso não pretendo discutir o que é ou não é cabelo natural, mas o que as pessoas avaliam que seja ou não.

A perceptível mudança de muitas mulheres que manipulavam o seu cabelo com produtos químicos para a utilização do cabelo natural aconteceu há pouco tempo atrás. A partir do século XXI a manipulação do big chop nos cabelos que antes eram alisados tornou-se umas das postagens mais expostas e discutidas na Internet. Mulheres crespas, cacheadas e até mesmo as onduladas que anteriormente realizavam manipulações com produtos químicos resolveram voltar a utilizar o seu cabelo natural. Através das mulheres pesquisadas neste estudo, Daniele, Eveline, Giane e Letícia, bem como de depoimentos na internet, percebo no contexto atual uma mudança estética, impulsionada pelo movimento negro e por outros processos de valorização da negritude, que envolve o desejo de algumas mulheres de assumirem o seu cabelo natural.

O Movimento Negro teve grande influência no início desse processo, como o caso de Eveline ressalta. No entanto, outras influências podem ter levado à escolha do cabelo natural, como é o caso de uma estética e de uma performance negra difundida pelos processos de valorização da negritude e associada tanto aos movimentos sociais - como é o caso do Movimento Negro - quanto à difusão da música negra vinculada pela mídia. E isso é visto no discurso das mulheres estudadas, quando associam sua escolha ao “cabelo da moda” e a uma

consciência negra. O que percebo é que moda e consciência negra andam juntas, como relaciono com alguns autores que se detiveram em demonstrar essas relações. É o caso de Gilroy (2001), Sansone (2003), Pinho (2004), dentre outros.

No entanto, há ainda o fato da praticidade, uma vez que os cabelos que passam por manipulações de produtos com química requerem mais cuidados, bem como cabe evocar que nem todas as mulheres pesquisadas neste estudo utilizam cabelos crespos ou naturais.

Percebo que a utilização do cabelo natural, principalmente o black power, requer um discernimento acerca do seu significado, uma vez que este estilo capilar ainda é alvo de preconceito e, por este motivo, as pessoas que o utilizam são intituladas “mulheres negras de atitude”. Sendo assim, quem possui uma compreensão sobre o sentido do cabelo afro natural detém mais autoestima para usá-lo, mesmo sendo alvo do preconceito. O caso da Eveline reflete essa questão, pois a mesma teve uma ligação com o movimento negro santa-mariense através do Grupo de Dança Afro Euwá Dandaras por um longo período, cursou o mestrado em ciências sociais, tendo como tema de sua dissertação as relações étnico-raciais, e tudo isso colaborou para a sua escolha em utilizar o cabelo black power. Cabe salientar que as redes sociais auxiliam nesse processo de ressignificação do cabelo afro, uma vez que a discussão sobre o ele não tem necessariamente uma ligação direta com o Movimento Negro.

A Letícia Ignácio, treze anos mais nova que a Eveline, não precisou de todo esse percurso para sentir-se segura com o seu cabelo e a diferença geracional entre ambas explica este caso. Letícia vive sua adolescência em um momento onde o cabelo afro natural, além de ser considerado bonito, é imposto às mulheres negras, ao contrário da Eveline que há treze anos vivia em um momento onde o cabelo liso era determinado. Ressalto que as crespas de tempos atrás, em sua maioria, deixavam o cabelo com um aspecto “lambido” ou com “cachos duros” de tanto acúmulo de gel, devido ao receio de que seu cabelo ficasse com volume. Ademais, como descrito antes, a rede social é uma facilitadora para este seguimento, uma vez que já observei Letícia Ignácio compartilhando fotos e postagens de páginas sobre o cabelo das mulheres negras.

Cabe salientar minha visita a um sítio rural de uma família negra de Santa Maria, onde verifiquei o uso de alisamentos em todas as mulheres negras que lá estavam. Mulheres de classe popular, em geral cozinheiras e faxineiras, que não possuem nível de escolaridade superior, que não frequentaram o Museu Treze de Maio e que não usam as redes sociais. As novas abordagens acerca do cabelo afro levarão mais tempo para alcançar essas mulheres, que seguem o padrão de beleza da mulher branca.

Portanto, entendo que o movimento negro, os veículos de comunicação e as instituições de ensino superior que abrem espaço para as discussões sobre as relações étnico-raciais auxiliam na escolha e no uso do cabelo afro natural. Além disso, muitas músicas também proferem acerca do cabelo afro. Paul Gilroy (2001) declara que a música negra tem andado lado a lado com as lutas negras, tendo um poder de comunicar informação, organizar a consciência e expressar a subjetividade individual e coletiva:

Olhos Coloridos

Meu cabelo enrolado
 Todos querem imitar
 Eles estão baratinados
 Também querem enrolar...
 A verdade é que você
 (Todo brasileiro tem!)
 Tem sangue crioulo
 Tem cabelo duro
 Sarará crioulo.

(Intérprete: Sandra de Sá)

A maioria das músicas que falam sobre o “cabelo duro” retratam o preconceito que os negros enfrentam acerca do seu cabelo, mas também enfatizam o orgulho dos indivíduos negros em possuí-lo.

3.1.2 Relaxamento

O relaxamento é uma manutenção química que faz com que o cabelo fique menos crespo, principalmente na raiz, além de também diminuir em grande parte o volume do cabelo.

No que concerne à técnica do relaxamento, primeiramente é realizada uma prova de toque em uma pequena mecha do cabelo, geralmente perto da orelha, para constatar se o produto químico vai agredir o cabelo, se terá alguma irritação capilar, ou algo similar. Esta prova de toque nada mais é do que a própria aplicação do produto. Após o teste ser aprovado, com a utilização de luvas (pois o produto é muito forte e inclusive possui um odor desagradável), aplica-se o produto químico, mecha por mecha com um pincel, em um determinado tempo que varia de dez até trinta minutos, dependendo se o cabelo é fino ou

grosso, forte ou frágil. A seguir, enxagua-se e aplica-se o neutralizante⁶⁹ (em um período que geralmente é de dez minutos) e então finaliza-se como de costume.

A maneira como o relaxamento irá ficar geralmente depende do tipo de cabelo, do tempo e da forma de aplicação que foi executada. Existem pessoas que só passam o relaxamento na raiz e o efeito resultante são cachos, uma raiz quase lisa e em consequência disso, cabelos mais compridos. Quando o relaxamento é aplicado em toda extensão do cabelo, os cachos perdem um pouco o aspecto de espiral, tornam-se mais parecidos com pequenas ondinhas, e o cabelo fica mais próximo ao seu real comprimento, assim como mais distante do fator encolhimento, que por sua vez incomoda muitas mulheres crespas que sonham em ter cabelos longos. Quando o relaxamento é utilizado em todo cabelo e ainda, em um maior período de tempo, ele transforma-se em um cabelo ondulado, muito próximo ao liso.

Algumas mulheres que são consideradas alisadas passaram por uma manipulação de relaxamento e não de alisamento. Isto ocorre devido ao alisamento ser uma química considerada mais forte que o relaxamento. Ou seja, quando um relaxamento é aplicado em todo cabelo, com maior duração de tempo, ele pode propiciar um efeito parecido com o alisamento, porém com uma menor agressão química aos cabelos.

No grupo pesquisado, verifiquei que o relaxamento ainda é utilizado e principalmente pelas mulheres pertencentes ao cabelo bem crespo e que idealizam que este fique mais solto, como, por exemplo, Letícia Prates, Anelise e Tatiele, sendo que a última realiza a manipulação em um salão de beleza. Contudo, muitas vezes é possível saber quem utiliza o relaxamento, pois embora os cabelos possuam suas infinitas particularidades, o relaxamento faz com que eles fiquem visualmente semelhantes (com ondinhas miúdas) em grande parte das mulheres, como constatado na pesquisa de campo.

Nas farmácias e lojas de perfumaria e cosméticos muitos produtos de relaxamento, assim como de alisamento e permanente afro, são encontrados com valor acessível para a realização da manutenção capilar em casa. Devido principalmente às condições financeiras, grande parte das mulheres opta por realizar a manutenção do próprio cabelo. Quem aplica o produto geralmente é uma familiar ou amiga, e esse momento, que embora exija minuciosidade e responsabilidade, é descontraído, pois há muito bate-papo e risadas. Em geral, o dia dessa manutenção capilar é o sábado à tarde, pois muitas mulheres não estão trabalhando e já cumpriram seus compromissos em casa, como fazer o almoço para os filhos.

⁶⁹ Neutralizante: é um produto aplicado após o alisamento para impedir que o ativo químico continue agindo a ponto de promover a quebra dos fios. Ele religa as pontes de cistina, o que firma o novo formato do cabelo.

Observei este episódio diversas vezes na casa de Lilian, onde o sábado à tarde é destinado ao ritual de beleza e não apenas seu, mas compartilhado com suas irmãs, uma vez que estas não só realizavam manipulações capilares como também atuavam como manicure umas das outras.

Nesta dissertação constatei mulheres que fazem manipulações de relaxamento nos cabelos em todas as classes sociais. Por influência da mídia, elas já possuem um diálogo acerca do cabelo afro e por isso dizem orgulharem-se dos seus cabelos crespos ao mesmo tempo que também recorrem ao relaxamento. Percebo que o relaxamento é “o meio termo”, pois realizando este tipo de manipulação capilar as mulheres não se tornam alisadas, e assim atenuam as suas características negroides, e ao mesmo tempo não usam, por exemplo, o black power, alvo de discriminação.

3.1.3 Alisamento

O alisamento é uma manipulação química que consiste em transformar o cabelo ondulado, cacheado ou crespo em um cabelo liso.

Por motivos que citei anteriormente, saliento que o alisamento e o relaxamento possuem características próximas, visto que dificilmente o alisamento propicia o efeito de um cabelo totalmente liso sem o auxílio do secador e/ou da chapinha, tanto que a Angelita sempre finaliza essa manipulação capilar com a chapinha. À vista disso, muitas vezes ao olharmos um cabelo não temos certeza se ele foi alisado ou relaxado, pois esses dois tipos de manipulações são similares.

A técnica do alisamento é parecida com a do relaxamento. Primeiramente realiza-se a prova de toque, e depois de aprovada, divide-se o cabelo em partes e aplica-se o alisamento com um pente fino. No entanto, um profissional experiente como a Angelita já sabe a parte do cabelo que possui e que não possui química e, portanto, não faz a prova de toque, pois sabe onde pode ou não utilizar o produto químico. Do mesmo modo que no relaxamento, deixa-se agir o produto com o tempo que vai depender do tipo de cabelo da pessoa, para depois enxaguar e realizar a aplicação do neutralizante. Finaliza-se como de costume, mas saliento que mesmo que o cabelo natural da pessoa seja ondulado, cacheado ou crespo, o tratamento de finalização deve ser feito como se o cabelo fosse liso. O uso de creme sem enxágue deve ser evitado para o cabelo não ficar pesado e nesse caso são indicadas pomadas anti frizz,

reparador de pontas e finalizadores que preparem o cabelo (prevenindo danificações) para o uso do secador e da chapinha.

O alisamento a base de formol foi uma das maiores tendências de manipulações capilares de alguns anos atrás. Contudo, em 2009 a Anvisa⁷⁰ proibiu a venda de produtos que contém essa substância química, devido ao fato do formol ser prejudicial à saúde. A partir de então, os alisamentos geralmente são realizados a base de hidróxido de sódio, guanidina⁷¹ ou tioglicolato⁷². A substância química hidróxido de sódio é considerada a mais forte de todas e por essa razão é apropriada para a realização de um alisamento mais potente, assim sendo, deve ser somente aplicada em cabelos resistentes e por profissionais. Todavia, a guanidina e o tioglicolato são substâncias químicas consideradas mais leves e por isso são as mais utilizadas na manipulação do alisamento. Na entrevista que realizei com a Paola e a Tatiele, a partir de suas experiências pessoais acerca dos seus cabelos, além de me relatarem sobre a proibição do formol, elas dialogaram a respeito das manipulações de alisamento feitas à base de guanidina e tioglicolato e observei então, que para elas, essas substâncias são muito conhecidas. Como desconhecia o real significado dessas substâncias para o contexto capilar, esse diálogo me propiciou o entendimento de que os alisamentos com base nesses elementos químicos provavelmente tornaram-se mais conhecidos em Santa Maria após eu ter parado de alisar os meus cabelos - em janeiro de 2012.

Nas manutenções capilares que apresentam perigo de danificação dos fios, como o uso dos produtos químicos, há o medo de estragar o seu cabelo e, por isso, algumas mulheres preferem ir ao salão. O presente estudo corrobora essa afirmação, pois com exceção da Lilian, todas as alisadas pesquisadas - Ananda, Mari, Mauren e Mariane - realizam as manipulações de alisamento em salões de beleza. No entanto, quando a manutenção capilar não aponta risco de causar danos ao cabelo, como a hidratação e os produtos caseiros, as mulheres optam por realizar a mesma em casa. Percebi este fato em pesquisa de campo no salão da Angelita, pois não a vi realizando hidratações capilares, mesmo que ela já tenha indicado, inclusive para mim. Do mesmo modo, observei que a Paola realiza o trabalho de trançadeira várias vezes a domicílio, visto que a trança não apresenta o mesmo risco que o produto químico de estragar o cabelo.

⁷⁰ Anvisa: Sigla que define Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Órgão público que tem como finalidade promover a proteção da saúde da população.

⁷¹ Guanidina: Substância de composição análoga à da ureia, usada em sínteses orgânicas.

⁷² Tioglicolato: é um ativo químico obtido pela reação entre o ácido tioglicólico e a amônia

A partir disto, também verifiquei que o conceito de um bom manipulador do cabelo afro está relacionado ao ambiente e modifica-se com a sua função. Para ser considerada uma alisadora habilitada, é necessário que a mesma seja proprietária ou trabalhe em um salão de beleza; porém para ser uma trançadeira, um ambiente voltado apenas para o seu trabalho com as tranças não é considerado fundamental. Até mesmo Paola, que é uma trançadeira e trabalha em casa ou a domicílio, optou por ir a um salão de beleza quando quis alisar o cabelo. Exige-se mais seriedade do profissional que trabalha com produtos químicos, uma vez que ao contrário das alisadoras, caso a trançadeira erre na manutenção capilar, o cabelo não é danificado. O trabalho das trançadeiras pode ser considerado mais artesanal e estas têm a possibilidade de realizar o seu trabalho na rua. Este fato pode trazer à sua profissão um status menor, pois o espaço utilizado, além de não ter privacidade, pode deixar os clientes ficar mal acomodados e por isso valorizarem menos seu trabalho. Por outro lado, a possibilidade de trançar em qualquer ambiente é facilitadora, pois evita gastos com salão de beleza, a não ser que a demanda aumente em grande proporção.

Um cabelo alisado bem tratado propicia e mantém um bom resultado, mas muitas mulheres não realizam todos os cuidados. A decisão de alisar, principalmente um cabelo crespo, requer cautela, uma vez que este tipo capilar é frágil e sujeito à quebra com a utilização de produtos químicos. No entanto, movidas pela vontade de ter um cabelo liso, grande parte das mulheres não pondera essas circunstâncias e somente percebe a relevância de um entendimento sobre os cuidados com o cabelo afro quando este já se danificou. No salão da Angelita, observei muitas mulheres alisadas, com um fio muito brilhoso, porém com um cabelo ralo. É difícil mencionar uma mulher negra alisada que tenha um cabelo comprido e inteiro. Na minha inserção em campo, não constatei nenhum tipo capilar que após o alisamento ficasse dessa forma; com ressalva da Lilian, que já frequentou o salão da Angelita, mas atualmente prefere manipular o seu cabelo em casa, pois se considera com conhecimento para tal. Lilian afirma ter aprendido a realizar a manutenção no próprio cabelo observando como Angelita o manipulava. Essa resistência que o cabelo de Lilian possui além de uma manutenção capilar adequada sucede, sobretudo, ao fato da mesma possuir um cabelo forte se comparado a outros crespos, já que uma das características desse tipo de cabelo é a sua fragilidade.

Outro motivo que recomenda prudência é que após a aplicação do alisamento o cabelo não voltará a sua estrutura orgânica, e para retirar todo produto do cabelo provavelmente será necessário o big chop e/ou a fase de transição. Acentuo que este caso não condiz com a escova progressiva, pois segundo Paola e Tatiele, a mesma tem um efeito que dura no

máximo quatro meses e é considerada como um tratamento para deixar o cabelo mais fino e maleável, e não o próprio alisamento químico.

O alisamento feito com henê, anteriormente citado, não alisa definitivamente na primeira aplicação e, portanto, são necessárias várias aplicações para adquirir o resultado desejado. No entanto, após o alisamento é praticamente irreversível que volte a sua estrutura orgânica, ao contrário de outros alisantes que podem remover-se com o decorrer do tempo.

Atualmente o alisamento é considerado um atenuador das marcas da negritude, e as mulheres alisadas estão sendo vítimas de um preconceito por parte, sobretudo, de ativistas do Movimento Negro e de mulheres que utilizam o cabelo natural, inclusive as “ex-alisadas”. Realizando uma comparação da época atual com alguns anos anteriores, nos dias de hoje encontra-se um número menor de mulheres alisadas tanto na mídia, quanto nas ruas.

3.1.4 Permanente Afro

Com a ascensão e valorização do crespo verificada na internet e na pesquisa de campo, dentre as manipulações químicas citadas, o permanente afro é a mais adequada, uma vez que o resultado de sua aplicação é a formação de cachos.

O permanente afro diminui o volume capilar natural, mas não o elimina, uma vez que ele propicia cachos definidos sem que o cabelo perca o volume. No entanto, cabe salientar que o cabelo resultante desta manipulação química é no geral menos volumoso do que o crespo natural, como o caso da Jamaica. Por exemplo, o volume de um cabelo com permanente afro – Jamaica - é menor que o de um black power - Eveline.

Embora o fato de o permanente afro proporcionar um cabelo crespo, grande parte do Movimento Negro critica quem realiza este tipo de manipulação capilar. Em primeiro lugar, o discurso da maioria dos integrantes deste movimento ativista é que as pessoas deixam de usar os seus cabelos naturais para agredi-los quimicamente em busca de um cabelo similar ao das pessoas brancas, uma vez que os cachos definidos são encontrados em sua maioria em mestiços e brancos, ao contrário dos cachos miúdos e menos definidos, os quais, no geral, são características das pessoas negras. Nas rodas de discussões no Museu Treze de Maio constatei que o movimento negro, sobretudo, os integrantes mais jovens, desaprova quem utiliza o permanente afro com o intuito de diminuir o volume capilar, pois para o movimento, atenuar o volume do cabelo afro significa não querer assumir as características físicas da negritude. Além disso, essa perspectiva foi observada nas declamações de Geanine no poema de Oliveira Silveira:

Cabelo carapinha,
 Engruvinhado, de molinha,
 Que sem monotonia de lisura
 Mostra-esconde a surpresa de mil espertas espirais,
 Cabelo puro que dizem que é duro,
 Cabelo belo que eu não corto à zero,
 Não nego, não anulo, assumo, assino pixaim,
 Cabelo bom que dizem que é ruim
 E que normal ao natural fica bem em mim,
 Fica até o fim
 Porque eu quero, porque eu gosto, porque sim,
 Porque eu sou pessoa negra e vou ser mais eu, mais neguim
 E ser mais ser assim.

(Oliveira Silveira - ver nota nº 62)

No entanto, como já citado anteriormente, não existe apenas uma posição única no Movimento Negro, visto que alguns intelectuais orgânicos do movimento em Santa Maria utilizam o permanente afro.

Segundo Tatiele, o permanente afro é o tipo de manipulação química que mais agride o cabelo, pois primeiramente é realizada uma manipulação de alisamento e após, a aplicação de outro produto químico que com o auxílio de bigoudins⁷³ forma cachos nos cabelos. Então, o permanente afro é uma manipulação capilar que utiliza dois tipos de produtos químicos e, portanto, para a realização deste, o cabelo deve estar preparado e resistente. Porém, em alguns casos, mesmo que o cabelo esteja “puro”, após a aplicação de produtos químicos ele danifica totalmente, em vista de ser muito frágil.

O permanente afro é utilizado geralmente por pessoas que possuem um cabelo crespo com o intuito de ele ficar mais solto. Como descrito antes, constato uma mudança dos estereótipos capilares vigentes no decorrer do tempo, pois há pouco tempo atrás o cabelo liso era considerado o mais belo e no momento atual percebo a valorização dos cachos definidos, uma vez que estes se sobressaem não somente em ambientes de sociabilidade negra, como nas escolas de samba e o no Museu Treze de Maio, mas dentre outros espaços.

No entanto, a partir do discurso do Movimento Negro santa-mariense e da minha observação na internet nas páginas acerca da negritude, notei que o anseio de grande parte do movimento é de que as pessoas negras sintam-se à vontade para utilizar o seu cabelo natural sem a necessidade de manipulá-lo quimicamente, ou seja, sem o desejo de possuir características que no geral são próprias dos cabelos das pessoas brancas, no caso, a definição

⁷³ Bigoudins: são utensílios de plástico em forma de espiral, em que os cabelos são “enrolados”, utilizados para cachear o cabelo.

dos cachos. Este processo de autoestima da negritude está presente nas músicas, sobretudo a partir das décadas de 60 e 70 com o processo de reafrikanização na Bahia (SANSONE, 2003) que elege a Bahia como a “Roma Negra” (PINHO, 2004). Com base nessas constatações a respeito dos conceitos capilares que modificam-se com o passar do tempo e da luta incessante do Movimento Negro, considero que essa mudança seja possível, uma vez que esse discurso já é bastante observado nas redes sociais.

Apesar de o permanente afro ser a manipulação química que mais se aproxima do cabelo crespo, estilo capilar que neste estudo foi constatado estar em fase de ressignificação, ele foi pouco constatado no grupo pesquisado. Seu declínio deve-se à grande probabilidade de quebra no cabelo, mas, sobretudo, à moda, pois o período de maior sucesso do permanente afro foi na década de 1990, quando a cantora Daniela Mercury, que na época possuía muito destaque na mídia, preconizou este estilo de manipulação química. Além disso, somente o relaxamento já resolve o que grande parte das mulheres negras considera como problema, pois ele diminui o volume, deixa o cabelo mais solto sem que estas percam seus cachos, assim como facilita a realização de uma escova no cabelo.

3.1.5 Tranças Nagô

A trança nagô possui características distintas dos outros tipos de tranças, visto que nas mulheres pertencentes a outras culturas e etnias são realizados penteados com tranças maiores em espessura e em menor número.

A trança nagô possui variados estilos e o mais adotado são várias trancinhas (mais de cem) que podem variar de espessura (que vão depender do gosto pessoal) e que podem ser utilizadas com apliques (que possuem variadas formas e cores e, geralmente são de material sintético) ou não. É possível realizar os mais variados penteados com as tranças, como soltá-las, fazer um coque ou rabo de cavalo, ou ainda, utilizar adereços como turbante e até mesmo, por exemplo, uma única trança. Observei esses diversos mecanismos para embelezamento, na Paola (Figura 53), a única mulher trançada dessa dissertação.

Figura 53 – Paola.

Fonte: Arquivo pessoal de Paola

Existe outro estilo de trança nagô que é muito utilizado e também denominado de trança raiz, pois neste caso o cabelo é trançado como se estivesse costurando o couro cabeludo. Na trança raiz dá para criar variados desenhos, assim como, usar apliques de cabelo sintético e até mesmo palha, lã ou outro material, como o penteado que Geanine compareceu em sua formatura, o qual mostro posteriormente (ver página 128).

Como descrito antes, geralmente as trançadeiras de Santa Maria realizam os seus trabalhos em casa ou a domicílio. Como residi por 29 anos em Santa Maria e frequentei os ambientes de sociabilidade negra, assim como salões de beleza, conheço grande parte das trançadeiras e sei de apenas um salão de beleza que realiza manipulações de trança nagô. A respeito dos cuidados de higiene, realiza-se a lavagem como se o cabelo não estivesse trançado, utilizando o shampoo e condicionador. As tranças demoram muito a secar, pois lembro que quando eu utilizava tranças ficava horas com a toalha enrolada nos cabelos e quando tirava, as trancinhas ainda estavam pingando água.

Um dos inconvenientes do uso de tranças é que dependendo do fio capilar elas escabelam rapidamente, e então é necessário refazê-las. Outra desvantagem é que a poeira penetra no cabelo trançado e tem dificuldade de sair, o que resulta em um cabelo ressecado, mesmo que estejam sendo realizadas hidratações capilares regularmente; no entanto, isso só é visível no momento em que a trança é desfeita. A maior vantagem em utilizar trança nagô é o grande intervalo entre as manipulações que podem ser a cada mês, ou meses (isso vai depender do fio capilar e de cuidados, como, por exemplo, dormir de lenço para não deixar

com que a trança fique com fios arrepiados rapidamente) e no intervalo destas, não ter a obrigação de realizar hidratações, usar cremes finalizadores, chapinha e secador. Ou seja, quem utiliza tranças não precisa fazer os cuidados diários que a maioria das crespas que utilizam outras manipulações capilares realiza.

Nos primeiros anos da minha inserção no Museu Treze de Maio (2003 e 2004) fui criticada por utilizar tranças, pois estas eram vistas como formas da mulher negra tentar embranquecer. As pessoas que me criticaram defendiam que as mulheres negras deveriam utilizar cabelos crespos como formas de assumir a negritude, embora essas pessoas que utilizavam cabelos crespos manipulavam-nos quimicamente com relaxamento, ou permanente afro. Ao contrário de hoje, pois através das redes sociais, do meu convívio social e também das entrevistas realizadas neste estudo, constatei que muitas mulheres consideram a trança nagô uma maneira de se reafirmar enquanto negras. A partir disto, corroboro a mudança no discurso das pessoas pertencentes ao Movimento Negro com o decorrer do tempo, visto que atualmente a manipulação química é recriminada e a trança nagô valorizada. A utilização de tranças era confundida com uma tentativa de embranquecimento, pois as mulheres com tranças (principalmente as realizadas com apliques) ficam com os cabelos longos da mesma maneira que grande parte das mulheres brancas utiliza, além do que é difícil encontrar uma mulher negra com um cabelo visivelmente até a cintura (principalmente pelo fator encolhimento, já descrito neste estudo).

A perspectiva do Movimento Negro mudou a partir de militantes e estudiosos da negritude, como Martin Luther King, Nelson Mandela, Stuart Hall, Kabengele Munanga, Aimé Césaire, Livio Sansone, Paul Gilroy, entre outros. Quanto mais eram realizadas análises e pesquisas, mais conhecimento e ideias sobre a negritude o Movimento Negro adquiria. Isso explica o fato do movimento reconsiderar seus discursos com o decorrer do tempo, pois os resultados que são alcançados através dessas análises e estudos dos intelectuais o impulsionam a ir além, uma vez que assim percebe-se que é possível avançar no caminho para uma igualdade racial. Para Pereira (2011):

(...) o negro já se liberta da ideologia reflexa, da imagem do espelho do “outro”, historicamente construída desde tempos pretéritos. Em outras palavras, o negro já se vê com seu próprio e renovado olhar, embora saiba que resta muito a se fazer. Por negros e por brancos, a favor de negros e brancos, em busca de uma cidadania plena. (PEREIRA, 2011, p. 283)

Quanto à mídia, anteriormente o cabelo liso era considerado o mais apropriado, depois os cabelos com cachos definidos, e somente hoje percebo uma insistência do Movimento

Negro para o uso do cabelo crespo natural com tamanha magnitude a ponto de influenciar a mídia e, por conseguinte, o mercado de consumo.

Nesta dissertação já expus sobre a efervescência do movimento black power dos anos 70, mas devido a circunstâncias como a atuação do regime militar o mesmo não prosseguiu, sobretudo no que diz respeito às reivindicações por direitos de igualdade racial. Como ressalta Hanchard (2001) durante as décadas de 1970 e 1980, os afro-brasileiros que impregnaram suas atividades expressivas de um protesto e uma condenação explícitos da situação dos negros na sociedade brasileira foram frequentemente censurados.

Embora tenha havido, durante esses anos, grandes e pequenas tentativas de agregar um conjunto diferente de pessoas num movimento de cunho racial em prol da mudança social, não houve na sociedade civil brasileira, nenhum movimento nacional de oposição às desigualdades e à subordinação raciais (HANCHARD, 2001, p. 19).

Em contrapartida, nos dias atuais, existem políticas públicas que combatem a desigualdade racial, inclusive com base na estética negra, bem como a liberdade de expressão é uma questão enfatizada. A partir disto, percebe-se uma reformulação da perspectiva dos negros, como é verificada na fala de Vanda Tolentino:

Antigamente o negro não podia usar estampado, pois sei lá, acho que lembrava a África... Os negros só usavam preto e bege, porque essas cores disfarçavam os pretos e hoje em dia eles querem ressaltar isso. As pessoas diziam: olha aquela negra de estampado, não tem vergonha! Já é preta desse jeito e ainda usa estampado! Olha aquela negra com as unha bem vermelha! E por isso as negras usavam rosa antigo. Até hoje eu não gosto de vermelho porque eu me criei ouvindo: negro não usa vermelho! (Vanda Tolentino, 56 anos, dona de casa).

Através deste estudo percebi que as tranças estão ligadas a duas circunstâncias: a baixa renda e o período de transição. Verifiquei que as mulheres de classe baixa são as que mais utilizam tranças, bem como não necessariamente correlacionam este estilo de manipulação capilar com uma identidade e/ou conscientização negra. As mulheres de classes mais elevadas utilizam as tranças geralmente no período de transição, sobretudo na fase inicial em que o cabelo está muito curto, ou alisado e crespo simultaneamente e por isso, não se sintam confortáveis para utilizá-lo naturalmente.

3.1.6 Mega Hair

O mega hair é uma aplicação de um cabelo natural ou não em outro cabelo, propiciando uma alteração em sua estrutura, que geralmente resulta em um cabelo longo e/ou volumoso. A manutenção é geralmente realizada a cada três meses e existem diversas formas de aplicação de mega hair, como com cola de queratina – utilizada no salão da Angelita-, nó italiano, entre outras. São separados vários tufo de cabelo que são aplicados nas divisões capilares da pessoa que utilizará o alongamento.

O cabelo com mega hair requer um tratamento adequado, como uma boa lavagem, cuidado com resquícios de produtos capilares, aplicação do alongamento, e principalmente a remoção do alongamento. A falta desses cuidados cotidianos resulta em uma forte danificação capilar.

Mulheres brancas e negras utilizam o mega hair, mas a crítica relacionada à sua utilização é voltada apenas para as negras, pois o uso deste, assim como o alisamento, é visto como uma negação da negritude. A única mulher do grupo pesquisado que usa o mega hair é a Jamaica, e isso pode ser explicado em função dos recursos financeiros que dispõe para a manutenção de um cabelo com alongamento. Reafirmo que a condição econômica é um dos critérios para a utilização do mega hair, pois algumas mulheres do estudo, como Paola, afirmaram sentir vontade de usá-lo, mas não possuem condições para tal em função dos gastos.

Jamaica sempre realizou as manutenções de seu mega hair, o qual é crespo, em salões considerados requisitados nesse estilo capilar. Atualmente realiza as mesmas em Porto Alegre – 600 km de distância de Uruguaiana, cidade onde mora. O mega hair dificilmente é aplicado em casa, principalmente o que é aplicado com cola de queratina, pois assim como outras manipulações capilares descritas anteriormente, ele também oferece risco de danificar integralmente o cabelo.

O mega hair é almejado por muitas mulheres em função do sonho delas de ter o cabelo comprido, pois acreditam que este está associado à expectativa masculina, à mulher idealizada por certos grupos masculinos, visto que grande parte dos homens relaciona o cabelo comprido à “mulher sedutora”, à mulher ideal para namorar, para paquerar.

No entanto, o cabelo comprido também está associado a outras circunstâncias, como a boa aparência para o trabalho. Por exemplo, Jamaica consegue através do mega hair crespo manipular várias identidades: o desejo dos cabelos longos, os cabelos crespos que a associam a uma mulher negra ativista e os crespos longos manipulados para deixá-los mais soltos, que a associam a uma de mulher com boa aparência para o trabalho.

3.1.7 Dreadlocks

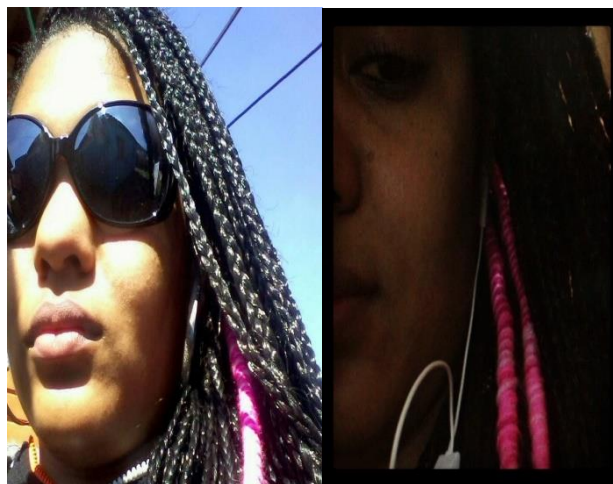
Este tipo de manipulação capilar praticamente não aparece no grupo pesquisado, pois o dread é mais utilizado pelo gênero masculino. No entanto, duas trançadeiras que descrevo neste estudo publicaram em suas redes sociais que sabem fazer dreadlocks, e por este motivo vou falar sucintamente a respeito deste tipo de manipulação capilar. Em relação às postagens, como mostrado anteriormente, a Ariane Paz (Preta) postou fotos dos dreads que fez em seu marido (Figura 54), fazendo uma propaganda do seu trabalho com as manipulações capilares. A Paola postou fotos de dread rosa (Figura 55), feito no seu próprio cabelo e descreveu que tinha aprendido a fazer os dreadlocks. Saliento que a mesma relatou que aprendeu a fazer “os rasta” com base em tutoriais da internet.

Figura 54 - Fotos do dread que Preta fez em seu esposo.



Fonte: Arquivo pessoal de Preta.

Figura 55 - Paola de dradlook.



Fonte: Arquivo pessoal de Paola

Existe um tipo de dread que é feito com o próprio cabelo, com cola e/ou cera de abelha, e para desfazê-lo somente cortando o cabelo na raiz. O dread que a Paola faz é o de lã, o qual não é necessário o corte do cabelo na hora de desfazê-lo e por isso ela denomina este tipo de dreadlock como falso. Existe outro dread que ela também nomeia como falso, um feito com o próprio cabelo de maneira que ao desfazê-lo também não é necessário cortar o cabelo na raiz:

Olha amiga que eu sei tem aqueles dreads que é feito com o próprio cabelo, que aqueles quando tu faz ele, tu tem que cortar o cabelo né, na raiz, e tem os dread de cera de abelha que também tem que faz a mesma coisa. É feito com uma cera de abelha, aí vai fazendo o cabelo grudar conforme vai crescendo e só vai puxando ele pela raiz e refazendo , aí também tem que cortar o cabelo na raiz. Aquele que eu faço é o dread de lã, que é o dread falso né, que daí tu faz uma trança por baixo e

vem com a lã por cima encapando a trança. Aí tu sempre faz com uma lã por baixo também que daí tu faz a trança um pouquinho mais comprida que o cabelo da pessoa pra não precisa corta o cabelo, daí depois tu desencapa a trança, desfaz a trança. Ah, me esqueci de te fala, também dá pra faze o dread falso com cabelo sintético que nem o das trança que eu uso sabe, mas aí é um pouquinho mais difícil de fazer porque o cabelo sintético resbala mais, mais é o mesmo sistema, faz a trança por baixo, encapa ela com o cabelo sintético, aí depois é só corta a pontinha e desmancha que o cabelo da pessoa vai fica por baixo sem danifica o cabelo natural. (Paola, 27 anos, trançadeira e orientadora de atividades físicas)

O dreadlock, ou rastafari como é chamado no Brasil, é bastante associado à figura do cantor Bob Marley e conseqüentemente ao reggae, mas há muito tempo já existia este estilo capilar. As pessoas usam o “rasta” por pertencimento ao movimento social e/ou cultura associada a este tipo de cabelo, bem como por simplesmente gostar da estética rastafári, conceituada como estilosa pelas mulheres aqui estudadas. Paola relata que para ela o conceito de estiloso é quando uma pessoa tem um jeito próprio de usar o cabelo não se importando com o que está na moda e sim com o que ela gosta.

Quem usa o dreadlock muitas vezes é visto como alguém que não possui cuidados de higiene, uma vez que já ouvi relatos de pessoas dizendo que sentiram um cheiro ruim exalando dos dreads. Principalmente por este motivo, assim como também, por não estar enquadrado no padrão de estética vigente, este estilo capilar é visto com preconceito, pois as pessoas que usam dreadlocks trabalham geralmente nos mesmos locais: lojas alternativas de música, moda (dependendo do estilo), piercing e tatuagens etc. No entanto, é possível manter o cabelo limpo e sem cheiro desagradável utilizando este estilo capilar, para isso sendo necessários alguns cuidados adequados como, por exemplo, não dormir com o cabelo molhado.

Em 2014 perguntei no grupo Juventude Negra de Santa Maria se alguma menina utilizava dreadlocks e apenas uma disse que sim. Esta era uma menina desconhecida por mim, e por isso acredito que não frequentasse os ambientes de sociabilidade negra, ou pelo menos o Museu Treze de Maio, onde eu ia frequentemente e, conseqüentemente, conhecia todas as pessoas que lá compareciam. Muitas mulheres negras de Santa Maria são membros do grupo da Junf no Facebook, porém poucas pessoas participam efetivamente dele, pois somente uma média de dez mulheres participa dos encontros.

Nenhuma das mulheres pesquisadas utiliza dreadlock, pois o mesmo está ligado a um tipo de manipulação mais restrita ao universo masculino. Neste estudo, o que corrobora com essa assertiva é o fato da Ariane fazer dreadlock em seu esposo e não em mulheres, nem mesmo em suas filhas, as quais ela também realiza manipulações capilares. Ainda saliento que embora Paola considere o dread um capilar estiloso, nunca cogitou trocar as tranças por

ele. Quando fez dread em seu cabelo, fez dois na cor rosa, ou seja, transformou-o em um símbolo feminino. Ademais, comparando com os estilos capilares nesta dissertação descritos, o “rasta” é o estilo que possui mais discriminação e isto ocorre devido a circunstâncias expostas, como a imaginada – por muitas pessoas - falta de higiene. Da mesma forma, por não possuir a mesma diversidade de penteados que as tranças apresentam, e como constata Sansone (2002), os cabelos dos rastas ou *dreadlocks* já foram quase considerados sinais de maluquice.

3.2 CABELO E A BOA APARÊNCIA PARA O TRABALHO/ FESTAS/ MUSEU TREZE DE MAIO/ CARNAVAL

Para uma melhor organização e entendimento deste tema, separei as mulheres em três tipos: as alisadas, as crespas que realizam manipulações químicas e/ou aplicação de mega hair, e as crespas “naturais” e trançadas.

3.2.1 Alisadas

As mulheres alisadas descritas neste estudo não encrespam os seus cabelos, seja para ir ao trabalho ou aos ambientes de sociabilidade negra. Mariane, por exemplo, sempre utilizou o cabelo liso, seja para ir aos ensaios de escola de samba ou às aulas do mestrado de enfermagem na UFSM e, agora no doutorado do mesmo curso na UFRGS.

No máximo as alisadas realizam um babyliiss⁷⁴ nas pontas, mantendo a raiz lisa, como é o caso de Ananda e Lilian. Nas apresentações da Companhia do Samba, Ananda comparecia com cachos formados por um babyliiss apenas nas pontas dos cabelos e na sua formatura, além disso, também estava de mega hair. Lilian sempre utilizou os cabelos presos no ambiente de trabalho, devido às normas exigidas para os profissionais da área da saúde. Nesse caso, o cabelo liso é mais prático para prender, e também pode estar associado a um cabelo mais arrumado e associado à boa aparência para o trabalho. No carnaval (ambiente onde atua como compositora), comparece aos ensaios da escola de samba e aos eventos do ambiente carnavalesco de cabelo liso ou com leves cachos nas pontas, também formados através da utilização do babyliiss.

⁷⁴ Babyliiss: é um aparelho que serve para formar ondas ou cachos nos cabelos.

Mari e Mauren possuem casos similares, pois ambas são profissionais de educação física e, mesmo diante desta profissão, que não é propícia para quem alisa os cabelos, pois o cabelo alisado não fica com o mesmo efeito ao praticar treinos e/ou aulas de atividade física, elas realizam manipulações de alisamento.

Mauren também atua como dançarina de bandas musicais, realizando shows que duram em média duas horas e, do mesmo modo, o cabelo alisado também não fica da mesma forma devido à transpiração resultante do ato de dançar. Mesmo diante desse “empecilho”, ela comparece em todas as apresentações de cabelo liso. Além do mais, embora em 2014 tenha ministrado oficinas de axé no Museu Treze de Maio, onde prevalecem os crespos e as tranças, continuou utilizando manipulações de alisamento e esteve lisa em todas as aulas que ministrou neste ambiente de sociabilidade negra. É perceptível que Mauren possui uma extrema admiração pelo cabelo liso, pois mesmo diante de todos os fatores contrários a sua escolha por utilizar este tipo de manipulação capilar ela não modificou em nenhum momento seu estilo de cabelo.

Como já foi descrito no primeiro capítulo, Mari trabalha no Avenida Tênis Clube, local frequentado por um grande número de pessoas brancas e, portanto, o estilo de cabelo vigente em seu meio social é o liso. No entanto, Mari também é Musa da Escola de samba Mocidade das Dores e mesmo diante deste posto em uma escola de samba, local onde as detentoras de títulos geralmente possuem cabelos crespos ou cacheados, ela continua a alisar o cabelo.

Isto é, independente dos locais em que Mari e Mauren comparecem, como o ambiente de trabalho (academias), Museu Treze de Maio e Escolas de Samba, elas continuam usando o cabelo liso.

A partir disto, concluo que as alisadas não utilizam manipulações capilares com o intuito de ficarem com os cabelos crespos, nem ao menos para ir a um lugar de sociabilidade negra, como se verifica em outros casos, como o uso dos turbantes nos eventos do Museu Treze de Maio. Mesmo diante da imposição de que a mulher negra não deve alisar o cabelo, por parte do Movimento Negro e, sobretudo, das crespas, percebo uma segurança dessas mulheres em utilizar o cabelo liso em todos os tipos de ambientes. Essa confiança está ligada ao fato do padrão vigente ter sido o cabelo liso por um longo período de tempo e ainda ser considerado em muitos ambientes e circunstâncias, uma vez que o processo de assumir o cabelo crespo recentemente começou a ser seguido. Também pode estar associado a outros fatores, como: o desejo dessas mulheres em terem um cabelo comprido, pois cabe explicitar que o cabelo liso mostra o real comprimento (não conta com fator encolhimento); e a boa

aparência para o trabalho, pois nos ambientes de trabalho ainda há o conceito de que o cabelo belo e arrumado é o liso.

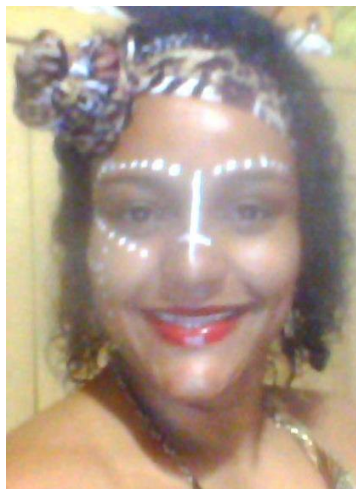
No salão da Angelita, essas mulheres são vistas como detentoras de cabelos bonitos, pois neste ambiente prevalece o uso do cabelo alisado. No Museu Treze de Maio, embora vistas como mulheres belas, o seu estilo capilar é polemizado, visto que as pessoas perguntam: “Porque não deixa o seu cabelo crespo? Tá bonito assim, mas garanto que crespo ficaria mais ainda!” Ou ainda, quando não realizam essas perguntas, comentam a respeito do cabelo alisado da *fulana* ou da *cicrana* com demais frequentadores do Museu. Embora as escolas de samba sejam ambientes de sociabilidade negra, é perceptível que neste ambiente há mais brancos do que nos ambientes anteriormente citados e por este motivo esse dilema já não é polemizado, considerando essas mulheres como comuns.

3.2.2 Crespas com manipulações químicas e/ou aplicação de mega hair

Muitas mulheres alisadas e/ou que utilizam mega hair, após frequentar os ambientes de sociabilidade negra, mudam o estilo do seu cabelo, geralmente para os crespos e/ou tranças. Jamaica e Anelise são mulheres relevantes para este estudo, pois mesmo inseridas no Museu Treze de Maio e conseqüentemente no Movimento Negro santa-mariense, continuam a usar manipulações químicas e mega hair. Ambas não eram apenas frequentadoras do Museu, mas mulheres que possuíam uma relevância neste espaço, dada a sua atuação de ativista do movimento negro. Desde a revitalização do Museu Treze de Maio, Jamaica atuou como colaboradora. E Anelise, após entrar na Cia do Samba, atuou como organizadora do Camafeu 2013 e também como apresentadora do Fesman em 2014, sendo que neste dia, Anelise utilizou um turbante e maquiagem afro (Figura 56). Jamaica vai aos diferentes lugares – escola de samba, Museu Treze de Maio, Unipampa - com o mega hair crespo e decorrente de manipulações químicas - solto, preso, ou com coque.

Anelise sempre utilizou manipulações de relaxamento e comparece nos locais com o cabelo com cachos miúdos e poucos volumosos, ou com escova. A mesma já utilizou tranças, porém apenas em uma pequena parte da cabeça e para ir ao Fesman, no Museu Treze de Maio, um ambiente de sociabilidade negra.

Figura 56 - Anelise no Fesman.



Fonte: Arquivo pessoal de Anelise.

Letícia Prates manipula os seus cabelos quimicamente com relaxamento, ou seja, atenua um dos seus traços negroides, mas comparece aos locais, como as aulas da Cia do Samba e o Co-rap com o cabelo solto enfatizando um “volume” e utilizando turbantes, panos e outros adereços. Percebo como os cachos definidos ainda são considerados o tipo de cabelo crespo ideal, pois mesmo uma integrante do Movimento Negro, de religião de matriz africana e frequentadora de variados ambientes de sociabilidade negra não sente-se confortável para utilizar o seu cabelo natural. No entanto, entendo que as mulheres podem negociar e experimentar várias formas de identidade e isso pode ser revelado com as diferentes manipulações dos cabelos.

No caso de Anelise e Letícia Prates é perceptível uma diferença dos tipos de manipulação para ir a determinados locais, visto que nos lugares de sociabilidade negra destacam os seus traços negroides e quando não comparecem a esses ambientes, os atenuam. Jamaica não muda o seu estilo capilar, permanecendo com o crespo que é o tipo de cabelo característico das pessoas negras, e que para ela continua a ser, independente do uso do mega hair ou de manipulações químicas. Mesmo que esteja atenuando os traços negroides, na sua perspectiva, ela está dentro da conjuntura da negritude, pois é “crespa”. Tatiéle comparece em todos os lugares que frequenta - igreja, trabalho e faculdade - com o cabelo solto – cachos miúdos e pouco volume - e isso tem relação com as críticas que recebeu quando utilizou o cabelo natural, mesmo relatando que pensa em tentar mais uma vez usar o cabelo natural.

Mulheres como Anelise e Letícia Prates são mulheres que experimentam diferentes formas de identificações/identidades de acordo com o contexto em que estão inseridas, pois

destacam e atenuam os traços da negritude em momentos que elas consideram apropriados para tal.

Percebo que essas quatro mulheres (Jamaica, Tatiele, Letícia e Anelese) apreciam a estética negra, mas possuem uma dificuldade em assumir determinados traços fenóticos da negritude, como é o caso do cabelo. Isto está correlacionado aos conceitos estéticos do cabelo que foram apreendidos em toda sua história de vida, em suas redes de sociabilidade, assim como as múltiplas identidades vivenciadas, uma vez que a identidade não é fixa e sim relacional (BARTH, 2000), pois pode ser negociada e experimentada de acordo com situações que melhor lhe convir e só pode ser entendida e explicada nas diferentes interações sociais.

Alguns frequentadores do Museu Treze de Maio consideram que devido a elas não realizarem manipulações de alisamento, já estão em conformidade com o Movimento Negro, enquanto outros as criticam em função de as mesmas utilizarem manipulações químicas e/ou mega hair e assim, atenuarem os traços da negritude. No salão da Angelita essas mulheres não são criticadas, uma vez que a especialidade da mesma é a realização de manipulações químicas – principalmente alisamento e relaxamento - e aplicação de mega hair. Nas escolas de samba essas mulheres não enfrentam preconceito, sobretudo, porque neste ambiente há um ideal da mulher com um cabelo crespo, solto e longo, mas não como um black power. É o exemplo do cabelo da Jamaica, visto que as passistas das escolas de samba do Rio de Janeiro em sua maioria possuem cabelos dessa maneira. Da mesma forma que a negritude brasileira sofre influência da Bahia no que concerne a cultura afro-brasileira, os sambistas brasileiros são influenciados pelo Rio de Janeiro, uma vez que Salvador e o Rio de Janeiro são considerados matrizes da cultura afro-brasileira e do samba, respectivamente.

É importante ressaltar o sentido da palavra relaxamento nesse contexto capilar, pois ele remete a uma atribuição de suavidade e descanso ao cabelo crespo e conseqüentemente alude ao mesmo um conceito de asperidade, o que demonstra um preconceito com as características fenóticas dos negros.

3.2.3 Crespas “naturais”

Primeiramente cabe salientar que o conceito de crespa natural utilizado nesse trabalho inclui a utilização de colorações, por motivos que foram descritos no início deste capítulo. As mulheres crespas naturais descritas neste estudo possuem estilos e histórias distintos umas das outras.

Daniele é estudante de educação física e comparece com os cabelos presos ou soltos e sempre crespos em todos os ambientes que frequenta, seja academias, faculdade, Museu Treze de Maio e escolas de samba. Houve um tempo em que a Daniele realizava seguidamente escova - manipulação capilar que mostrava o real comprimento do seu cabelo -, porém faz tempo que não a realiza. Percebo que o cabelo natural e longo em uma negra causa fascínio nas pessoas, pois devido ao fator encolhimento, é difícil de encontrar uma mulher negra com o cabelo comprido, bem como a maioria do público feminino que deseja visualizar seus cabelos na cintura utiliza mega hair. No entanto, embora surpresas e encantadas com o comprimento do seu cabelo, as pessoas diziam a Daniele que ele fica mais bonito crespo. Acredito que o fato de Daniele participar da Companhia de Dança Euwá Dandaras e, por conseguinte, do Movimento Negro santa-mariense, motivo principal pelo qual essas pessoas preferiam este estilo de cabelo, não realizou mais manipulações de escova. No entanto, em uma foto recente que tirou para a sua formatura, ela aparece com os cabelos escovados e com cachos suaves nas pontas (Figura 57).

Figura 57 - Daniele nas fotos pra formatura



Fonte: Arquivo pessoal de Daniele

Mesmo que algumas mulheres utilizem o cabelo crespo em todos os ambientes que frequentam, em um evento formal, como é o caso de uma formatura, as mesmas preferem adotar um cabelo escovado - como a Paola em sua colação de grau (Figura 58) – ondulado, ou no máximo cachos suaves. Nos ambientes mais formais ainda se exige um cabelo sem volume com uma raiz lisa, e como relata Figueiredo:

[...] a relação do cabelo com a “boa aparência” ou a atitude de “tornar-se mais bonito” ocorre na medida em que o cabelo crespo é tido como duro, feio e requer de algum modo, uma interferência para melhorá-lo, para mudar a sua aparência.

Nesse sentido, existe a possibilidade de se modificar a aparência física, através da manipulação do cabelo. (FIGUEIREDO, 1994)

Prova disso é o capelo, chapéu de formatura que não valoriza o cabelo afro e a maioria de penteados utilizados em bailes, em que é necessário primeiramente escovar os cabelos para depois fazer um coque, babyliiss ou algo similar. Além disso, o cabelo crespo natural, sobretudo o caso de Daniele que possui um cabelo com cachos definidos, embora seja considerado bonito, ainda não é julgado próprio para situações mais formais, o que corrobora a vigência de uma estética eurocêntrica. Há uma deficiência de penteados apropriados para cabelos crespos, que ressaltem a sua beleza sem a necessidade de escová-los e, no entanto, o mesmo é propício para o uso de diversos tipos de penteados como, coques e tranças.

Figura 58 - Paola de tranças quando fez as fotos para a formatura e de cabelo liso na colação de grau.



Fonte: Arquivo pessoal de Paola.

Figura 59 - Geanine na formatura.



Fonte: Arquivo pessoal de Geanine.

Com base nisso, penso que o movimento negro, bem como os adeptos do cabelo crespo, tem muitas barreiras para enfrentar e avançar acerca da utilização do cabelo afro.

Devido ao fato citado suponho que muitas pessoas que possuem e gostam do cabelo crespo, optam por utilizar cabelos escovados na sua formatura. Porém ressalto o caso de Geanine que em sua colação de grau estava de tranças (Figura 59), uma vez que o capelo não prejudica a utilização destas. Todas as mulheres têm a possibilidade de utilizar tranças em sua formatura, porém Geanine é uma exceção, visto que a maioria opta escovar o cabelo. No entanto, cabe salientar que Geanine é uma que se diferencia da maioria da militância feminina

santa-mariense, pois suas posições e seus discursos, embora contundentes, são considerados desafiadores se formos compará-la com a sociedade negra santa-mariense em geral.

Luana Prates utiliza o cabelo crespo na maioria dos lugares que frequenta, como o Museu Treze de Maio, centro da cidade e o Co-Rap. De vez em quando prende o cabelo e faz um cola ou coque, além de também usar penteados ligados à moda das negras americanas dos cliques e cantoras de rap e hip hop, como, por exemplo, usar turbantes ou uma parte (geralmente a franja) do cabelo lisa, que segundo Luana, é feita com chapinha, pois ela diz não utilizar manipulações químicas no cabelo. Considero que a mesma não seja fascinada pelo cabelo liso, mas sim, uma seguidora das tendências e penteados das cantoras negras americanas, uma vez que observei um estilo diferente não só em seu cabelo, mas também em suas roupas.

Da mesma maneira que Daniele, Preta (Ariane Paz) vai à escola de samba e comparecia no Museu Treze de Maio com o cabelo preso ou solto e sempre crespo, porém nunca a vi com o cabelo escovado. Há alguns anos, fez um big chop nos seus cabelos e explicitou que o motivo pelo qual cortou o seu cabelo foi por ele estar danificado. Embora o fato de utilizar o seu cabelo crespo natural ou trançado seja uma propaganda para a sua profissão, em razão de Preta ser trançadeira e manipuladora do cabelo crespo e conseqüentemente conviver com este tipo de cabelo no seu meio social, a aceitação do seu próprio cabelo seja mais simples em relação a outras mulheres negras.

Eveline, Letícia Ignácio, Giane e Geanine usam o black power em todos os lugares que frequentam, mas cabe salientar que seus cabelos diferem do de Preta, Luana e Daniele, pois são mais crespos e volumosos e resultam no que é considerado como o legítimo black power. Por esse motivo são exceções, não nesta dissertação, a qual aborda ambientes de sociabilidade negra, mas onde se observa uma maior miscigenação. Com ressalva de Letícia Ignácio – que pertence a uma geração mais recente -, todas as mulheres citadas possuem ligação com o Movimento Negro, o que implica a utilização do cabelo natural.

No Museu Treze de Maio essas mulheres são consideradas autênticas e elogiadas pela atitude em utilizar o cabelo natural, e, por conseguinte, aceitar os seus traços negroides. Muitas vezes são ditas como exemplo por integrantes do movimento que anseiam que as mulheres recém inseridas neste espaço utilizem o cabelo natural. Nas escolas de samba são vistas com menos preconceito, pois embora que não estejam enquadradas no padrão capilar ideal das escolas de samba, estão em um ambiente de sociabilidade negra, onde sabe-se que os crespos são características da negritude.

Esse estilo capilar é o que sofre maior preconceito, visto que na universidade, locais de trabalho e até mesmo nas ruas, essas mulheres são vistas com estranhamento e vítimas de deboche. Por este motivo, muitas mulheres optam por manipular os seus cabelos com produtos químicos.

Percebo que o preconceito existe independente de classe social, uma vez que muitas pessoas não têm um entendimento acerca do cabelo afro mesmo nos ambientes de sociabilidade negra e por isso podem atuar com discriminação contra as pessoas que possuem este tipo de cabelo.

3.2.4 Trançadas

Embora as mulheres trançadas possam fazer vários penteados, elas não têm a possibilidade de mudar a estrutura do fio capilar mesmo que momentaneamente, como fazer um babyliiss ou uma escova. Portanto, elas comparecem aos lugares que frequentam com o mesmo estilo, pois embora tenham feito algum penteado diferente, continuam a ser trançadas e assim não causam uma considerável mudança. Acredito que este fato pode ser um motivo de as tranças serem apenas e geralmente uma fase na vida dessas mulheres, pois elas enjoam estar com o mesmo visual, como relata Paola. O que corrobora essa assertiva é o fato de algumas das mulheres pesquisadas nessa dissertação já terem tido sua “fase de trançada” como o caso de Jamaica, Eveline, Ariane e Tatiele. As mulheres trançadas são minoria, não somente nos ambientes de sociabilidade em geral, como também nos de sociabilidade negra, sendo que é mais fácil encontrar mulheres lisas, cacheadas e crespas do que trançadas.

Atualmente no Museu Treze de Maio as mulheres trançadas recebem o mesmo tratamento que as crespas, ou seja, são tratadas como mais autênticas, pois as tranças são consideradas uma marca da negritude. Nas escolas de samba são consideradas comuns, pois, assim como a trança é um traço da negritude, em sua maioria estão com os cabelos longos, como geralmente as passistas utilizam.

Acredito que no salão da Angelita já haveria um estranhamento em relação ao black power e as tranças, não porque as clientes não conheçam este estilo de cabelo, mas porque não faz parte do tipo de manipulação capilar que a cabelereira realiza.

3.3 CABELO E BOA APARÊNCIA PARA O TRABALHO

Nesta dissertação já foram descritos alguns fatos sobre a relação do estilo capilar das mulheres com o trabalho, no entanto, cabe salientar que há poucos negros nos locais onde as mulheres pesquisadas trabalham. Segundo Souza (2008), nas cidades brasileiras está em curso uma desvantajosa inserção no mercado de trabalho para as mulheres negras. Essa força de trabalho sofre com o maior índice de desemprego e com os mais baixos salários (SOUZA, 2008).

Diante da prevalência do cabelo de raiz lisa, observado na maioria das mulheres brancas, dificilmente as alisadas sofrem discriminação acerca do seu cabelo nos locais de trabalho, uma vez que estão tentando enquadrar-se no padrão capilar dominante. O cabelo liso está ligado aos ambientes profissionais, sobretudo aos que exigem mais cuidado com a aparência. Nesses locais, muitas vezes as mulheres utilizam cabelos puxados e coques, e o cabelo black power é o oposto desse estilo capilar por ser, principalmente, volumoso. Além disso, o cabelo preso e puxado é associado à limpeza por não deixar que fios caiam no ambiente de trabalho, especialmente na área da saúde, como é o caso de uma das mulheres pesquisadas, a Lilian, técnica em enfermagem. Bem como o crespo com manipulações químicas, relaxamento e permanente afro, o cabelo liso é mais aceito em determinados ambientes de trabalho porque está associado em alguns ambientes de trabalho à representação de uma mulher com mais cuidado com sua aparência. De acordo com Figueiredo (1994), ser negro significa mais uma barreira nos mecanismos de seleção para vagas de emprego. Portanto, as pessoas tentam escamotear seus traços negroides, como o cabelo crespo, no anseio de conseguir uma vaga de emprego. Como me relataram Tatiéle e Paola, caso fossem a uma entrevista de emprego, não iriam com um black power.

Após estas, cito as crespas com manipulações químicas e/ou mega hair que não completamente, mas também estão tentando enquadrar-se no estilo considerado ideal e por isso enfrentem menos discriminação que as crespas naturais e trançadas, porém mais que as alisadas. O cabelo liso é considerado ideal em alguns ambientes de trabalho, assim o cabelo crespo em ambientes de sociabilidade negra, como o Museu Treze de Maio. Por isso, mulheres que utilizam manipulações capilares químicas - e que eu chamo de meio-termo - como, por exemplo, Letícia Prates, conforme citei anteriormente, manipulam o seu cabelo de modo que possam jogar com diferentes identidades, já que nas relações entre posição social e aparência, esta última surge como algo passível de ser transformado (GIACOMINI, 2006).

No que concerne às trançadas e crespas, é importante lembrar que essas mulheres são estudantes, como são os casos de Eveline e Geanine. Cito as duas por possuírem o black power e não um crespo menos volumoso e mais solto como o de Daniele, pois seu estilo

capilar não é vigorosamente um alvo da discriminação. Cabe salientar que este fato pode estar relacionado à força de movimentos da negritude no âmbito estudantil, como o Coletivo Afronta⁷⁵, da Universidade Federal de Santa Maria, e as ações afirmativas destinadas a alunos negros. Essa conjuntura proporcionou um ambiente que aceita mais os cabelos com os tipos de manipulação que enfatizam os traços negroides, bem como uma vigilância sobre ações racistas. Além disso, há o fato da sociedade saber que racismo é crime, e a mídia enfatizar essa informação. Porém, no momento em que as crespas entram no mercado de trabalho, sobretudo as black power, podem deparar-se com um preconceito por parte dos chefes, colegas e/ou clientes, visto que no ambiente de trabalho a discriminação é mais explícita, principalmente, quando o trabalho exige relacionamento com a clientela.

A escolha por determinado estilo capilar tem conexão com o ambiente ou pretensão de trabalho. No entanto, este fato depende, sobretudo, do entendimento e significado que cada mulher possui em relação ao seu cabelo, visto que a mulher que aceita o seu cabelo crespo natural e conhece as questões que estão envoltas no cabelo afro estará mais preparada para enfrentar o preconceito.

3.5 CABELO E PENTEADOS EM DETERMINADOS ESPAÇOS: O MUSEU TREZE DE MAIO, AS ESCOLAS DE SAMBA, AS BALADAS E SOLENIDADES

“Vamos enegrecer!”, disse Nei D’Ogum na abertura do pré-fesman em 2013. Nos eventos do Museu Treze de Maio é perceptível a vontade de africanizar dos negros santamarienses, e a estética é uma das maneiras de enfatizar a negritude, pois como afirma Gilroy (2001), a estética negra está relacionada a uma resistência negra e a uma forma de unificação dos negros espalhados pelo Atlântico Negro. Os turbantes aparecem dos mais variados estilos, mas dessa vez são maiores e mais coloridos do que os utilizados no dia-a-dia. Observei batas coloridas, maquiagens carregadas, sendo que algumas destas fazem menções às pinturas africanas e, sobretudo, o volume capilar com grande destaque.

Nos dias de eventos do Museu Treze de Maio há um ritual de reafricanização estética das mulheres pesquisadas, pois elas comparecem ao Museu com uma aparência “africanizada”, ou seja, passaram por um ritual de preparação que envolve tempo e habilidade. Nestes eventos, os negros que moram - assim como os oriundos - em Santa Maria

⁷⁵ Coletivo Afronta: O Coletivo Afronta é um movimento estudantil em prol da afirmação da identidade negra formado por acadêmicos de diferentes cursos da UFSM desde 2010.

encontram-se e são tiradas muitas fotos, posteriormente postadas nas redes sociais com descrições, como: “sou negro sim!”.

Semelhante a Santos (2009), no grupo pesquisado também foi verificado uma identidade de performance, observada sobretudo na Companhia de Dança Euwá Dandaras. Na Companhia do Samba, isto foi visto apenas em raras coreografias, mas este fato ocorre devido ao samba estar ligado à brasilidade e miscigenação, como discorro posteriormente. Como a Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras evoca a cultura afro-brasileira, é realizado um ritual semelhante ao da preparação para os eventos do Museu Treze de Maio, visto que antes da performance propriamente dita há também um ritual de reafirmação com pinturas no rosto, turbantes, batas e todos esses objetos que caracterizam a negritude e fazem referência a África.

Nos ensaios das escolas de samba não aparecem adereços capilares com evidência, visto que as pessoas comparecem como estão no dia-a-dia. Há uma melhor preparação quando há um evento, como a apresentação das rainhas da escola, e estas surgem com maquiagens brilhosas e roupas de carnaval; mas neste ambiente, o cabelo, e conseqüentemente os penteados, não tem grande proporção.

As mulheres pesquisadas vão a “balada” de cabelo solto independente do estilo, como Daniele e Lilian; porém nesses ambientes não é percebido um grande número de black powers.

Quanto às comemorações que exigem mais formalidade, como casamentos, formaturas e bailes, o cabelo crespo é visto raramente. Nos dias destas ocasiões também há um ritual de beleza, mas desta vez é a preparação das mulheres para ocasiões mais formais em que atenuam-se os traços negroides. Neste caso, as mulheres que não possuem condições para ir a um salão de beleza unem-se na casa de uma delas, fazem escova ou algum penteado umas nas outras, assim como a maquiagem. Geralmente, em cada grupo familiar ou de amigas existe uma “entendedora” que é a cabeleireira e maquiadora, bem como a dirigente do ritual.

Os rituais que descrevo neste estudo têm objetivos diferentes. Primeiramente citei o ritual da beleza, do sábado à tarde quando as mulheres se arrumam para apresentarem uma boa aparência durante a semana ou para aplicar produtos capilares químicos umas nas outras; ou seja, este primeiro ritual é apenas uma manutenção da beleza. Em um segundo momento, citei o ritual de africanização estética do Museu Treze de Maio, em que o propósito é ir a um evento no local com as características mais africanas possíveis; portanto, neste ritual o sentido é enegrecer e africanizar. Ao contrário, no último ritual citado, que tem o propósito que as mulheres se arrumem para comparecer a ocasiões que exijam mais formalidade, a função,

mesmo que involuntária - pois entendo que as mesmas queiram estar enquadradas nos padrões da sociedade -, é desafrikanizar ou embranquecer.

A partir dos rituais descritos acima percebe-se que, longe de serem vistos como tarefas árduas ou desagradáveis, os cuidados com a aparência são lembrados como momentos prazerosos, gratificantes (GIACOMINI, 2006). Nesta dissertação, vinculei mais especificamente a boa aparência *versus* trabalho, mas cabe explicitar que o conceito de boa aparência também abrange, sobretudo, a posição social, visto que os acessórios, o calçado, o penteado, assim como as posturas corporais estão associados à mesma (GIACOMINI, 2006). Já que a aparência é passível de mudança, as pessoas podem realizar determinadas modificações com o intuito de estarem inseridas em determinados espaços, bem como de aparentarem possuir uma posição social.

O cabelo das mulheres negras sofre uma tentativa de embranquecimento à medida que os ambientes em que estas estão tornam-se espaços com menos negros. Quando o evento é voltado para a sociabilidade negra, como no caso do Museu Treze de Maio, há uma reafricanização. Porém, nas escolas de samba essa africanização já não é percebida visto que embora estes sejam ambientes frequentados por muitos negros, há um número maior de brancos, inclusive alguns com cargos de importância. A atenuação dos traços negroides, como o cabelo, inicia-se nas baladas e com os relacionamentos, os quais discorrerei posteriormente. Nas festividades mais importantes, as características da negritude sofrem a maior tentativa de atenuação.

Embora ambos sejam ambientes de sociabilidade negra, há diferença entre as escolas de samba e o Museu Treze de Maio, pois as escolas de samba sofrem uma influência do Rio de Janeiro e o Museu Treze de Maio, de Salvador. Sansone enfatiza essa africanização da Bahia:

[...] a Bahia funciona como o oposto do Rio. No Rio de Janeiro, a manipulação, numa multiplicidade de formas, é vista como aquilo que constitui a espinha dorsal da criatividade cultural negra: os desfiles carnavalescos, apesar de extremamente comercializados e hierarquizados, ainda comemoram a mistura (sincretismo), o empréstimo e até a miscelânea cultural como inteligentes e belos, podendo a combinação deles resultar na conquista do primeiro lugar. [...] Assim, de certo modo, os porta-vozes dos negros, no Rio de Janeiro, voltam os olhos para a Bahia como a principal fonte da pureza africana, enquanto os porta-vozes dos negros da Bahia voltam os olhos para a África como a principal fonte de inspiração e legitimação do papel da Bahia como a Roma Negra das Américas. No Rio, a cultura negra tem sido reificada e mercantilizada, sobretudo em torno do carnaval, enquanto, na Bahia, mais ou menos na mesma época, desde os anos vinte até os anos cinquenta, a cultura negra foi construída como uma cultura religiosa e mercantilizada sobretudo em torno do universo simbólico do sistema religioso afro-brasileiro e de seus “objetos” africanos (SANSONE, 2003, p.106).

A partir disso, entendo que no Rio de Janeiro prevaleça uma brasilidade e na Bahia uma africanidade. Nas escolas de samba de Santa Maria há uma perceptível miscigenação. Isto está relacionado ao fato de que o samba é um espaço brasileiro em que o negro se destaca e não um espaço negro, isto é, o samba congrega brasileiros de todas as matizes e não agrega somente os negros (GIACOMINI, 2006). Em contrapartida, no Museu Treze de Maio os brancos são, em grande parte, apenas apreciadores.

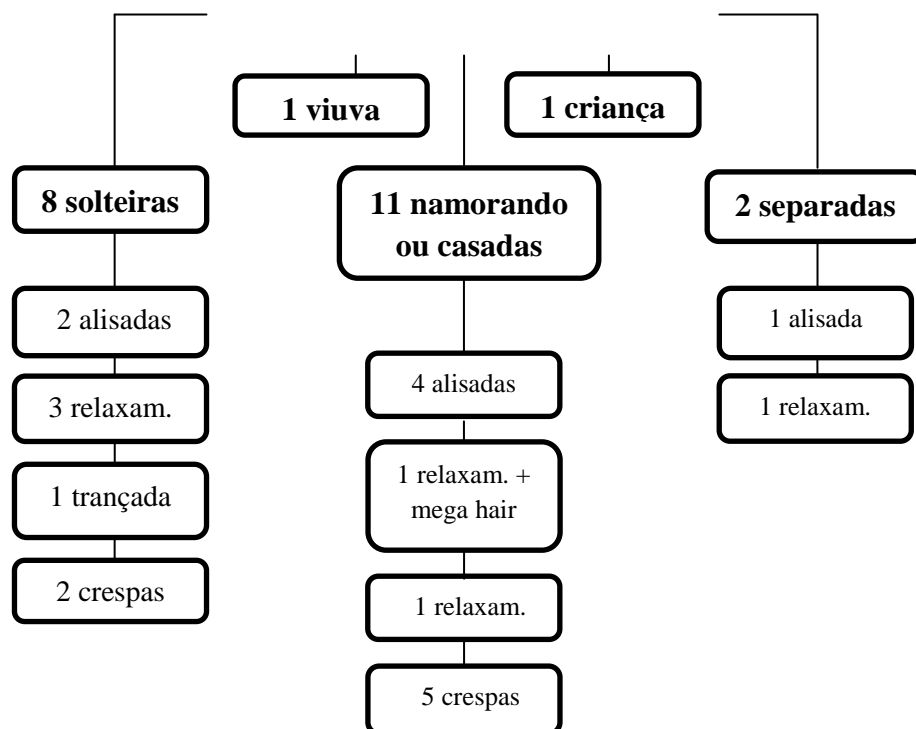
3.6 CABELOS E RELACIONAMENTOS

Por considerar que a manipulação capilar pode estar ligada com a expectativa e/ou procura pelo parceiro ideal, julgo que seria considerável abordar essa questão, visto que um dos fatores mais relevantes nas vidas das pessoas são os relacionamentos, pois eles dão suporte ao enfrentamento dos problemas da vida, como descreve Souza:

a importância dos relacionamentos interpessoais para o alcance de um nível satisfatório de qualidade de vida é hoje cada vez mais evidente. São vários os autores que destacaram a importância da manutenção do suporte social para que o indivíduo enfrente as situações de crises inerentes à vida e ao desenvolvimento da pessoa (SOUZA, 2008, p. 107).

Para explicitar melhor as mulheres pesquisadas *versus* relacionamentos, realizei um organograma (Figura 60):

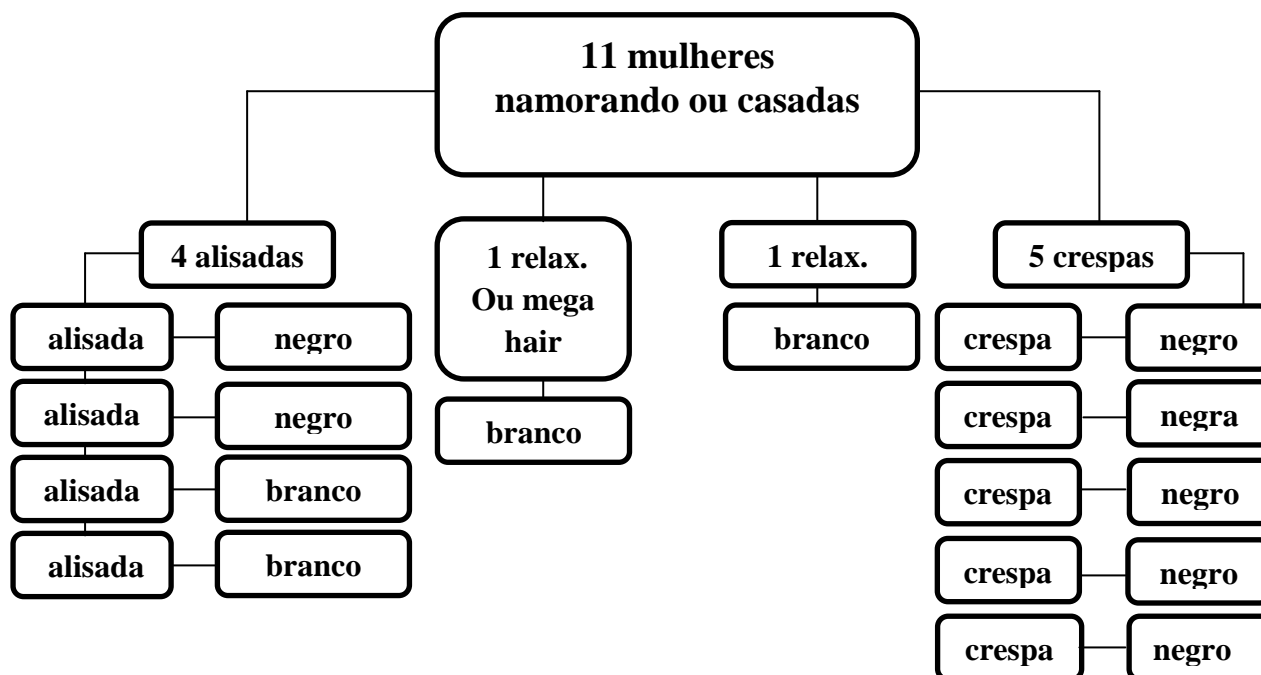
Figura 60 – Mulheres pesquisadas por relacionamento.



Fonte: Elaboração da autora.

Percebe-se que neste estudo o estilo capilar não é um fator determinante para o mercado matrimonial, tendo em vista a existência de mulheres alisadas e crespas, tanto solteiras, quanto em um relacionamento amoroso. No entanto, para um melhor entendimento de como se estabelecem os relacionamentos amorosos nesta pesquisa, considero relevante levar em conta a escolha por parceiros negros ou brancos das mulheres pesquisadas (Figura 61):

Figura 61



Fonte: Elaboração da autora.

Percebe-se que dentre as entrevistadas, a maioria possui relacionamentos com negros: 5 crespas e duas alisadas. Bem como em relação ao parceiro amoroso ser branco, encontram-se no grupo pesquisado: duas alisadas e duas crespas com uso de manipulação química.

A partir disso percebe-se que a maioria dos parceiros amorosos das mulheres do presente estudo são negros. São estas: cinco crespas e duas alisadas. Acredito que este resultado se deva também ao local da pesquisa de campo, pois todas as crespas que possuem um relacionamento amoroso frequentavam o Museu Treze de Maio, que é um ambiente de sociabilidade negra. Considero que se um dos locais do presente estudo fosse, por exemplo, uma empresa de negócios, talvez o resultado fosse outro, uma vez que considero que a reclamação das mulheres negras com relação aos homens negros escolherem as brancas seja uma questão pertinente nesse estudo. Como Souza (2008) e algumas mulheres do presente estudo descrevem: “Os negros não querem saber das negras! Eles só querem saber das brancas!”, disseram duas mulheres entrevistadas. Juliana Gonçalves em uma postagem chamada “Afetividade Negra”, no blog “Mulher Negra” resume o livro “Virou Regra” de Claudete Souza enfatizando que, segundo a autora, a preferência do homem negro pela mulher branca pode estar ligada ao:

[...] desejo de ascensão social projetada e uma relação inter-racial, que faria o homem negro escolher a mulher branca; a interiorização do “embranquecimento” da família numa tentativa de negação da sua origem e, por fim, o desejo construído (social e midiaticamente) em torno da mulher branca. (SOUZA, 2008)

No entanto, Frantz Fanon (2008) na obra *“Pele Negra, Mascaras Brancas”* mostra que essa tentativa de embranquecimento também é verificada nas mulheres negras ao preferir um parceiro branco. Neste estudo, o autor evidencia a sensação de inferioridade que os negros - homens como mulheres -, possuíam em relação aos brancos por volta da década de 1950 na França. A partir de então, tentam apropriar-se de muitos aspectos da cultura europeia para assemelhar-se ao branco, como, por exemplo, o fato de apoderar-se da língua francesa e abandonar a crioula, bem como, possuir essa exacerbada preferência em adquirir um relacionamento com uma pessoa da pele branca. Atualmente vivemos outra perspectiva em que os negros lutam pelo reconhecimento da sua autenticidade, como, a utilização do cabelo natural e estudos étnicos, como os de Claudete Souza acerca dos relacionamentos intra-raciais. No entanto, acredito que este sentimento de inferioridade dos negros em relação aos brancos, assim como o racismo no Brasil, seja mascarado e penso que através da estética, no caso, o cabelo, possa ser uma maneira de esta inferioridade ser demonstrada.

É importante frisar aqui a repercussão que o trabalho de Souza teve nos grupos de discussões sobre relações raciais e de gênero. Parece que esse tema, até então pouco trabalhado nos estudos sobre relações raciais, trouxe à tona alguns anseios e queixas de mulheres negras sobre seus relacionamentos e sobre sua solidão. É o que percebo entre algumas das minhas entrevistadas, que além de seguirem esse blog, publicam postagens como esta em suas redes sociais:

A Mulher negra e o Feminismo

Esse conto não é de amor.

Eu conhecia um guri negro que era também um grande militante do movimento, ele era independente, tinha um discurso lindo de liberdade, era realmente uma pessoa especial. Ele namorava uma guria negra também militante, ela era feminista, inteligente e não tinha medo de falar o que pensava. Eles se entendiam bem, combinavam em quase tudo, até torciam pro mesmo time. Ela amava ele e ele dizia que amava ela, pareciam que estavam na mesma página, mas ninguém realmente sabia.

Volta e meia ele dizia que não acreditava em namoro, vivia inventando desculpas e não assumia ela. Então um dia esse guri disse que precisava de um tempo, a guria deu o tempo dele pensando que aquilo iria até fazer bem, quem sabe ele depois disso a assumiria.

Mas um mês depois ele assumiu, mas não ela, ele assumiu um namoro com outra menina, branca, quietinha, bonita, que não fazia parte de nada que ele fazia, mas mesmo assim dizia que tinham uma coisa que ele não sabia explicar. Ele dizia que o amor não escolhe, que não tem cor... Quando o amor chega a gente não entende, ele dizia que não tem nada de razão nisso tudo.

Eu queria que essa fosse a história de só uma amiga negra, mas enquanto escrevia lembrei de umas quatro, ou cinco. Eu sei muito bem que isso não é e nunca será sobre amor (Autor desconhecido).

Esse tipo de queixa é recorrente entre as mulheres da geração de 20 a 30 anos que fazem parte desse estudo. Isto mostra o quanto as mulheres negras sentem-se prejudicadas em relação ao mercado amoroso. Na mesma postagem, outra mulher do grupo pesquisado escreveu o seguinte comentário: “Isto é um fato sim... E sabe que também já passei por algo parecido. Isso acontece e muito, #tristerealidade”. Do mesmo modo que o texto acima, Souza (2008) também relata que muitos militantes do movimento negro têm relacionamentos amorosos com mulheres brancas. Mas esta é uma questão a ser refletida. Lutar em prol dos direitos de uma negritude e de uma igualdade racial está vinculado a ter um parceiro amoroso negro? A matéria de Juliana Gonçalves (no blog Mulher Negra) que cito nesta dissertação, possui o título “Porque beijar sua preta em praça pública é um ato de resistência”. Essa matéria faz alusão ao livro “Virou Regra” de Claudete Souza, oriundo da sua dissertação acerca da solidão da mulher negra. Cabe salientar que esse discurso de “eles só querem saber das brancas” também é visto no âmbito masculino, pois muitos homens negros conceituam as mulheres negras que possuem um parceiro amoroso branco como “branqueiras”. Entendo que para um militante do movimento negro, ver uma família ou casal negro gera um sentimento de orgulho. No entanto, estamos no Brasil, um país totalmente mestiço.

De acordo com Souza (2008), o anseio das mulheres brancas pelos homens negros se deve a minoria de homens brancos na população, e assim, estas passam a pretender os homens negros e a concorrer com as mulheres negras. Refiro-me a uma concorrência com as mulheres negras, pois no estudo de Souza (2008) a maioria das mulheres negras afirmou ter uma preferência pelo homem negro. Nesta dissertação, essa escolha pela cor do parceiro mostrou o fator geracional, pois as mulheres mais novas (menos de 20 anos) falaram que tanto faz o parceiro ser branco ou negro. Em contrapartida, as mulheres a partir dos 25 anos disseram preferir os homens negros, mas enfatizam que eles não as querem: “Eu tenho preferência por homens negros, mas eles não olham pra mim, daí agora tanto faz”, disse uma das mulheres entrevistadas, a qual está inserida na faixa dos 30 anos. Portanto, percebo que um dos motivos de algumas mulheres realizarem manipulações químicas capilares, bem como utilizar mega hair, de forma que assim possuam características semelhantes às mulheres brancas, é com o propósito de encontrarem ou manterem um parceiro amoroso, como relata uma das mulheres entrevistadas:

Acredito que muitas mulheres negras sim alisam seus cabelos para entrar dentro do padrão branco europeu de estética da mulher branca e assim não ter que passar por tantas dificuldades em se relacionar. Mas isso, como sabemos, são fases da nossa vida e só vamos nos dar conta do engodo que isso representa às vezes muito tarde e do quanto os nossos cabelos são lindos e poderosos! (mulher negra, 47 anos, estudante de pós-graduação)

Neste estudo percebe-se também que as mulheres que tem parceiros brancos realizam manutenções químicas no cabelo. Logo, pergunto-me: será que se essas mulheres utilizassem o seu cabelo natural, teriam parceiros brancos? Considero que a mulher negra no Brasil ainda é muito ligada a construção do imaginário da mulata (GIACOMINI, 2006), aquela mulher de quadris largos, que tem um gingado e cabelos cacheados ou até mesmo crespos, mas compridos. Ao evocar a mulher negra, vincula-se a denominação de mulata e, por conseguinte, as curvas do corpo da mulher e sua corporeidade, visto que a imaginação de que a mesma possui essa estética e ginga está relacionada ao samba e a dança afro-brasileira.

A mulata evoca uma sensualidade e sexualidade exacerbadas, legitimadas por uma narrativa tradicional sobre a formação da nacionalidade e do povo brasileiro (GIACOMINI, 2006). Cabe salientar que a denominação mulata percorre significados diferentes, pois mulata é o cruzamento do branco com o negro. No entanto, as mulheres negras passistas são denominadas por muitas vezes mulatas e ainda segundo Giacomini (2006), a mulata era entronizada no panteão dos símbolos pátrios para evocar o extrafamiliar – experiências pré ou extraconjugais do homem branco. A meu ver a definição de mulata, também é utilizada para “amenizar” a palavra negra, como se ao enunciar a palavra ‘negra’, as pessoas estivessem depreciando a mulher negra. Isto é verificado em muitas vezes em que a mulher negra recebe elogios, como: “Que mulata”! (ver texto *Mulata Exportação* – p 75-76). As mulheres que se denominam negras e possuem uma cor mais clara geralmente são caracterizadas como morenas ou mulatas. Morena seria a mulher clara que possui o cabelo comprido, mas mulata remete a outras circunstâncias, não só ao cabelo, mas a outras características físicas. Nas redes sociais há muitas postagens em que as mulheres discursam: “não sou morena, sou negra!” (Figura 62).

Acredito que as mulheres negras enfrentam preconceito em relação ao seu cabelo inclusive pelos homens negros, como Souza (2008) relata. No entanto, mesmo diante disso, penso que essa escolha pelo homem negro está ligada ao fato de compartilharem um sentimento de negritude ligado a uma ancestralidade comum, a qual remete a escravidão. E como o cabelo é um sinal diacrítico da negritude, ele aproxima, nesse caso, a mulher negra do homem negro, e vice versa. A partir disso, penso que a mulher negra que tem um parceiro

branco preocupa-se mais com essa diferença capilar entre ambos e este talvez seja um dos motivos para que elas utilizem manipulações químicas nos cabelos, pois as mulheres brancas possuem o cabelo liso (ao menos na raiz) e as manipulações de alisamento, relaxamento e mega hair possibilitam que a mulher negra tenha este estilo capilar.

Quanto às mulheres que já vivenciam um relacionamento, caso queiram parar de utilizar manipulações químicas no cabelo tentam evitar o big chop, como o caso de Ananda, que está em fase de transição, visto que o cabelo curto remete a masculinidade. Neste caso, as tranças são mais aceitas, principalmente por possibilitar um cabelo longo, pois como afirma Paola: “os homens me acham mais bonita de trança.”

A situação da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento de sua realidade vivida no período da escravidão com poucas mudanças, pois ela continua em último lugar na escala social e é aquela que mais carrega as desvantagens do sistema injusto e racista no país (SILVA, 1999). E isso é visto no depoimento de uma das minhas entrevistadas:

A mulher negra tem uma imensa dificuldade de se relacionar amorosamente, pois os afetos, o carinho, a amorosidade sempre foi a ela negado. Isso sempre foi privilégio das mulheres brancas. Às mulheres negras sempre foi direcionado uma única possibilidade de ser a outra, no máximo a amante. Tem aquele ditado infeliz, racista e preconceituoso e que faz parte do imaginário de muitos homens... Mulher branca para casar e mulher negra para foder! Cruzes! (mulher negra, 47 anos, pós-graduada).

Por outro lado, nesta dissertação entrevistei mulheres negras que ascenderam socialmente, sobretudo no que concerne aos estudos: três são formadas em cursos de graduação, duas tem mestrado, três são estudantes de doutorado e uma possui doutorado. Dentre as citadas, 4 são solteiras. Todavia, como descrito anteriormente, as mulheres que realizam queixas acerca dos relacionamentos amorosos estão inseridas na faixa de 25 a 35 anos e neste caso, são escolarizadas. A partir disto, percebo que uma das explicações destas reclamações acerca da solidão é que à medida que as mulheres se escolarizam, elas possuem mais dificuldades de contraírem relacionamentos estáveis, pois tornam-se mais exigentes. Para as mulheres mais novas deste estudo isso é mais simples, pois ainda não estão em curso de graduação, bem como são menos exigentes.

Para uma das entrevistadas a preferência dos homens negros pelas mulheres brancas está relacionada ao machismo, pois os mesmos não admitem estar com uma mulher negra que possui mais poder econômico e cultural que eles:

A medida que as mulheres negras avançam socialmente e academicamente, mais solitárias elas ficam, pois muitos homens negros passam a vê-las como uma barreira, alguém inatingível. E é óbvio que devido o machismo dos homens negros uma mulher negra com mais poder econômico e cultural do que eles os afasta (mulher negra, 47 anos, pós-graduada).

Portanto, pelos anseios e queixas das minhas entrevistadas, penso que a escolarização pode sim ser uma barreira para os relacionamentos de mulheres negras com homens negros. No entanto, não é somente o homem negro que se sente ameaçado por uma mulher mais escolarizada, mas também a mulher negra escolarizada se torna mais exigente. Ela almeja um parceiro em igualdade de condições, tanto no que se refere à escolaridade e profissão, quanto, e sobretudo, ao que se refere à posturas mais igualitárias nas relações de gênero entre os parceiros.

No início do século XX houve o fortalecimento da ideia de um Brasil miscigenado que propicia o branqueamento populacional. Essa miscigenação era fruto do intercuro sexual e afetivo entre negros, índios e brancos, presentes nas relações sociais do cotidiano (SOUZA, 2008). Essa ideia de branqueamento existe até os dias atuais, pois para alguns homens negros, caso eles tenham filhos com mulheres brancas irão “branquear” a família. Uma das mulheres entrevistadas me explicou que sua preferência por homens negros está ligada a sua lembrança do tempo da escravidão, além de questionar a escolha de parceiros de outra etnia:

Não tenho dúvida nenhuma. Minha opção são os negros! Adoro homens negros! (risos) Já tive oportunidade de me relacionar com homens brancos, mas nunca tive uma relação de fato com um homem branco. Quando era mais jovem e sem nenhuma consciência negra, até tive um princípio de espécie de atração, mas que não deu em nada. Hoje, para mim uma relação com um homem branco me faz lembrar a relação senhor de escravo e estupro da mulher negra. Talvez um pensamento esquizofrênico meu, mas é assim que vejo e encaro as relações inter-étnicas. Sei, a psicologia explica isso perfeitamente e temos estudado isso nos grupos de estudos que tenho oportunidade de participar. São as nossas fobias e a forma desumana como foi construída a nossa história e as relações entre brancos e negros. Karen, outra coisa... quando vejo uma relação de uma mulher negra com um homem branco ou vice-versa, penso nas questões econômicas e no quanto o capital cultural e financeiro continua a favor do branco que historicamente sempre esteve no poder. E quando deixamos de escolher nossos pares negros, deixamos de avançar nesse sentido. Quando uma mulher negra ou um homem negro avançam socialmente geralmente casam com brancos e o processo de branqueamento vai ganhando mais e mais força, deixando novamente de empoderar as famílias negras! (Mulher Negra, 47 anos, pós-graduada)

Analisando o depoimento acima, cabe salientar que se trata de uma ativista negra, que passou por um processo de reflexão da sua condição racial e de gênero, pois se dedicou ao

trabalho acadêmico ligado às ciências humanas; ou seja, em toda a sua trajetória de vida sempre esteve presente a reflexão dessa condição de mulher negra.

Não estou aqui para afirmar se os homens negros preferem ou não as mulheres brancas, assim como cabe salientar que eles possuem a sua liberdade de escolha e, além disso, é inviável falar em absolutismo negro em um país que é e sempre foi miscigenado. No entanto, é notável o fato de que muitos homens negros, principalmente os que ascenderam socialmente, preferam mulheres brancas, e de acordo com Souza (2008) é mais fácil encontrar um homem negro com uma mulher branca do que o contrário.

Considero que os parceiros, embora coadjuvantes no cenário capilar de suas mulheres, possuem um papel importante nas escolhas de suas companheiras, pois acredito que mesmo mediante a um avanço da luta por igualdade de gênero nos dias atuais, a maioria das mulheres só realizaria uma mudança estética brusca, como um big chop por exemplo, com o incentivo, apoio, ou ao menos a aceitação dos seus companheiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha principal aspiração em realizar um estudo sobre o cabelo da mulher negra está estritamente ligada à minha história enquanto mulher negra. Como já foi descrito neste estudo, o cabelo possui significados singulares para cada tipo de pessoa, bem como está ligado ao fato de poder especificar um grupo, atuando como um sinal diacrítico. No entanto, para a mulher negra, sobretudo desde o início do século XX até os dias atuais, o cabelo mostra uma luta por um lado contra o preconceito e por outro contra a imposição de como este deve ser utilizado. O homem também passa por essa ressignificação capilar, mas considero que para a mulher o cabelo possui um papel mais relevante, sobretudo pelo fato do cabelo estar associado à feminilidade.

Essa dissertação discorreu acerca das diferentes formas de manipulação do cabelo da mulher negra – alisamento, relaxamento, permanente afro, mega hair, tranças e crespos naturais - ligadas às múltiplas identidades vivenciadas por elas. Os movimentos sociais, sobretudo o movimento black power criado nos Estados Unidos no fim da década de 60 e início de 70, estão imbricados nesta questão. A partir desse movimento ativista, surgiram movimentos similares no Brasil, como a música Soul nos anos precedentes ao primeiro desfile do Ilê Aiyê em Salvador (PINHO, 2005) e o movimento Soul no Rio de Janeiro no início da década de 70 (GIACOMINI, 2006). Esses movimentos colaboraram para o que alguns autores aqui já citados chamaram de um processo de reafrikanização. Este, por sua vez, teve maior proporção na Bahia, estado considerado como o que há de mais africano na diáspora e que tem como ícone o bloco afro Ilê Aiyê, que busca em suas letras a autoestima e o orgulho negro. Autores como Sonia Giacomini, Patricia Pinho, Livio Sansone, Osmundo Pinho, dentre outros, realizaram estudos sobre esse processo – retomando o movimento black power até o processo de reafrikanização na Bahia. Esse contexto propiciou o aumento do meu entendimento sobre as diferentes formas de manipulação do cabelo afro influenciadas pela música estrangeira e pelo consumo de objetos associados a uma estética e performance negra. Através da leitura dos autores que discorro nesse estudo e do meu trabalho de campo, percebi que a estética, a música e a resistência negra estão associadas. Gilroy (2001), em seu livro *O Atlântico Negro* mostrou que os negros da diáspora reivindicavam suas vivências e seus anseios através da música. Mais tarde, Pinho (2004) enfatizou como isso também aconteceu no bloco africano Ilê Aiyê; porém, neste caso, conjuntamente a uma estética negra, pois as músicas reverenciavam não somente a África, mas também os traços negroides, fomentando

assim o orgulho negro. No livro *Alma da Festa*, Giacomini (2006) mostra como a música e a estética estão interligadas, sobretudo no terceiro capítulo, intitulado *A (Re)invenção da negritude*, onde demonstra através do movimento *soul* como a estética negra, roupas, sapatos, mas principalmente o *black power* estão ligados a este estilo musical.

Optei por realizar o estudo em dois ambientes em que as mulheres negras circulavam em Santa Maria-RS: o salão da Angelita e o Museu Treze de Maio. Durante o trabalho de campo percebi que a maioria das mulheres transitavam nos dois ambientes, apesar de estarem mais vinculadas a um deles.

As mulheres que frequentam o salão da Angelita são em maioria mulheres negras e vão ao salão com o intuito principal de alisar, relaxar e colocar mega hair. As mulheres pesquisadas nesse ambiente são de estratos médios, mas mesmo assim muitas delas possuem mais poder aquisitivo do que a maioria das mulheres negras. Ainda ressalto que algumas clientes da Angelita eram conhecidas no mundo carnavalesco, sendo detentoras de títulos de carnaval.

No Museu Treze de Maio o cenário era mais familiar, e neste caso precisei de um enfrentamento maior para compreender muitas circunstâncias. Isso se deu pela minha intimidade com o Museu em função de ter sido aluna da Companhia de Dança Afro Euwá Dandaras durante dez anos, bem como coordenadora da Companhia do Samba, durante dois. Todavia, como descrito neste estudo, fui cliente da Angelita durante três anos e esse foi o principal motivo para realizar a pesquisa de campo em seu salão, visto o conhecimento de que a Angelita era uma entendedora das manipulações de alisamento, relaxamento e mega hair no cabelo afro.

As mulheres do Treze, em sua maioria, passaram pela fase de transição, fase em que a mulher deixa de manipular os cabelos quimicamente para utilizá-los naturalmente. Hoje, o Museu Treze de Maio está interditado, mas há pouco tempo atrás, quando ainda estava aberto, eram observadas muitas mulheres crespas “naturalmente”. Coloco entre aspas, pois o conceito de cabelo natural para as mulheres negras pode ser o de um cabelo com colorações. As poucas mulheres que não utilizavam os cabelos naturais ou tranças eram tidas muitas vezes como “não autênticas”, bem como vítimas de um preconceito mascarado. Ou seja, as mulheres crespas são as que sofrem maior preconceito da sociedade em geral; contudo, esse preconceito nos dias atuais é atenuado pela força dos movimentos ativistas negros e pelas leis que promovem uma igualdade racial. Em contrapartida, as mulheres alisadas sofrem uma pressão do Movimento Negro para assumirem seus crespos naturais.

Cabe salientar que o Movimento Negro não é homogêneo. Pelo que esse estudo demonstrou, a pressão para que as mulheres assumam seus crespos naturais não é consenso dentro do movimento. Uma das entrevistadas, uma intelectual orgânica importante do Movimento Negro da geração mais velha, considera que o mesmo já ultrapassou a fase de impor as escolhas das pessoas negras, do mesmo modo que julga que a luta por uma igualdade racial está além de questões estéticas. Enfim, ao longo de alguns relatos de mulheres negras apareceu o desejo por cabelos longos e também por manipulações capilares que envolvessem química para definir mais os cachos dos seus cabelos crespos. O desejo individual de manipular o cabelo para definir melhor os cachos é recorrente entre as mulheres negras tanto da minha pesquisa quanto de grupos que observei na internet. Além disso, cabe salientar que mesmo as alisadas tão criticadas pelos movimentos ativistas negros se consideravam negras e tinham orgulho disso. Mediante esses dados, me questiono o quanto esse desejo é importante para essas mulheres e o quanto isso não as torna menos negras. Estariam essas mulheres se embranquecendo? Ao contrário disso, elas afirmavam que sentiam orgulho da sua negritude, e algumas delas se envolveram em movimentos e/ou ações que promoviam a igualdade racial. Por este motivo, cabe explicitar que o entendimento e aceitação da beleza dos cabelos crespos envolvem muitas circunstâncias, além de um processo longo.

No decorrer de grande parte desta dissertação, mostrou-se que a variável geracional explica em parte algumas escolhas, pois as mulheres mais velhas possuem dificuldades em utilizar o cabelo natural e as que utilizam passaram por um processo longo de aceitação deste. Em contrapartida, as mulheres de 20 a 30 anos são as que mais passaram por um processo de transição. Para as mulheres mais novas pesquisadas, a escolha de assumir o cabelo crespo natural não necessariamente está ligada a sua atuação em movimentos e/ou coletivos que lutam pelas causas negras, e estas mulheres sentem-se mais à vontade para utilizá-lo. Isso pode ser explicado pelo processo de valorização da negritude, das reivindicações do Movimento Negro e do processo de reafrikanização nas últimas décadas. O Movimento Negro buscou implementações de leis e direitos em prol de uma igualdade racial; no entanto, a reafrikanização também possui um papel relevante neste contexto. Esta, por sua vez, promove a autoestima e orgulho negro – *Negro é Lindo* - sem necessariamente reivindicar direitos e igualdade racial, contudo utiliza-se da música, da dança e da estética. A partir desse contexto e da forma como a mídia incorporou tal estética negra nas novelas e em produtos de consumo, atualmente a utilização do cabelo afro natural é mais valorizada.

Pelos resultados desse estudo, a geração mais nova do Movimento Negro santamariense, que possui uma atuação importante em alguns grupos organizados e vinculados ao Treze de Maio possui uma posição mais radical quanto a manipulação do cabelo com química, pois pensa que dessa forma atenuam-se os traços negroides, já que tanto o alisamento, como o relaxamento e o permanente afro faz com que o cabelo das mulheres negras fique parecido com o das mulheres brancas. No geral, a mulher branca possui pelo menos a raiz do cabelo lisa, e quando cacheada ou até mesmo crespa, possui cachos definidos. Essas manipulações químicas capilares propiciam que o cabelo bem crespo (geralmente encontrado nas mulheres negras) fique liso ou com cachos definidos como o das mulheres brancas. Sobretudo para, a geração mais jovem do Movimento Negro, o cabelo afro sem química deve ser considerado belo, assim como considera que a valorização da estética negra seja uma das melhores maneiras de lutar contra o racismo e a desigualdade racial.

Observou-se a ausência de profissionais especialistas em cabelo crespo e, portanto, os rituais de beleza que eu denomino como manutenções de beleza, são executados em casa por amigas e/ou familiares que manipulam o cabelo uma da outra, bem como fazem serviços de manicure.

Além disso, observei neste estudo um “ritual de africanização” e um “ritual de pré-solenidades”. No primeiro, as mulheres do Museu Treze de Maio preparavam-se para os eventos do local o mais africanas possível, visto que em eventos como o Fesman foi observado um processo similar ao da reafricanização. Com o ritual pré-solenidade ocorreu o contrário: uma tentativa de embranquecimento, mesmo que involuntária, pois nas festas solenes são quase que impostos penteados não propícios para o cabelo afro, como no caso das formaturas e casamentos.

A partir de então observei que as mulheres alisadas não modificam muito a sua estrutura capilar para ir a determinados lugares. As crespas que realizam manipulações químicas, consideradas por mim “meio termo”, são as mulheres que mais experimentam diferentes tipos de manipulação e costumam ir a diferentes lugares com distintos estilos de cabelo. Ao fazerem isso, também estão manipulando diferentes identidades. Portanto, entendo que a manipulação do cabelo afro permite a essas mulheres “jogarem” com determinados contextos em que podem acentuar ou atenuar os seus sinais da negritude. No caso do cabelo, isso foi visto quando os manipulam para ir aos eventos no Treze e formaturas. No primeiro caso, acentuam sua negritude, e como demonstrei, passam por um processo de “reafricanização”; no segundo caso, escovam seus cabelos, atenuando a sua negritude.

Constatei que as mulheres que realizam manipulações químicas no cabelo e/ou colocam mega hair geralmente vão a salões de beleza, sobretudo por considerar que essas manipulações exigem mais responsabilidade em função da possível quebra dos fios capilares. Em contrapartida, as trançadeiras geralmente realizam o seu trabalho a domicílio ou até mesmo na rua, pois essa manipulação capilar é considerada mais artesanal e caso seja realizada erroneamente não provoca danificação do cabelo. Ainda saliento que o mega hair é visto como uma tentativa de embranquecimento por grande parte do Movimento Negro e as tranças, mesmo que utilizadas como apliques, da mesma maneira que o black power são vistas como símbolos de uma identidade negra, não somente sob o olhar do movimento, mas também de entrevistadas que não estão ligadas diretamente com o ativismo negro.

A boa aparência para o trabalho também foi um ponto discutido neste estudo, visto que o cabelo considerado ideal para os ambientes de trabalho não é o crespo. Como a aparência é passível de ser modificada, muitas mulheres amenizam seus traços negroides em momentos que estas julguem necessário. Por exemplo, algumas das entrevistadas relataram que não iriam a uma entrevista de trabalho com um black power.

Em relação ao mercado matrimonial, a maioria das mulheres do presente estudo possui um relacionamento estável, sendo que os seus parceiros são em maior número negros. Observou-se que as mulheres negras que possuem um parceiro branco realizam manipulações químicas capilares e, portanto, acredito que talvez os seus relacionamentos amorosos expliquem o porquê de suas escolhas capilares. Quanto às solteiras, resalto as lamentações de algumas mulheres em relação à solidão e à preferência dos homens negros pelas mulheres brancas. No entanto, essas queixas estão mais presentes nas mulheres de 25 a 35 anos, as quais são escolarizadas, e acredita-se que por este motivo possam estar sozinhas já que, a medida que se escolarizam, tornam-se mais exigentes em relação a um parceiro amoroso.

Com base em todas essas questões consegui compreender o contexto capilar e suas significações. Percebi que o Movimento Negro tem um papel relevante em torno do cabelo crespo e, do mesmo modo, observei que as mulheres que utilizam manipulações químicas defendem-se ao enunciar que possuem sua liberdade de escolha. O cabelo pode estar relacionado à historicidade e vivência dessas mulheres, aos relacionamentos amorosos e aos lugares que estas frequentam. Neste estudo pude ter uma percepção de como o cabelo atua com cada mulher entrevistada, bem como com os grupos e ambientes pesquisados.

Considero que este trabalho pôde ampliar o conhecimento de questões étnicas a partir da estética negra, visto que através dela é possível compreender com mais consideração as relações raciais e as escolhas individuais.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. **Distúrbios identitários em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: Mana, vol. 7, nº 2, p. 7-33, outubro, 2001.
- ALMEIDA, Armando. **A contracultura e a política que o Ilê Aiyê inaugura: relações de poder na contemporaneidade**. Tese de Doutorado em Cultura e Sociedade – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- BACELAR, Jéferson. **Etnicidade: ser negro em Salvador**. Salvador: Pemba/Ianamá, 1989.
- BARTH, Fredrik. Os Grupos Étnicos e suas Fronteiras. *In: O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBERON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicas**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. São Paulo: Revista de Antropologia, vol 39, nº 1, p. 13-37, 1996.
- COUTINHO, Cassi Ladi Reis. **A estética dos cabelos crespos em Salvador**. Dissertação de Mestrado em História Regional e Local, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2010.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes da. **Corações Rastafari: lazer, política e religião em Salvador**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.
- DAMATTA, Roberto. **O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DURKHEIM, Emile. **Representações individuais e representações sociais**. In: Sociologia e Filosofia. São Paulo: Ícone, 1994.
- DURKHEIM, Émile. **Sociologia e Filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1970.
- FAGUNDES, Raphaela M. **Penteado Afro: Cultura, identidade de profissão**, 2007. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttCD_CHAVE=281>. Acesso em: 20/05/2010.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FARIAS, Patrícia. **Corpo e Classificação de Cor Numa Praia Carioca**. In: GOLDENBERG, Miriam. (Org.). **Nu & Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- FELIX, Sayara de Brito. **Cabelo bom, cabelo ruim: A construção da identidade afrodescendente na sala de aula**. Revista África e Africanidades, ano 3, nº 11, novembro 2010.

FIGUEIREDO, Ângela. **Beleza Pura: Símbolos e economia ao redor do cabelo negro.** Monografia de Graduação em antropologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.

FONSECA, Claudia. **Quando cada caso NÃO é um caso:** pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação. [online], nº.10, p. 58-78, 1999.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A Alma da festa.** Família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro, o Renascença Clube. Belo Horizonte: Ed UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro:** modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes; Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GOMES, Ana Paula Pereira. **O negro em propagandas televisivas de produtos de higiene e beleza:** reformulações da imagem e produtos de beleza. XXX Reunião da Anpocs, Caxambu, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz:** corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, vol. 29, nº. 1, p. 167-172, jan/jun 2003.

GONÇALVES, Juliana. **Afetividade Negra** – por que beijar sua negra em praça pública é um ato de resistência. Disponível em <<http://monicaaguiarsouza.blogspot.com.br/2013/06/afetividade-negra-por-que-beijar-sua.html>> Acesso em: 15 mai. 2015.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade.** Tradução de Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª edição, 1. reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HANCHARD, Michael. **Orfeu e o poder:** o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945 – 1988). Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001.

LODY, Raul. **Cabelos de Axé:** Identidade e resistência. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004.

MACEDO, Márcio José. **“Quero uma nega de cabelo duro”.** 2011. Disponível em: <<http://newyorkibe.blogspot.com.br/2008/08/quero-uma-nega-de-cabelo-duro-texto.html>>. Acesso em: 03 dez. 2013.

MONTEIRO, Artemisa Odila Conde. **O processo de construção da identidade negra em Teresina:** o caso do grupo afro-cultural Coisas de Nego. Dissertação de Mestrado em estudos étnicos e africanos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

NOGUEIRA, Mara Natércia. **O samba:** contando a história do Brasil. 2006.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem.** *In:* Tanto preto quanto branco. São Paulo: TA Queiroz, 1985.

PENA, Eveline da Silva. **Cia de Dança Afro Euwá Dandarás:** um estudo sobre a re (construção) do pertencimento identitário e étnico em jovens negras da cidade de Santa Maria/RS. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

PEREIRA, João Babtista Borges. **Diversidade e pluralidade:** o negro na sociedade brasileira. Rev. USP n°.89 São Paulo mar./maio, 2011

PINHO, Osmundo de Araújo. **Etnografias do brau:** corpo, masculinidade e raça na reafrikanização em Salvador. Revista Estudos Feministas, vol.13, nº 1, p.127-145, abr. 2005.

PINHO, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia.** São Paulo: Annablume, 2004.

QUEIROZ, Renato da Silva; OTTA, Emma. Beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição da estética corporal. *In:* QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). **O corpo do brasileiro:** estudos de estética e beleza. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

RECHENBERG, Fernanda. **Imagens e trajetos revelados:** estudo antropológico sobre fotografia, memória e a circulação das imagens junto a famílias negras em Porto Alegre. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

RISÉRIO, Antônio. **Carnaval Ijexá.** Salvador: Corrupio, 1981.

SANSONE, Lívio. **Da África ao Afro:** uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX. Revista Afro-Ásia, vol. 27. p 249- 269, 2002.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem Etnicidade:** o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Salvador/Rio de Janeiro: EDUFBA, 2003.

SANTOS, Tanimara Elias. **Corporalidade e identidades políticas:** análise de elementos estéticos em mulheres negras do Distrito Federal. Monografia de Conclusão de Curso em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O negro no espelho:** imagens e discursos nos salões de beleza étnicos. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, vol.38, p. 49-65, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo.** São Paulo: Difusão européia do livro, 1965.

SILVA, Maria Nilza da. **Mulheres Negras:** o preço de uma trajetória de sucesso. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra:** sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

SIMÕES, Roberta Caldas. **Beleza natural, comunidade virtual e atores digitais.** Dissertação de Mestrado em Administração, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

TARDE, A. Marca registrada que dá trabalho. Salvador-Ba, 30 abril 2000, p.7.

WEBER, Lucinéia Inês. **Museu Treze de Maio:** Espaço de Memória e Identidade Negra em Santa Maria/RS. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

VELHO, Gilberto. 'Observando o familiar'. In: **Individualismo e Cultura.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

ANEXO A - Roteiro de questionário para entrevistas da pesquisa

Questões Básicas e Influências

- Nome –
- Idade –
- Aonde você nasceu (cidade, bairro) –
- Qual a sua renda mensal? E familiar?
- Escolaridade:
- Estudou em escola pública ou privada?
- Onde foi realizada (qual escola)?
- Como foi viabilizada (custeada) esta escolarização?
- Na sua infância e adolescência quais são ou eram os espaços freqüentados por você nos momentos de lazer e diversão? Eram espaços frequentados por jovens negros?
- Ensino superior? Instituição pública ou privada?
- Nessa instituição participou de alguma política social como, por exemplo, cotas ou financiamento estudantil?
- Como foi custeada a graduação? (mensalidade se for o caso, passagens ou gasolina, xerox, livros, etc)
- Nas escolas e universidades frequentadas por você, havia ou há muitas crianças/jovens negras? Como era o cabelo delas?
- Qual é sua religião? Você é praticante? Quais ritos que você costuma participar? Seus pais são dessa religião?
- Quais rituais/eventos/festas que você e sua família costumavam e costumam participar? Descreva:
- Seus pais tinham ou têm relações com o Treze de Maio?
- Quais são os espaços de sociabilidade que você frequenta?
- Na sua rede de amigos, salienta-se mais negros ou brancos?
- Você participou ou participa de alguma atividade ligada ao movimento negro? Explícite:
- Descreva o cabelo das mulheres da sua família (tias, primas, irmãs, etc), principalmente o da sua mãe, explicitando as técnicas de manipulação do cabelo que elas utilizam, assim como, cuidados com o cabelo no dia-a-dia:
- Resuma sua história de sua vida considerando a história familiar (pais, irmãos, origem social, ocupação dos pais, casamento/constituição de nova família/filhos – se for o caso).
- Descreva fisicamente uma negra bonita.
- Cite uma mulher negra famosa que você acha bonita:
- Qual o seu estilo musical predileto?
- Cantor (a) predileto (a):
- Você assiste novelas?
- Qual o seu programa de televisão preferido?
- Ressaltando a sua etnia, você sente-se representada nos programas de televisão, como, por exemplo, novelas, filmes, tele-jornais, entre outros?

Características Físicas

- O que distingue o(a) negro(a), do(a) branco(a), do(a) mestiço(a)?
- a) A cor
- b) O cabelo
- c) A cor e o cabelo

- d) A cor e os traços do rosto, por exemplo, nariz e boca.
- e) O cabelo e os traços do rosto, por exemplo, nariz e boca.

- Descreva como se caracteriza fisicamente:

- a) O sarará
- b) O mulato
- c) O moreno
- d) O branco
- e) O preto
- f) O negro

- Qual a sua cor?

- Você gostaria de mudar alguma de suas características físicas? Qual?

Seu Cabelo – Cabelo Natural

- Qual seu tipo de cabelo? Como você descreve o seu cabelo?

- Você prefere cabelos curtos ou compridos? Porquê?

- Você gosta do comprimento do seu cabelo? Qual o comprimento de cabelo que gostaria de ter?

- Que tipo de cabelo gostaria de ter?

- Como você cuida do seu cabelo no dia-a-dia?

- A Internet auxilia você a cuidar do seu cabelo? Explique:

- Conhece as expressões:

. Big Chop

. Twist

. Fator Encolhimento

- Está satisfeita com a venda de produtos para o cabelo afro? Encontra tudo o que quer? Explique:

- Conhece cabeleireiros que possuem total técnica e conhecimento para manipular o seu estilo de cabelo?

- A maioria das dicas para cuidados com o cabelo afro provém:

a) Cabeleireiros

b) Amigos que possuem o mesmo estilo de cabelo

c) Internet

d) Revistas

e) Vendedoras de lojas de cosméticos

- O que as pessoas pensam a respeito do seu cabelo:

a) Trabalho

b) Família

c) Ficante, Namorado (a), noivo (a), cônjuge

d) Amigos

- Você já utilizou produtos com química no seu cabelo? Por quanto tempo? Para qual finalidade?

() Permanente Afro () Relaxamento () Alisamento

- Se for o caso, por que você nunca utilizou produtos com química no seu cabelo?

- Caso tenha deixado de ter utilizado produtos com química, qual foi o motivo desta decisão?

- Têm vontade de fazer ou faz uma escova para ir a algum evento ou para simplesmente saber como ficaria, ou por outro motivo? Explique:
- Já utilizou (por quanto tempo) ou utilizaria mega hair em algum momento da sua vida?
- Você utilizaria ou já utilizou um mega hair de faixinha ou aplique (rabo de cavalo) para ir a algum evento?
- Você faria ou já fez um big chop (grande corte) no seu cabelo?
- O que você acha sobre as críticas em relação as mulheres negras alisarem o cabelo?
- Conte a história do seu cabelo:

Seu Cabelo – Cabelo com Química

- Considerando o seu cabelo natural, qual seu tipo de cabelo? Como você descreve o seu cabelo natural?
- Considerando o seu cabelo após a utilização de produtos com química, qual o tipo de cabelo no momento? Como você descreve o seu cabelo após a utilização de produtos com química?
- Você prefere cabelos curtos ou compridos? Porquê?
- Você gosta do comprimento do seu cabelo? Qual o comprimento de cabelo que gostaria de ter?
- Que tipo de cabelo gostaria de ter?
- Descreva a técnica e diga o que você acha da finalidade e do produto químico que é utilizado em seu cabelo:
- Por que você utiliza produtos com química no seu cabelo?
- De quanto em quanto tempo você realiza a manutenção de produtos com química no seu cabelo?
- Onde você realiza a manutenção de química do seu cabelo: em casa ou no salão?
- Caso utilize a manutenção de química do seu cabelo em casa, quem realiza esta manutenção?
- Como você cuida do seu cabelo no dia-a-dia?
- A Internet auxilia você a cuidar do seu cabelo? Explique:
- Conhece as expressões:
 - . Big Chop
 - . Twist
 - . Fator Encolhimento
- Está satisfeita com a venda de produtos para o seu estilo de cabelo? Encontra tudo o que quer? Explique:
- Conhece cabeleireiros que possuem total técnica e conhecimento para manipular o seu estilo de cabelo?
- A maioria das dicas para cuidados com o seu cabelo provém:
 - a) Cabeleireiros
 - b) Amigos que possuem o mesmo estilo de cabelo
 - c) Internet
 - d) Revistas
 - e) Vendedoras de lojas de cosméticos
- O que as pessoas pensam a respeito do seu cabelo:
 - a) Trabalho
 - b) Família
 - c) Ficante, Namorado (a), noivo (a), cônjuge
 - d) Amigos

- Você já utilizou outros produtos com química no seu cabelo? Por quanto tempo? Para qual finalidade?

() Permanente Afro () Relaxamento () Alisamento

- Caso tenha mudado de finalidade de manipulação química no seu cabelo, conte o porquê desta decisão:

- Há quanto tempo você utiliza o produto com química que está utilizando no momento?

- Caso tenha sido a primeira vez que tenha utilizado produtos com química, qual foi o motivo desta decisão?

- Você tem vontade de parar de utilizar produtos químicos no seu cabelo?

- Têm vontade de fazer ou faz uma escova para ir a algum evento ou para simplesmente saber como ficaria, ou por outro motivo? Explique:

- Já utilizou (por quanto tempo), utiliza ou utilizaria mega hair em algum momento da sua vida? Explique:

- Você utilizaria ou já utilizou um mega hair de faixinha ou aplique (rabo de cavalo) para ir a algum evento?

- Você faria ou já fez um big chop (grande corte) no seu cabelo?

- O que você acha sobre as críticas em relação as mulheres negras alisarem o cabelo?

- Conte a história do seu cabelo:

Seu Cabelo – Cabelo Trançado

- Qual seu tipo de cabelo sem as tranças? Como você descreve o seu cabelo sem as tranças?

- Como você descreve o seu cabelo com tranças (estilo, comprimento, cor, etc)?

- Você prefere cabelos curtos ou compridos? Porquê?

- Você gosta do comprimento do seu cabelo? Qual o comprimento de cabelo que gostaria de ter?

- Que tipo de cabelo gostaria de ter?

- Porquê você utiliza tranças no seu cabelo?

- Há quanto tempo você utiliza tranças no seu cabelo?

- Descreva as técnicas e diga quais as vantagens e desvantagens oferecidas pelo tipo de manipulação do seu cabelo, no caso, tranças?

- Onde você realiza a manutenção de tranças no seu cabelo: em casa ou no salão?

- Caso utilize a manutenção do seu cabelo em casa, quem realiza esta manutenção?

- Em qual intervalo de tempo você realiza manutenção das tranças?

- Como você cuida do seu cabelo no dia-a-dia?

- A Internet auxilia você a cuidar do seu cabelo? Explique:

- Conhece as expressões:

. Big Chop

. Twist

. Fator Encolhimento

- Está satisfeita com a venda de produtos para o cabelo afro? Encontra tudo o que quer? Explique:

- Conhece cabeleireiros que possuem total técnica e conhecimento para manipular o seu estilo de cabelo?

- A maioria das dicas para cuidados com o cabelo afro provém:

a) Cabeleireiros

b) Amigos que possuem o mesmo estilo de cabelo

c) Internet

d) Revistas

e) Vendedoras de lojas de cosméticos

- O que as pessoas pensam a respeito do seu cabelo:

- a) Trabalho
- b) Família
- c) Ficante, Namorado (a), noivo (a), cônjuge
- d) Amigos

- Você já utilizou produtos com química no seu cabelo? Por quanto tempo? Para qual finalidade?

() Permanente Afro () Relaxamento () Alisamento

- Se for o caso, por que você nunca utilizou produtos com química no seu cabelo?

- Caso tenha deixado de ter utilizado produtos com química, qual foi o motivo desta decisão?

- Têm vontade de fazer ou faz uma escova para ir a algum evento ou para simplesmente saber como ficaria, ou por outro motivo? Explique:

- Já utilizou (por quanto tempo) ou utilizaria mega hair em algum momento da sua vida?

- Você utilizaria ou já utilizou um mega hair de faixinha ou aplique (rabo de cavalo) para ir a algum evento?

- Você faria ou já fez um big chop (grande corte) no seu cabelo?

- O que você acha sobre as críticas em relação as mulheres negras alisarem o cabelo?

- Conte a história do seu cabelo:

Seu Cabelo – Mega Hair

- Porquê você utiliza Mega Hair no seu cabelo?

- Qual seu tipo de cabelo sem o mega hair? Como você descreve o seu cabelo sem o mega hair?

- Como você descreve o seu cabelo com Mega Hair (estilo, comprimento, cor, etc)?

- Você prefere cabelos curtos ou compridos? Porquê?

- Você gosta do comprimento do seu cabelo? Qual o comprimento de cabelo que gostaria de ter?

- Que tipo de cabelo gostaria de ter?

- Há quanto tempo você utiliza Mega Hair no seu cabelo?

- Descreva as técnicas e diga quais as vantagens e desvantagens oferecidas pelo tipo de manipulação do seu cabelo, no caso, Mega Hair?

- Onde você realiza a manutenção de Mega Hair no seu cabelo: em casa ou no salão?

- Caso utilize a manutenção de Mega Hair do seu cabelo em casa, quem realiza esta manutenção?

- Em qual intervalo de tempo você realiza manutenção das tranças?

- Como você cuida do seu cabelo no dia-a-dia?

- A Internet auxilia você a cuidar do seu cabelo? Explique:

- Conhece as expressões:

. Big Chop

. Twist

. Fator Encolhimento

- Está satisfeita com a venda de produtos para o seu estilo de cabelo? Encontra tudo o que quer? Explique:

- Conhece cabeleireiros que possuem total técnica e conhecimento para manipular o seu estilo de cabelo?

- A maioria das dicas para cuidados com o seu cabelo provém:

a) Cabeleireiros

b) Amigos que possuem o mesmo estilo de cabelo

c) Internet

- d) Revistas
- e) Vendedoras de lojas de cosméticos
- O que as pessoas pensam a respeito do seu cabelo:
 - a) Trabalho
 - b) Família
 - c) Ficante, Namorado (a), noivo (a), cônjuge
 - d) Amigos
- Você já utilizou produtos com química no seu cabelo? Por quanto tempo? Para qual finalidade?
 - () Permanente Afro () Relaxamento () Alisamento
- Se for o caso, por que você nunca utilizou produtos com química no seu cabelo?
- Caso tenha deixado de ter utilizado produtos com química, qual foi o motivo desta decisão?
- Têm vontade de fazer ou faz uma escova para ir a algum evento ou para simplesmente saber como ficaria, ou por outro motivo? Explique:
- Você faria ou já fez um big chop (grande corte) no seu cabelo?
- O que você acha sobre as críticas em relação as mulheres negras alisarem o cabelo?
- Conte a história do seu cabelo:

Seu Cabelo – Cabelo com Química e Mega Hair

- Há quanto tempo você utiliza produtos com química e Mega Hair no seu cabelo?
- Considerando o seu cabelo natural (sem aplicação de produtos com química e utilização de Mega Hair), qual seu tipo de cabelo? Como você descreve o seu cabelo natural?
- Considerando o seu cabelo após a utilização dos produtos com química e do Mega Hair, qual o tipo de cabelo no momento? Como você descreve o seu cabelo agora?
- Você prefere cabelos curtos ou compridos? Porquê?
- Você gosta do comprimento do seu cabelo? Qual o comprimento de cabelo que gostaria de ter?
 - Que tipo de cabelo gostaria de ter?
- Quais as vantagens e desvantagens oferecidas pelo tipo de manipulação do seu cabelo, no caso, o cabelo com a utilização de produtos com química + utilização do Mega Hair?
- Descreva a técnica e diga o que você acha da finalidade e do produto químico que é utilizado em seu cabelo:
 - Descreva a técnica e diga o que você acha da forma de manipulação que utiliza para o mega hair?
- Por que você utiliza Mega Hair e produtos com química no seu cabelo?
- De quanto em quanto tempo você realiza a manutenção de produtos com química no seu cabelo e do Mega Hair?
- Onde você realiza a manutenção de química do seu cabelo, assim como do Mega Hair: em casa ou no salão?
- Caso utilize a manutenção de química do seu cabelo e a utilização do Mega Hair em casa, quem realiza esta manutenção?
- Como você cuida do seu cabelo no dia-a-dia?
- A Internet auxilia você a cuidar do seu cabelo? Explique:
- Conhece as expressões:
 - . Big Chop
 - . Twist
 - . Fator Encolhimento
- Está satisfeita com a venda de produtos para o seu estilo de cabelo? Encontra tudo o que quer? Explique:

- Conhece cabeleireiros que possuem total técnica e conhecimento para manipular o seu estilo de cabelo?
- A maioria das dicas para cuidados com o seu cabelo provém:
 - a) Cabeleireiros
 - b) Amigos que possuem o mesmo estilo de cabelo
 - c) Internet
 - d) Revistas
 - e) Vendedoras de lojas de cosméticos
- O que as pessoas pensam a respeito do seu cabelo:
 - a) Trabalho
 - b) Família
 - c) Ficante, Namorado (a), noivo (a), cônjuge
 - d) Amigos
- Você já utilizou outros produtos com química no seu cabelo? Por quanto tempo? Para qual finalidade?

() Permanente Afro () Relaxamento () Alisamento
- Caso tenha mudado de finalidade de manipulação química no seu cabelo, conte o porquê desta decisão:
- Há quanto tempo você utiliza o produto com química que está utilizando no momento?
- Caso tenha sido a primeira vez que tenha utilizado produtos com química, qual foi o motivo desta decisão?
- Você tem vontade de parar de utilizar produtos químicos no seu cabelo?
- Têm vontade de fazer ou faz uma escova em seu cabelo:
- Você faria ou já fez um big chop (grande corte) no seu cabelo?
- O que você acha sobre as críticas em relação as mulheres negras alisarem o cabelo?
- Conte a história do seu cabelo:

Técnicas de Manipulação de Cabelo

Caso conheça:

- Diga o que você acha da utilização do cabelo natural? Quais as vantagens e desvantagens?
- Descreva a técnica e diga o que você acha do relaxamento? Quais as vantagens e desvantagens?
- Descreva a técnica e diga o que você acha do alisamento? Quais as vantagens e desvantagens?
- Descreva a técnica e diga o que você acha das tranças nagô? Quais as vantagens e desvantagens?
- Descreva as técnicas e diga o que você acha do mega hair? Quais as vantagens e desvantagens?
- Você considera as tranças nagôs um método natural ou artificial? Explique:
- Você considera o mega hair um método natural ou artificial? Explique:
- Qual o estilo de manipulação do cabelo afro citados que você acha que nos dias atuais está sendo mais utilizado?

Aparência e Trabalho

- O que você considera boa aparência?
- Qual a sua concepção da “boa aparência” exigida nos anúncios de jornais?
- Você já teve alguma dificuldade em conseguir emprego? Caso sim, você atribui este fato a aparência? Explique:

- Você já procurou trabalho que exigisse “boa aparência”? Você procuraria um trabalho que exigisse?
- Para você, alisar o cabelo pode melhorar a aparência? E as chances de conseguir trabalho?
- Para você, utilizar Mega Hair pode melhorar a aparência? E as chances de conseguir trabalho?
- Que tipo de trabalho você acha que exige mais “boa aparência”?
- Como é a “boa aparência” para os homens? E para as mulheres? É a mesma coisa? Existe alguma diferença? Explique:
- O que você considera mais importante para melhorar a aparência?
 - a) cabelo
 - b) pele
 - c) dentes
 - d) corpo em forma
 - e) roupas e sapatos

Relacionamentos

- Ressaltando apenas as características físicas, entre uma pessoa branca, mulata ou negra, qual seria seu par ideal?
- Ser negra pode ser um dificultador para um relacionamento amoroso? Explique:
- O estilo de cabelo pode ser um dificultador para um relacionamento amoroso? Explique:
- Qual estereótipo que você acha que um homem heterossexual procura para a realização de um relacionamento?
- Você acha que as mulheres que alisam o cabelo tem mais facilidade para iniciar um relacionamento amoroso?
- Você acha que as mulheres que utilizam Mega Hair possuem mais facilidade para iniciar um relacionamento amoroso?
- Você acha que a maioria dos homens heterossexuais negros se interessam por negras?
 - Mesmo no ano de 2014, com a ascensão e valorização do cabelo crespo caso utilizasse (ou utilize) um black power, você acha que alguém teria vergonha de assumir um relacionamento com você?
- Caso fizesse um big chop acha que alguém teria vergonha de assumir um relacionamento com você?
- Caso utilizasse, você acha que alguém teria vergonha de assumir um relacionamento com você devido a utilização de tranças nagô?
 - As pessoas do gênero masculino preferem que as mulheres utilizem cabelos compridos ou curtos?
- Algum namorado, noivo, marido ou ex, já pediu para que mudasse o estilo de cabelo? Porquê?
- Caso você tivesse filhos com o cabelo crespo você alisaria? Porquê?
- Você utilizaria tranças nagô no cabelo do seu (sua) filho (a)?

Cabelo e Lugares

- Como você arrumaria o cabelo para ir nos locais abaixo e diga o porquê:
 - a) Para ir a um casamento
 - b) Procurar trabalho
 - c) Para ir em um evento no Museu Treze de Maio ou em um ensaio de Escola de Samba
- Você acha que as pessoas arrumam o cabelo de forma diferente para ir ao Museu Treze de Maio ou a uma Escola de Samba? Por que?

- Quando fez ou supondo que fizesse um Big Shop, teria ou teve vergonha ou receio de sair na rua? Como foi ou acha que seria a reação das pessoas?

Negritude

- Você acha que nos dias atuais muitas mulheres negras estão utilizando o seu cabelo natural devido a uma consciência e identidade negra, devido a moda, ou outro fator? Qual? Porquê?
- Utilizar tranças nagô está correlacionado a identidade (afirmação, consciência) negra?
- Realizar o Big Chop está correlacionado a identidade (afirmação, consciência) negra?
- O que é negritude?
- O que significa assumir a negritude?
- Assumir a negritude associa-se com a atitude de deixar o cabelo sem alisar?
- Assumir a negritude associa-se com a atitude de não utilizar Mega Hair?
- O que você pensa acerca da expressão “negro é lindo”?

ANEXO B – Descrições Capilares

Para entender melhor a escolha pelas diferentes formas de manipulação do cabelo afro, considero que seja importante apresentar e descrever as classificações capilares. Julgo a relevância dessas descrições por acreditar que elas situarão o leitor a respeito de que tipo de cabelo e de que manipulação me referi no decorrer desta dissertação.

Os cosméticos voltados para o tratamento de cabelos se distinguem pela classificação de: oleoso ou seco, com caspa, cacheado ou liso, tingido, entre outras descrições. No entanto, essa divisão não supre todos os tipos de cabelo, uma vez que existem especificidades que cada cabelo possui que não devem ser ignoradas, pois, para a realização de um tratamento adequado para determinado tipo de cabelo, deve-se levar em conta a particularidade deste. Para este estudo, utilizarei a classificação capilar André Walker, a qual considero a mais propícia para entender as peculiaridades, principalmente dos cabelos cacheados e crespos. A seguir, descreverei as diferentes formas de manipulação que foram observadas na minha inserção em campo.

1.1 MÉTODO ANDRÉ WALKER – *Naturally Curly*

A partir de uma procura a respeito de dicas para cuidados com o meu cabelo, sendo este um cabelo afro, assistindo a tutoriais e matérias sobre cabelos cacheados e crespos na Internet, observei que muitas mulheres descreviam o seu cabelo com um número e uma letra. Como, por exemplo: 1C, 2B, 3A, 4C. Elas referiam esse número e essa letra como uma forma de tratar do seu cabelo: Como meu cabelo é 3C, uso o produto tal. Indagada com as falas das mulheres relacionando uma determinada letra e um número ao seu tipo de cabelo, procurei então, entender o que essas siglas significavam. Assim sendo, descobri que essas “siglas” que eram desconhecidas no meu cotidiano eram famosas na Internet e muito utilizadas principalmente por mulheres que possuem cabelos cacheados e crespos. Esse foi o maior motivo pelo qual essa classificação capilar me despertou interesse.

Essa classificação, relacionada quanto à forma dos cabelos é exposta pelo Hair Stylist⁷⁶ André Walker através de fotos e descrições e está disponível no site da *Naturally Curly*, que é considerado uma bíblia para os cabelos cacheados e crespos. Este site indica produtos, salões de beleza nos Estados Unidos, posta vídeos tutoriais de mulheres cacheadas e crespas, assim como artigos interessantes a respeito do cabelo. Criada primeiramente por Lorraine

⁷⁶ Hair Stylist: além dos conhecimentos e domínio técnico do cabeleireiro, possui uma visão globalizada de moda, estilo e comportamento do cliente.

Massey em seu livro *Curly Girl*, essa classificação não possui apenas divisões clássicas (seco ou oleoso, liso ou cacheado, etc), mas cinco categorias significativas: a porosidade, densidade, largura, comprimento e onda padrão do cabelo. O último item citado que é a onda padrão é o elemento principal que define essa classificação.

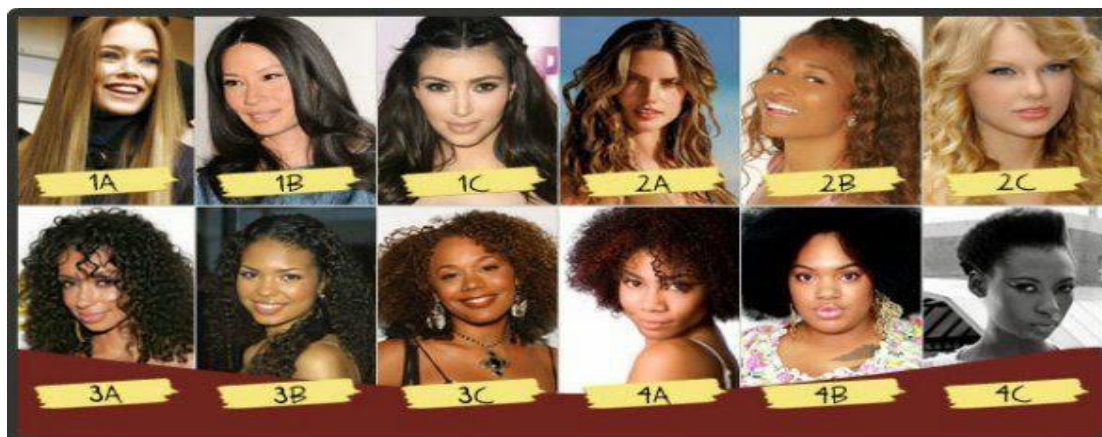
Considero que devido esta classificação considerar a estrutura orgânica do cabelo e dar consideração aos cabelos cacheados e crespos este sistema começou sendo utilizado pelas mulheres americanas, principalmente as que seguem o estilo afro natural. No Brasil não é diferente, pois mesmo que essa classificação dê importância para todos os tipos de cabelo, as mulheres que mais aderem e discursam sobre essa classificação são as mulheres cacheadas e crespas. Sublinho que a classificação de André Walker exposta em tutoriais na Internet é conhecida por algumas das minhas interlocutoras e entrevistadas.

De acordo com a categoria em que determinado cabelo se encaixa nesta classificação, é possível apreender cada tipo capilar e sendo assim, manipular adequadamente os cabelos em sua estrutura natural.

A figura ao lado mostra como os tipos de cabelo vão mudando conforme a onda padrão. A figura está de acordo com a classificação do



padrão de onda disponível no site *Naturally Curly*, que não exibe subdivisões para o cabelo liso. Mas, no entanto, na maioria dos sites observei que há uma subdivisão no cabelo tipo 1



mesmo que o padrão de onda deste cabelo seja o mesmo.

1.1 TIPOS DE CABELO

1.1.1.1 TIPO 1 – Lisos

Cabe salientar que embora o cabelo liso seja uma exceção encontrada nas mulheres negras, as quais são o grupo pesquisado do presente estudo, é necessário que este tipo de cabelo seja descrito, para o entendimento de questões que são relevantes para o estudo, como, principalmente os alisamentos.

O cabelo liso é muito resistente, suscetível a químicas, não se agride tanto quanto os outros tipos e é o mais brilhoso de todos os tipos de cabelo.

O único tipo de cabelo que não possui fotos ilustrativas no site da *Naturrally Curly* é o cabelo liso. A partir de então procurei fotos para elucidar as diferenças existentes entre os tipos 1A, 1B e 1C e postei fotos com base nas descrições dos artigos acerca da classificação André Walker que eu presumi que pudessem ser encaixadas nesses tipos capilares.

	LISOS		
	1A	1B	1C
			
Textura	Fino	Médio	Grosso
Padrão de Onda - Seco	Sem Onda	Sem Onda	Sem Onda
Padrão de Onda - Molhado	Liso	Liso	Liso
Volume	Pouco Volume	Volume Médio	Bastante Volume
Tendência a Frizz	Baixa	Baixa	Baixa
Brilho	Muito brilho	Muito brilho	Muito brilho
Hidratação	Alta	Alta	Alta
Oleosidade	Oleoso	Oleoso	Oleoso

Os cabelos do tipo 1 são cobijados pelas mulheres devido a muitos fatores, como, por exemplo, o brilho, a ausência de frizz e a praticidade. Os alisamentos, assim como a escova e a chapinha são as “soluções” para obter esse tipo de visual. As mulheres que possuem o cabelo Tipo 1 quase ou não realizam hidratações no seu cabelo, pois o cabelo possui um brilho natural e é difícil de ser danificado. No entanto, com as alisadas é diferente, pois embora que o seu cabelo esteja liso, a sua raiz não é lisa, e é de acordo com essa categorização natural que ele deve ser tratado. Outro fator relevante é o fato de muitas mulheres que pertencem ao tipo de cabelo 1 não precisarem utilizar finalizadores para a obtenção do cabelo liso, praticamente obrigatórios na vida das alisadas, como, principalmente a chapinha.

1.1.1.2 TIPO 2 - Ondulados

A classificação de acordo com o padrão de onda auxilia principalmente as mulheres onduladas, cacheadas e crespas, pois a descrição é de acordo com as distinções das ondas capilares.

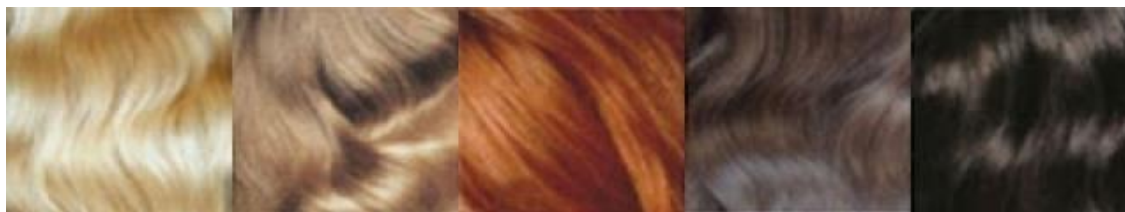
	ONDULADOS		
	2A	2B	2C
			
Textura	Fino	Médio	Grosso
Padrão de Onda - Seco	Padrão em “S”	Padrão em “S”	Padrão em “S”
Padrão de Onda - Molhado	Liso	Liso	Ondulado
Volume	Volume Médio	Volume Médio	Volume Médio
Tendência a Frizz	Média	Média	Média
Brilho	Médio brilho	Médio brilho	Médio brilho
Hidratação	Média	Média	Média
Oleosidade	Normal	Normal	Normal

Assim como o liso, o cabelo ondulado é outro tipo capilar considerado uma exceção existente nas mulheres negras e é também apontado como o cabelo mais maleável de todas as categorias, pois se adapta facilmente a mudanças, tanto para o liso, quanto para o cacheado.

O maior problema desse tipo de cabelo é que a maioria das mulheres desconhece as maneiras adequadas para manipulá-lo e acabam por alisá-lo.



Tipo 2A



Tipo 2B



Tipo 2C

Incomum, o cabelo 2C apenas não se define como cacheado devido a sua raiz ser lisa. Porém, observei nos artigos e tutoriais que esse é um tipo de cabelo considerado supernatural devido a ser um cabelo que é quase cacheado. Assim sendo, entende-se que no Brasil os cabelos considerados mais naturais são os ondulados, cacheados e crespos. Nos ambientes que frequento sempre procuro observar qual é o tipo de cabelo predominante e ainda não constatei a predominância do cabelo






liso. Penso que devido a grande miscigenação brasileira os cabelos possuem proporções

variadas de padrões de ondas e por isso entende-se que o cabelo com ondulações é o cabelo natural e que o cabelo liso é em sua grande maioria, alisado. Ressalto que antes de conhecer a classificação André Walker eu considerava o cabelo ondulado como um cabelo liso. As ondulações deste tipo capilar eram percebidas por mim, mas, mesmo assim, eu julgava o cabelo ondulado como liso considerando apenas a raiz do cabelo e não o seu comprimento até as pontas. Assim como eu, muitas pessoas definem o cabelo ondulado desta forma e talvez seja por isso que este cabelo embora cobiçado, não seja tão retratado no mercado de consumo. Hoje em dia os produtos voltados para os cabelos ondulados são minorias, ao contrário dos produtos direcionados para os cabelos lisos e cacheados.

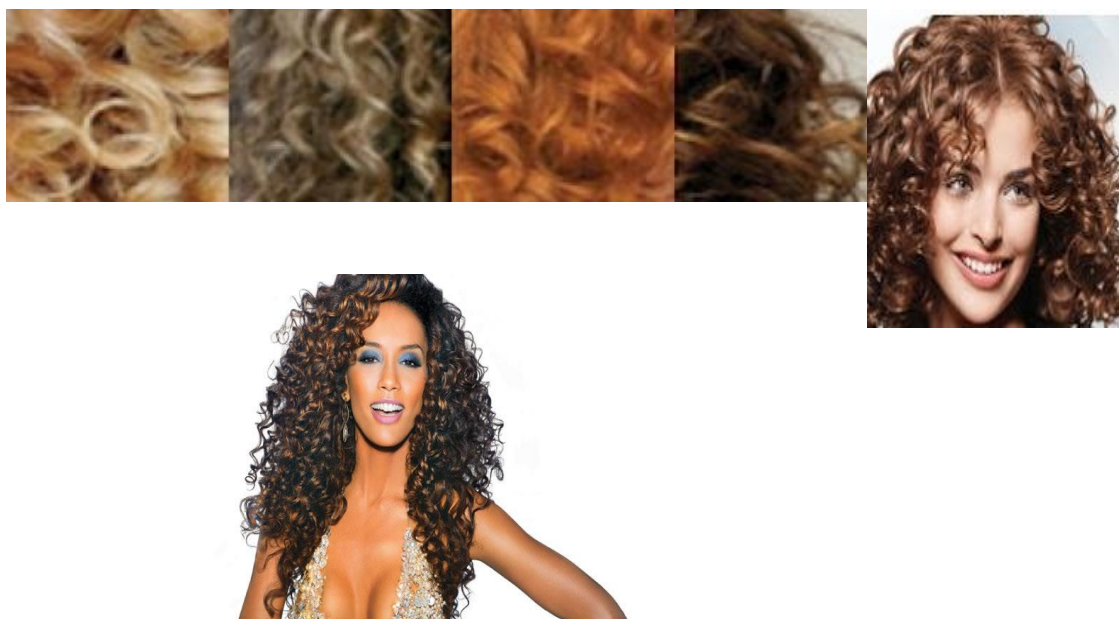
Tipo 3 – Cacheados

Devido a miscigenação brasileira, o cabelo cacheado é um dos cabelos mais percebidos dentre as mulheres brasileiras e este tipo de cabelo já aparece com mais evidência que os anteriormente citados, nas mulheres negras.

	CACHEADOS		
	3^a	3B	3C
			
Textura	Fino	Médio	Grosso
Padrão de Onda - Seco	Cacho suave em “S”	Cacho em espiral	Cacho fechado
Padrão de Onda - Molhado	Cacheado	Cacho Médio	Cacho pequeno
Volume	Muito volume	Muito volume	Muito volume
Força - Elasticidade	Alta	Alta	Alta
Brilho	Baixo brilho	Baixo brilho	Baixo brilho
Hidratação	Baixa	Baixa	Baixa
Oleosidade	Normal	Tendência a Seco	Tendência a Seco

O cabelo cacheado é o sonho de muitas mulheres que possuem o cabelo crespo (Tipo 4). Considero que as mulheres pertencentes ao cabelo Tipo 4 devem procurar não fazer comparações com os outros tipos de cabelo, pois cada cabelo possui a sua particularidade e suas vantagens, bem como, desvantagens, são vistas sob perspectivas diferentes. Como já mencionei anteriormente, não é o correto dizer que um tipo de cabelo é melhor que o outro e sim que cada um dispõe de uma beleza singular. No entanto, entendo que embora que o preconceito aparente estar ser mais ameno, quando se dialoga a respeito do preconceito versus cabelo, o Tipo 4 é o alvo da discriminação. Um dia uma conhecida me disse que as mulheres africanas não tinham o cabelo como o meu, cheio de cachinhos e pelo meu entendimento o discurso dela deu-se em razão de que o meu cabelo possui cachos bem visíveis e não tão pequenos, ou seja, é um cabelo considerado com cachos definidos. Assim, pelo que observo, o cabelo que mais enfrenta preconceitos é o cabelo crespo (Tipo 4), o qual é encontrado na maioria das mulheres negras. Chamo atenção pela maneira como as descrições dos cabelos, principalmente dos cacheados e crespos são retratadas. Li em um artigo na Internet que molhado o cabelo cacheado fica arrumado e que após seco volta a ficar encaracolado. Observo neste caso, que o conceito de que um cabelo encaracolado não é arrumado estava tão naturalizado que a pessoa que escreveu a matéria não se deu por conta que o preconceito acerca do cabelo cacheado encontrava-se ali, exposto no texto.

Tipo 3A



Tipo 3B



Tipo 3C – Cabelos Crespos

No que concerne ao tipo de cabelo 3C, segundo as descrições capilares dos artigos da Internet, seus cachos são mais apertados, sua espessura vai de um babylliss fino até um lápis e nascem desde a raiz. A partir de descrições como estas, percebo que é um pouco complicado entender qual o meu tipo capilar, visto que meu cabelo possui características que não se enquadram somente em um tipo



de cabelo. Esse é um problema que a classificação André Walker enfrenta, pois devido a grande heterogeneidade capilar existente principalmente em países miscigenados como o Brasil, uma divisão de apenas 12 tipos capilares não consegue abranger todos os tipos de cabelo que existem. Ao contrário dos tipos capilares já citados, este possui mais dificuldade para ser alisado somente com uma escova.

Um dos artigos que observei discursava que é uma pena que muitas das mulheres crespas recorrem aos alisamentos não aproveitando a beleza dos caracóis, mas que isso pode se dar devido ao cabelo crespo ser difícil de ser tratado. No entanto, um cabelo ser considerado difícil de ser tratado depende muito gosto pessoal de cada indivíduo e das maneiras que este prefere manipulá-lo. Devemos enfatizar que todo cabelo possui sua singularidade, sua beleza e as pessoas não devem fazer comparações entre os tipos de cabelo, bem como nem se sentir inferiores aos outros tipos capilares. Dificilmente alguma mulher não tem uma reclamação a fazer a respeito do seu cabelo, o que corrobora o entendimento de que todo tipo capilar possui seus transtornos e empecilhos. Quanto mais ondas o cabelo possui, mais hidratação necessita, porém muitas mulheres cansam em ter que realizar constantemente esses cuidados capilares. Mas saliento ainda, que o cabelo que é manipulado com a utilização de produtos químicos requer mais cuidados que o cabelo utilizado natural, visto que os

cabelos crespos são delicados e possuem grande tendência a quebrar-se e danificar-se com a utilização de produtos químicos.



Da mesma maneira que descrevi anteriormente sobre as dúvidas perante a classificação do meu cabelo, após ter me inteirado acerca da classificação André Walker, por algumas vezes pensei em qual tipo capilar as mulheres se encaixariam. A partir de então, constatei é difícil designar qual o tipo capilar que a pessoa pertence, pois existe uma variedade de cachos que não se encaixam facilmente na descrição dessa classificação. A meu ver, deveria existir uma ramificação no interior dessa subdivisão para esta classificação tornar-se mais esclarecida, e também, para que consiga contemplar um maior número de tipos capilares. A maioria dos artigos que li destaca ainda, que geralmente uma pessoa pode possuir mais de um tipo capilar. Reforçando esse discurso, lembro que em uma das entrevistas mostrei as fotos descritivas do Método Ande Walker e perguntei a ela qual o tipo de cabelo que a entrevistada pertencia e ela disse: acho que é 4C, mas na nuca, os cabelos estão mais parecidos com o Tipo 3C.

Tipo 4 – Cabelos Crespos

Os cabelos afros formam o Black Power. De acordo com o que observo, a maioria das mulheres pertencentes ao tipo capilar 4 realizam manipulações com produtos químicos






(alisamento, relaxamento e permanente afro) no seu cabelo. Ressalto que quanto mais produtos químicos as mulheres crespas utilizarem, mais o cabelo perde a hidratação interna e tem chances de danificar.

O tipo capilar 4 é encontrado principalmente nas mulheres negras e possui como um dos principais incômodos descritos por estas

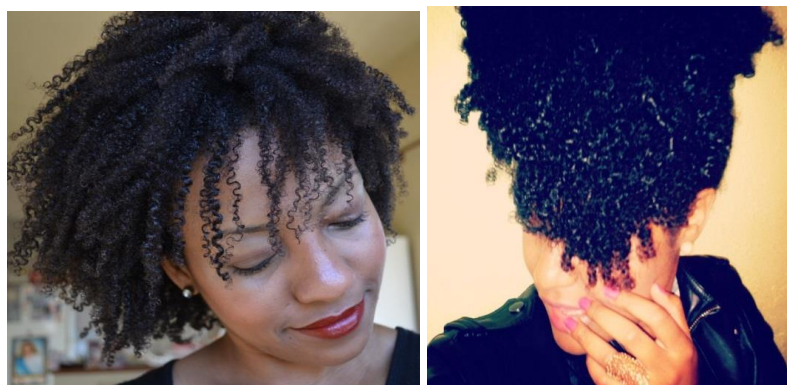
mulheres, o fator encolhimento, pois após seco o cabelo pode chegar a diminuir 75% do seu comprimento normal. Uma das falas que mais escuto das mulheres negras: O meu cabelo não cresce! Muitas pessoas acreditam que o cabelo crespo não cresce, e o que explica essa presunção é que além do fator encolhimento, devido a sua grande sensibilidade, esse cabelo possui uma facilidade de quebrar quanto penteado. Portanto, entende-se que os cabelos pertencentes ao Tipo 4 crescem da mesma maneira que os outros tipos e o que pode diferir no crescimento capilar são as diferenças individuais. Ou seja, as diferenças capilares não se dão devido aos tipos e sim às condições particulares de cada pessoa, como metabolismo, hábitos de alimentação, entre outros fatores. Portanto, é errôneo o discurso a respeito de que é difícil avistar um cabelo afro natural e comprido e este pressuposto se contrapõe à imagem ao lado.

Outro discurso que me fez refletir acerca dos cabelos crespos (Tipo 4): Como a raiz dos fios deste tipo de cabelo são bem enroladinhas, elas nascem perto uma da outra e por isso causam um efeito de bagunça! Pode-se até entender que muito já foi modificado acerca do cabelo afro, mas através destes discursos percebe-se a maneira como ele é caracterizado e descrito, dando a entender que está longe de ser o cabelo padrão ideal, assim como, um cabelo bem-apessoado.

	CRESPOS		
	4^a	4B	4C
			
Textura	Fino	Médio	Grosso
Padrão de Onda - Seco	Cacho fechado em forma de “S” se esticado	Cacho muito fechado em forma de “Z” se esticado	Cacho muito fechado
Padrão de Onda – Molhado	Cacho fechado	Cacho muito fechado	Cacho em forma de “Z” se esticado
Volume	Muito volume	Muito volume	Muito volume
Tendência a Frizz	Alta	Alta	Alta

Brilho	Opaco	Opaco	Opaco
Hidratação	Muito baixa	Muito baixa	Muito baixa
Oleosidade do fio e couro	Pouca Maciez	Pouca Maciez	Pouca Maciez

Tipo 4A



Tipo 4B



Tipo 4C

O cabelo 4C é tão crespo e seus cachos são tão pequenos que se tornam imperceptíveis e sem definição e resulta no legítimo estilo Black Power.

As descrições sobre esse tipo de cabelo relatam que um dos principais problemas dele é ser armado, dando a entender que o volume capilar não é algo apropriado, da mesma forma



que se enfatiza que é um cabelo pouco macio, muito opaco e que ao contrário do liso, não é um cabelo domado. Expressões como estas pode refletir nas mulheres crespas não sentirem vontade de utilizar o seu cabelo natural por acreditar que ele é feio. Saliento que li em apenas uma matéria que o cabelo crespo (4C) é muito macio, pois ao contrário dessa descrição, este tipo de cabelo é conhecido como cabelo duro até como um sinal diacrítico de conscientização negra.

É bem mais difícil para uma mulher assumir a utilização do tipo de cabelo 4C do que outro tipo de cabelo, uma vez que o 4C define-se por não possuir aparente definição em seus cachos de formato zigue-zague. Na Internet observei que as mulheres que mais se reúnem para dialogar acerca do seu cabelo são pertencentes ao 4C e percebi como para elas este tipo de cabelo é difícil de ser aceito, assim como ostentado. Ainda não constatei uma propaganda que diga: Deixe o seu cabelo como o tipo 4C! Pelo contrário, os anúncios geralmente enunciam: Deixe seus cachos definidos! Eu observo a maioria das mulheres pertencentes a este tipo capilar reclamarem de possuir um cabelo com esse perfil e justificarem que por essa razão aderem a química. Saliento que a partir do meu conhecimento acerca da Classificação André Walker, eu estou descrevendo como 4C, até porque percebi que é deste tipo capilar que elas estão referindo-se, mas elas falam: Meu cabelo é ruim! Meu cabelo é duro! É o pior de todos! Acentuo que em um dos artigos, uma dessas mulheres contou que quando fez o big chop achou que o seu cabelo ia ficar no máximo no tipo 4A, com aparente definição de cachos, mas após um tempo de crescimento capilar, para a sua surpresa deparou-se com o Tipo 4C e teve que se empenhar mais para aceitar o seu cabelo.





No que concerne ao Tipo 4 muitos artigos expressam o entendimento de que esses cabelos passam por outra manipulação química, pois enfatizam que caso a mulher que pertence a esse tipo de cabelo tenha realizado algum processo químico, é necessário analisar a partir da raiz, os primeiros 2.5 cm do cabelo. Penso que esta percepção é verídica, uma vez que pelo menos aqui em Santa Maria é raridade ver uma mulher negra com um cabelo Tipo 4C natural.

Conclusões do Método André Walker

Algumas mulheres não gostam da classificação André Walker devido as negras serem as últimas a serem descritas, ressaltando para o entendimento destas, a ideia de que o seu estereótipo é inferior ao das outras etnias. No entanto, este fato pode não ter sido ocasionado intencionalmente, uma vez que a ordem dessa classificação é caracterizada por uma progressão de ondas. Mesmo diante das adversidades que a classificação André Walker encontra, considero que até então é a organização capilar mais apropriada, visto que pela primeira vez observei uma atenção maior aos cabelos crespos e percebi mulheres que possuem o mesmo tipo capilar se reunindo e debatendo a respeito do seu cabelo. Há pouco tempo atrás, todas as mulheres negras eram definidas como mulheres que tinham o “cabelo de negro”. Não era nem cogitada a ideia de subdividir a imensa diversidade de características que eram encontradas nessas mulheres e, portanto, todas eram enquadradas no mesmo âmbito. O discurso mais pronunciado era que o cabelo de tal mulher era mais ou menos pixaim ou duro que o da outra. Sem levar em conta as suas particularidades, os cabelos cacheados e crespos eram tratados da mesma forma, assim como, os ondulados e lisos. Entendo que a Classificação André Walker embora com suas deficiências, auxiliou as mulheres a procurar produtos mais apropriados para o seu tipo de cabelo.

Ainda, há uma polêmica acerca do Tipo 4 também possuir o nome de Cabelos Afros, mas ressalto que em algumas tabelas o nome designado para o Tipo 4 era Cabelos Crespos. Todavia, muitas pessoas realmente o definiam como afro e por esta razão há o seguinte questionamento: Porque os outros tipos de cabelo não são necessariamente caracterizados por alguma etnia e o Tipo 4 é também denominado como afro? Entendo este posicionamento, mas saliento a grande maioria das mulheres negras pertence aos tipos capilares 3 e 4. Devido a

miscigenação brasileira estar ampliando-se, um dia poderemos não constatar um grande número de mulheres negras crespas, mas, até então, estas são o grupo preponderante no Tipo 4.